



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

GERLÂNDIA DE CASTRO SILVA

**PERFORMATIVIDADE HOMOERÓTICA EM PRÁTICAS
DISCURSIVAS DOCENTES.**

Belém/Pa
abr/2014



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

GERLÂNDIA DE CASTRO SILVA

PERFORMATIVIDADE HOMOERÓTICA EM PRÁTICAS DISCURSIVAS DOCENTES.

Tese apresentada à Linha de Pesquisa *Educação: Currículo, Epistemologia e História* do Doutorado em Educação vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, como exigência para obtenção do título de Doutora em educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a JOSENILDA
MARIA MAUÉS DA SILVA

Belém/PA
abr/2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Silva, Gerlândia de Castro, 1973-
Performatividade homoerótica em práticas
discursivas docentes / Gerlândia de Castro
Silva. - 2014.

Orientadora: Josenilda Maria Maués da Silva.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do
Pará, Instituto de Ciências da Educação,
Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém,
2014.

1. Professores universitários - Brasil. 2.
Homossexualismo e educação - Brasil. 3. Ensino
superior - Brasil. 4. Teoria do conhecimento. I.
Título.

CDD 22. ed. 378.1240981

GERLÂNDIA DE CASTRO SILVA

**PERFORMATIVIDADE HOMOERÓTICA EM PRÁTICAS
DISCURSIVAS DOCENTES.**

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Josenilda Maria Maués da Silva (orientadora) - ICED/UFPA

Prof. Dr. Antônio Carlos Rodrigues de Amorim - FE/DELART/UNICAMP

Profª Drª Flávia Cristina Silveira Lemos - ICED/UFPA

Profª Drª Gilcilene Dias da Costa - ICED/UFPA

Profª Drª Sílvia Nogueira Chaves - IEMC/UFPA

Belém/PA
abr/2014

A Maria e Francisco, *devires* pais, amigos, professores.
A Franklin, *devir* presente. Inexplicável sua companhia!
Às cinco irmãs, diferenças e composições...
E à Pagú, sempre alegre, na chegada.
Amorosa, carinhosa e ternamente...

Na travessia, incerteza
Da vidraça, a diferença
No porto, à deriva
No chamado, o dissenso

Na mensagem, artifícios
Na celebração, tessituras
Na artistagem, distorção
No papel, escrituras

Para Jôse Maués,

Por prazerosos vestígios e insídias
na tessitura da diferença da escrita
acadêmica pós

Agradecimentos especiais aos que deixaram marcas e traços na escritura desta Tese. Divido e invento multiplicidades no prazer de sua companhia nesta caminhada, na alegria da chegada e nos *devires* outros momentos semeados.

A Prof^a Dr^a Josenilda Maria Maués da Silva que, nos labirintos da vida e da vivência na investida errante desta *Pop-Tese*, acionou, de modos incertos e certos, possibilidades *pós* nos artifícios da orientação. Sua companhia produziu significações a este trabalho e permitiu o desejo de saber. Agradeço sua confiança e torcida.

Aos Professores Doutores que compõem a banca avaliadora: Antônio Carlos Rodrigues de Amorim, Sílvia Nogueira Chaves, Flávia Cristina Silveira Lemos e Gilcilene Dias da Costa por propiciarem, desde o momento da qualificação, que performances acadêmico-científicas fossem desvirtuadas e reconstruídas como potências desta escritura.

Aos professores que transitaram pelas fronteiras do doutorado 2010 com disciplinas, orientações e chamamentos às sendas da construção da pesquisa em educação.

Aos colegas e amigos da Linha de Pesquisa *Educação: Currículo, Epistemologia e História*, pelos debates produzidos em sala que atravessaram o modo de construção deste trabalho.

A Rosângela Barbosa, Raquel Amorim e Sérgio Nassar grandes amigos, exemplos de força, disposição e sabedoria.

Ao *Difere* grupo de estudo no olhar da diferença, especialmente aos Professores Doutores Jadson Gonçalves, Joyce Ribeiro e Jorge Eiró por sua presença nos momentos tensos deste trabalho, produzindo serenidade.

Ao Leandro Passarinho Reis Júnior, o melhor de todos os irmãos, que investiu nesta produção com disciplina e coragem ao multiplicar migalhas, escutar amolações, adulterar o tempo e trair a memória, com senso crítico e de humor únicos.

E aos que, de alguma forma, contribuíram para os jogos discursivos deste acontecimento.

RESUMO

Práticas discursivas sobre o homoerotismo e docência são objetos de desejo nesta Tese produzida a partir do trabalho com narrativas docentes. Ao adotar-se uma investida em jogos discursivos subversivos que desmargeiam os centros e povoam as periferias na produção epistemológica, adveio perscrutar sobre docência e diferença e procurar em narrativas a produção da performatividade homoerótica na experiência do ensino superior. No encalce deste intento, rastros levaram ao pós-estruturalismo como teorização da diferença na busca de composições em *devires* e conduziram à produção de uma escritura que ocorre em uma conjunção epistemológica que considera a sua fragmentação, inconstância, deslizamentos e interpelamentos arquitetados enquanto tirocínios discursivos, orientados, e por vezes desorientados, por entendimentos deleuzianos e foucaultianos. Nas linhas de fuga dessas orientações se investe em uma experiência de escritura cartográfica multiplicadora de acontecimentos em jogos intensos de processualidades e experimentações para produzir uma poética da escrita com invenções, contos, poesias, devaneios e divagações. Atravessa o estudo a compreensão da experiência homoerótica na docência enquanto lugar da abjeção virtualizado e atualizado num *continuum* de problematizações e relocalações, achados e criações. A experiência homoerótica na docência opera, portanto, como um espaço móvel, provocativo, perturbador, instável e fronteiro, atravessado por práticas discursivas que lhe imprimem governo, performatividade e desproblematização, porém, lugar de onde emerge a possibilidade de dissensos. Por isso, quando o contrassenso da significação se instala no sítio da experiência docente, as performances são deslocadas e passam a operar de forma produtiva forjando sujeitos fronteiras, entre/através, na travessia de dois lugares simbólicos - o homoerotismo e a docência.

PALAVRAS-CHAVE: docência, performatividade e homoerotismo

ABSTRACT

Discursive practices on the homoeroticism and teaching are objects of desire in this Thesis produced from the work with teaching narratives. By adopting an onslaught in subversive and discursive games that go off the centers and populate peripheries in epistemological production, it aims at looking into teaching and difference, and seek narratives production of the homoerotic performativity in higher education experience. On the trail of this intent, tracks led to poststructuralism as theory of difference in search of compositions in transmutation and led to the production of a scripture that occurs in a conjunction that considers its epistemological fragmentation, inconstancy, slippage and challenges architected while oriented discursive apprenticeships, and sometimes disoriented by Deleuzian and Foucauldian understandings. In the creepages of these guidelines is invested in a multiplier scripture cartographic experience of events in intense games of procedural ages and trials to produce a poetic writing with inventions, stories, poems, musings, and ramblings. The study goes through the understanding of homoerotic experience in teaching while place of abjection, virtualized and upgraded in a continuum problematization and replacements, finds and creations. The homoerotic experience in teaching, therefore, operates as a mobile space, provocative, disturbing, unstable and bordering, crossed by discursive practices that impart governance, performativity and trouble-shooting, however, place from which emerges the dissent possibility. So when contradiction of meaning falls in teaching experience, the performances are displaced and will operate productively forging boundaries subject, between/through, across, two symbolic places - homoeroticism and teaching.

KEYWORDS: teaching, performativity and homoeroticism

RÉSUMÉ

Des pratiques discursives à propos de l'homoérotisme et l'enseignement sont des objets de désir dans cette thèse, produite à partir de l'ouvrage avec des récits d'enseignement. Quand on adopte une attaque en jeux discursifs subversifs qui retirent les centres du bord de la situation et cherchent remplir les périphéries dans la production épistémologique, il est advenu d'examiner minutieusement sur l'enseignement et la différence, et chercher dans des récits la production de performativité homoérotique dans l'expérience de l'enseignement supérieur. En ce que concerne les traces de cette intention, les titres ont conduit à post-structuralisme comme la théorisation de la différence à la recherche de compositions en *devires* et ils ont amené à la production d'une écriture qui survient dans une conjonction épistémologique qui rend en compte sa fragmentation, l'inconstance, les glissements et les interpellations architecturées comme expériences discursives, orientés et parfois désorientés, par compréhension à la « delezianos » et « foucaultianos ». Dans des lignes de contournement de cette orientation renversée dans une expérience d'écriture cartographique qui multiplie les événements en plusieurs jeux de processualités et d'essais pour produire une poétique de l'écriture avec des créations, des contes, des poésies, des rêveries et de divagations. Elle traverse l'étude à la compréhension de l'expérience homoérotique dans l'enseignement comme un lieu d'abjection virtualisé et mis à jour sur un continuum de problématisation et de remplacements, de découvertes et de créations. L'expérience homoérotique dans l'enseignement fonctionne, donc, comme un espace mobile, provocateur, inquiétant, instable et à la frontière, traversée par pratiques discursives qui impriment des idées de gouvernement, performativité et déproblématisation, cependant, le lieu d'où émerge la possibilité de désaccord. Ainsi, lorsque la contradiction de la signification s'installe sur l'expérience de l'enseignement, les performances sont déplacées et fonctionnent de façon productive en forgeant des sujets frontaliers, entre/à travers, au carrefour de deux places symboliques - l'homoérotisme et l'enseignement.

MOTS-CLÉS: enseignement, performativité et homoérotisme

SUMÁRIO

	EXÓRDIO	13
1	I ALFARRÁBIO: IRRELEVÂNCIAS	19
2	II ALFARRÁBIO: ESFINGE	27
3	III ALFARRÁBIO: INSÍDIAS E PEGADAS	37
4	IV ALFARRÁBIO: FANTASIAS INSÓLITAS	47
4.1	ARTEFATO: Alegorias e confecções de máscaras infames	50
5	V ALFARRÁBIO: TRAÇADOS, RABISCOS E LAIVOS NA LOUA DA DOCÊNCIA.	84
5.1	ARTEFATO: Traçados e laivos performáticos entre o homoerotismo e a docência.	92
5.1.1	<i>A sala de aula</i>	106
5.1.2	<i>Oráculo</i>	111
5.1.3	<i>Ágape</i>	120
5.1.4	<i>90 tons de encarnados</i>	124
5.1.5	<i>Oba! Oba!</i>	127
5.1.6	<i>Sabatinagem: Jogos de desejos</i>	131
5.1.7	<i>Gaiola de Miss Saia Dourada</i>	135
5.1.8	<i>Dança Perniciosa</i>	139
5.1.9	<i>Do Réveillon à Ressaca</i>	141
	ARREMATES: PERCURSOS PIRATAS À CAMINHO	145
	REFERÊNCIAS	

LISTA DE IMAGENS

Fig. 01	<i>O Navio</i> - Salvador Dali	19
Fig. 02	<i>Ödipus und die Sphinx</i> - Gustave Moreau	27
Fig. 03	<i>O Caminho de Enigmas</i> - Salvador Dali	37
Fig. 04	<i>April</i> - Michael Cheval	47
Fig. 05	<i>Dante e Virgílio no inferno</i> - Bouguereau	68
Fig. 06	O Escolar - Vincent van Gogh	84
Fig. 07	<i>Jardim das delícias terrenas</i> - Hieronymus Bosch	95
Fig. 08	Campus de Castanhal - Campus de Castanhal	101
Fig. 09	<i>Orla do Rio Caeté, Bragança</i> - Jameson Viana	112
Fig. 10	<i>Palácio Episcopal, Bragança</i> - Niani	112
Fig. 11	<i>Lula Molusco in Bob Esponja</i> - Stephen Hillenburg	136
Capa	<i>A morte de Jacinto</i> - Jean Broc, 1801	

HOMOEROGRAFEMAR

Confabular acontecimento
Resistir à domesticação
Legitimar o monstruoso
Pulverizar sensações

Descartar finalidades
Falsear ideias
Multiplicar migalhas
Escutar amolações

Perverter o tempo
Reverter a memória
Cultivar aparência
Trair a perfeição

Colorir pecados
Causar estardalhaços
Envenenar a experiência
Ridicularizar emoções

Desejar a tirania
Insultar temperamentos
Satisfazer a lascívia
Descolonizar eventos

**PERFORMATIVIDADE HOMOERÓTICA EM
PRÁTICAS DISCURSIVAS DOCENTES**

PERFORMATIVIDADE HOMOERÓTICA EM PRÁTICAS DISCURSIVAS DOCENTES.

EXÓRDIO

Toque úmido resvala sobre o lanço escorregadio dos dedos e desde as extremidades quer provocar, entontecer, causar gemidos, ruídos de um prazer subversivo que procura desmargear os centros e povoar as periferias na produção do conhecimento. Inquietante fetiche perscruta sobre a docência e a diferença ao procurar em narrativas pós-língua, pós-cabeça, pós-corpo, pós-epiderme, a produção performativa homoerótica na composição do ensino superior. Já experimentou extasiado, pulsante e ansioso, o deleite que as teorizações da diferença e da desconstrução identitária provocam na relação com a abjeção. Agora deseja confabular definições e tramar discursividades na miragem desses estudos, para projetar *devires*. A respiração ofegante aparelha os sentidos para a produtividade narrativa em um balançar, crescente *vai-e-vem* de incertezas, que ambiciona mais a fragmentação e a inconstância, os deslizamentos, interpelamentos e *devires* arquitetados enquanto tirocínios discursivos orientados, e por vezes desorientados, por entendimentos deleuzianos e foucaultianos. Das linhas fuga, procura por aproximações e distanciamentos de teorizações para a composição das narrativas cujo desejo de uma escrita a quer perturbadora e multiplicadora de acontecimentos atualizados em jogos sensuais intensos de processualidades e experimentações de zonas

inóspitas que podem produzir uma poética da escrita com invenções, contos, poesias, devaneios, metáforas, literalidades e divagações. A investida discursiva acaricia e desliza sobre pontos suavizados inventando um chão de insegurança e ingovernabilidade; mais de achados e engenhos do que de revisão, mais de pastiche e montagens sádicas do que pureza e amenidades. Saboreia um terreno perspectivado, não concluído, não acabado, como provocação de instabilidades, lampejos e desassossegos. Uma pós-escrita, um pós-corpo, um pós-erotismo, um pensamento pós, uma pós-docência, dentre outros burburinhos, atreve-se a por em xeque os ditames de verdades estabelecidos e busca os discursos comuns, hora despreocupados e descomprometidos, hora contestadores e abjetos, lançando à linguagem a tarefa de problematizar-se e constituir-se enquanto instância inventiva. Enroscam-se neste leito múltiplos braços, dezenas de línguas que, na enseada discursiva, querem, anseiam, e por isso penetram e puxam, vibrando para lados diferentes e desiguais tornando relevantes as definições de poderes sádicos, enquanto fluidos, e inverdades aos quais as narrativas pós-estruturalistas são adeptas. Com silhuetas em movimento fica abstruso definir um sujeito: nem *homem vitruviano*, tampouco espírito ou alma ignóbil e sem feições o define, uma vez que não passa de uma construção discursiva. Sujeitos são espectros e efeitos de formulações discursivas cujas identidades não podem ser nem

fixas, centradas ou únicas, simplesmente não o são, fazendo-se conexo o pensamento sobre a diferença. Um pensamento que provoque torção nas lógicas e sentidos que a abordagem pós-estruturalista possa contrariar e que compreenda como Hall¹ as definições identitárias como culturais, ou descentradas, ou mesmo não homologadas, já que povoadas pela diferença. Sim! É da diferença que se ocupa esta escritura. Na dança carnal, concupiscente e sensual, diferença e gênero emergem como conceitos que passam por processos históricos de significações em que o gênero, tendo sido forjado enquanto construção social e cultural de masculinidade e feminilidade é atravessado por relações de poder que o colocam em questionamento e até excluem referências às diferenças biológicas, dando visibilidade aos aspectos culturais, mesmo que, em murmúrios, sussurros e desvarios construa-se um *falo* cultuado, venerado e desejado que, numa contraposição binária, enraíze atitudes heteronormativas que estão presentes em suas significações². Por isso, em um trânsito de volúpia pela diferença e em colóquio adiado com o homoerotismo, a escrita quer emaranhar-se à abjeção por entendê-la o que foge à regra, lugar da dessemelhança e da não identidade³. Perdida no labirinto de chamamentos da subjetividade exercita o desejo de operar com a construção de outros corpos – os não civilizados – na busca

¹ 2004

² Louro, 1997.

³ Butler, 2002.

de povoar os lugares alternativos da diferença tornando-os forjados, mais sujos, mais encharcados, mais regados, para além das pretensões fundacionais. Reconhece que a reiteração das normas em cenas ritualizadas cria subjetividades em um processo performático, porém aposta que a pichação abjeta do erotismo em vários corpos produz uma contravenção operando com a instituição da diferença. Nesse movimento, um chamamento para o amparo e distanciamento das proposições dos campos discursivos pós-estruturalistas instiga a operar com a diferença e a abjeção ao referir-se à experiência homoerótica na docência como um lugar móvel, provocativo, perturbador, instável e fronteiro, atravessado por práticas discursivas que lhe imprimem governo, performatividade, desproblematização e lugar de onde emerge a possibilidade de desmantelamento. Sussurrando aos ouvidos orientações e posições, não poderia o texto pretendido nesta construção estar organizado de forma linear e meramente descritiva. Suas linhas de tempo escorregadias e quebradiças provocam mais a desordem do que a organização da escrita em algumas partes ora chamadas de *Alfarrábios*.

No primeiro dos alfarrábios - *Irrelevâncias* - há uma procura por significados para o lugar da experiência homoerótica na docência enquanto trânsito discursivo e objeto investigativo que emerge de experiências em torno da exclusão e de silenciamentos acadêmicos no que diz respeito à temática

de investigação, ao propor a discussão de dispositivos microfísicos por vezes desproblematizados que se fizeram presentes, bem como ausentes, nos episódios de uma trajetória.

O segundo Alfarrábio - *Esfinge* - procura desconstruir o que o monstro enigmático da problematização de uma pesquisa permite ser estudado, buscando projetar luzes e trevas para questões problemáticas que permitam esgarçá-las e devorá-las fazendo escorregar, em fluidos cintilantes, verdades provisórias, fabricantes de, sempre outros, achados.

O terceiro Alfarrábio - *Insídias e Pegadas* - descreve as estradas perdidas, erros e acertos de métodos e escolhas procedimentais muitas vezes não homologadas, ao tentar desenhar um escopo deleuziano e foucaultiano que emaranha cartografia com o pensamento *queer* procurando cartografemar *inqueertudes*.

No Afarrábio seguinte - *Fantasia Insólitas* - o texto caminha por divagações discursivas voltadas para uma trajetória desconexa de vida em uma espécie de desmemória de um homoerotismo e o caminho para a docência, com recortes e montagens, esquecimentos e blecautes. Um retorno em atualização a um livro de experiência disposto em uma escrivaninha, tablado de danças, pituetas e confetes.

O quinto Alfarrábio - *Traçados, rabiscos e laivos na lousa da docência* - busca, em narrativas de experiências no

exercício da docência, traços e laivos performáticos, desatenções, interpelamentos e devires na constituição de sujeitos-fronteira, produzindo-se na soleiridade entre os lugares discursivos do o homoerotismo e a docência.

Ao final, há uma busca em des subjetivar as peripécias menos acadêmicas e mais responsáveis vivenciadas no exercício da escrita da tese que vagaram por caminhos errantes em que a suposição de que os lugares simbólicos da abjeção constituem fronteiras onde, em um bailar de libélulas, a diferença produz adiamentos do homoerotismo e da docência ao fabricar sujeitos em trânsito, puro *devires*.

Em vez de esperar contribuir, somar ou satisfazer aos cânones da ciência, o texto anseia simplesmente por desconcertar e desdizer o já dito e semear acontecimentos dispersos ao oferecer miragens alternativas para um *devir* homoerotismo nas composições da docência.

I ALFARRÁBIO

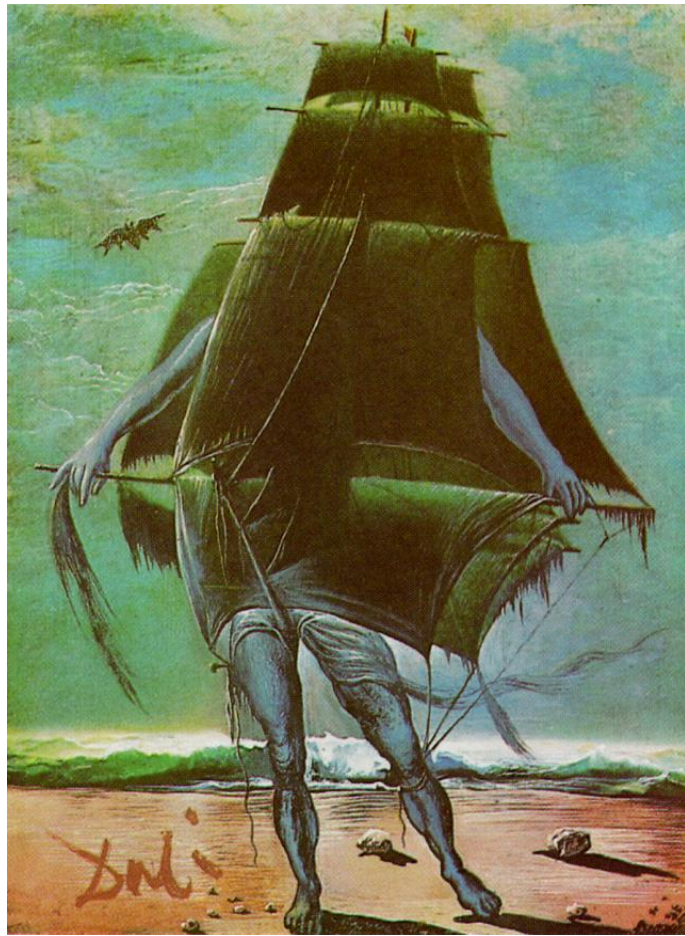
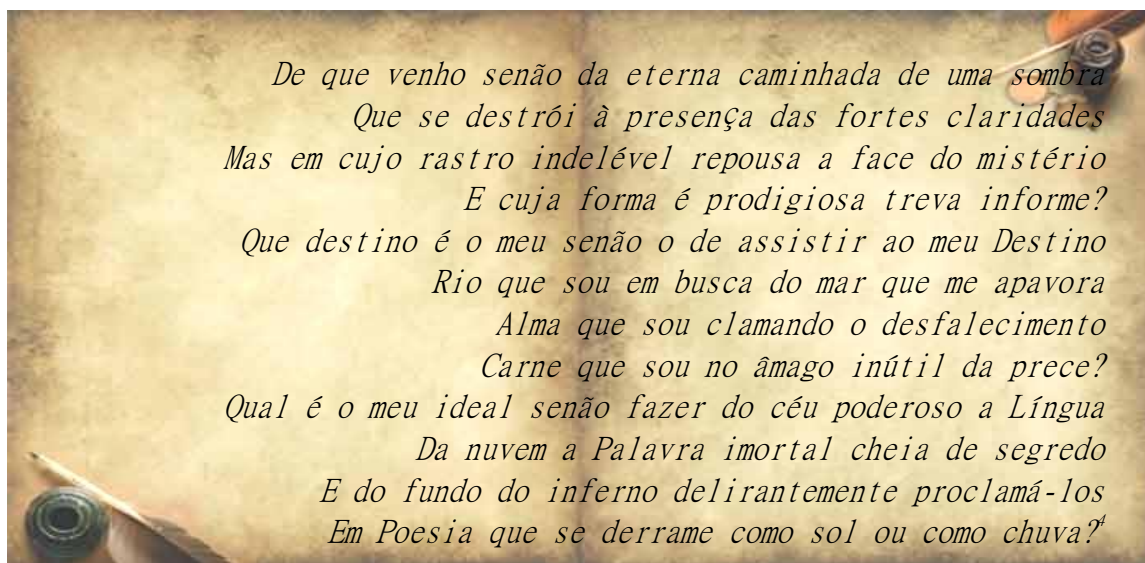


Fig. 1. O Navio - Salvador Dalí 1934-1935

IRRELEVÂNCIAS

I - ALFARRÁBIO: IRRELEVÂNCIAS



Veredas cruzadas, alaistradas, indo para qualquer direção. Navio perdido, sem rumo e nele, pendido por móveis, *mamulengos*, fantoches, extratos de pernas, braços, cabeças e ventres, buscando levar a lugares outros. Procura incerta de assistir a um destino, e fazer o *devir* destino, sem chegada, mais passagem, eterna caminhada. Momento descritivo, construtivo e disjuntivo, que se destrói, como o poeta, à presença de qualquer luz e certezas e que apresenta subjetividades, episódios de um fluxo acadêmico-científico experienciado no percurso de uma vida que desembocou no mar do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Ciência da Educação da Universidade Federal do Pará e na sedução da temática de trabalho. Rio em busca, busca sem achados e achados de incertezas da linguagem

⁴ Vinícius de Moraes. (trechos de) *A vida vivida*.

e dos discursos. Do contato o arrefecimento, da caminhada à tecla, aos atravessamentos que fazem da produção da diferença pretexto para arquitetar e reinventar questionamentos sobre a fabricação de subjetividades docentes. Inquietações que emergem, illogicamente, na década de 1990, no curso da maior parte de uma educação escolarizada básica que provocou e desvirtuou os primeiros questionamentos sobre os lugares da diferença em que estão assentados aqueles e aquelas que, saborosamente, se desviam da regra do esperado socialmente e constroem subjetividades abjetas⁵ e à margem do anunciado, provocando excitações, sem definição, em *devir*. Produto e fabricante, algoz e fetichista de diversas modalidades de convencionalismos em relação ao que é desviante conforme o arquétipo de conduta socialmente aceito envolvendo o que está acima do peso, o que nasce ou vive no interior, o de baixa estatura, o nortista, a mulher, o negro, o indígena, o analfabeto, o trans, o homo, o bi, e toda forma de normatização e prescrições *gays*, só poderia ser tocada pelo afago desconcertante das teorizações da diferença. Formas de convencionalismos foram, ao longo do tempo, demudando-se em inquietações que coroeram e fizeram estremecer até pedir e

⁵ Tomo emprestado de Judith Butler (2001) a concepção sobre o conceito de abjeção que para a autora constitui um termo que coloca em circulação ou em evidência determinadas zonas inóspitas e inabitáveis da vida social que são povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, seja pela etnia, raça, condição social ou orientação sexual. Este, então, é constituído através das forças de exceção e de envilecimento. Esta discussão será retomada mais adiante.

implorar o desconforto de penetrar no mundo fechado da Graduação para principiarem a se tornar mais intensas já na Especialização em *Docência no Ensino Superior no Brasil e na Amazônia*, em que os discursos postos em circulação em sala de aula envolvendo a relação entre professores e alunos foram instrumentos obscenos de desejo. Artifícios subjetivos e constitutivos das diferenças docentes não tardariam em enroscar-se e enlaçar questionamentos intrigados em acompanharem, também, o curso de Mestrado em Educação, sendo defendida a Dissertação em 2008⁶, cujos enlaces curiosos e problematizadores experimentaram sensações com a discursividade docente sobre os processos constitutivos da diferença presentes em suas andanças de formação e atuação. Um ciclone provocou êxtase no pensamento ao constatar-se que a mobilidade, os deslocamentos⁷, bem como os descentramentos experimentados na docência, produzem marcas, não de identidades, mas da diferença, do pertencimento ao outro, de práticas discursivas que atravessam, sem fixar moradas, canchas econômicas, credo, etnia, gênero e sexualidade e fazem da docência arena perspectivada marcada por subjetivações. Fabulosa constatação se intensifica ao desaguamento no curso

⁶ Disponível em: www.ppged.belemvirtual.com.br/arquivos/

⁷ Os novos desenhos no domínio econômico, cultural e tecnológico têm feito do ingresso no tempo chamado século XXI, o engendramento do império de um diferente sistema político e cultural em torno do qual as identidades estão envoltas. Tendo que responder a cada solicitação ou a cada lugar do complexo tempo atual as identidades não conseguem estar em seus lugares fixos, tampouco o sujeito pode assentar-se em uma identidade unificada e estável, mas em “identidades contraditórias ou continuamente deslocadas” (Hall, 1997).

de Doutorado porque nele um conjunto de dispositivos foi acionado, propiciando experiências acadêmicas nas ações curriculares vivenciadas durante o curso; a produção científica conectada a estas disciplinas, bem como a participação no *Grupo de Pesquisa Diferença e Educação* (Difere)⁸, destacando-se a junção destes com a fabricação da proposta de Tese. O *Difere*, desde 2008, lança-se à efetivação de pesquisas interessadas na composição de *sínteses disjuntivas* ateadas nas multiplicidades de abordagens filosóficas de estro pós-estruturalista. Embalado por este intento reúne maquinarias interessadas no investimento na produção do pensamento da diferença como potência criadora no campo da educação preocupando-se, dentre outras miragens, com o currículo e a formação de professores. Nesta arena perspectivada, produz questionamentos sobre os tipos de curvaturas que podem ser eliciadas do pensamento da diferença e sobre as possibilidades de indagar e promover escrituras no estrado da educação, principalmente através de um dos seus mecanismos de divulgação de produção – a revista *Artifícios*⁹ que em sua fabricação investe em aprendizados e exercícios de imagens outras do pensamento sobre educação atravessados pelas propostas da Filosofia da diferença. Exercício que transita por possibilidades de desmargeamentos, descentramentos e problematização do que, até então, tem sido posto como as

⁸ Coordenado pela Prof. Dr^a. Josenilda Maria Maués da Silva.

⁹ Qualis 4.

fontes de pesquisa em educação. Mesmo com toda essa experiência no grupo, não se podem descartar as relações importantes entre o estudo vivenciado no Curso de Mestrado e a escolha das paisagens investigativas no percurso do doutoramento: primeiro porque tanto na pesquisa em nível de Mestrado como agora, no Doutorado, a docência é tomada como lugar de inquietações e, segundo, porque dessas inquietações as discursividades sobre a diferença se fazem presentes, o que conduz ao descentramento de perspectivas enraizadas no âmbito de investigações acadêmicas para a abertura de temáticas que propiciem abordagens investigativas voltadas, dentre outros motes, ao homoerotismo e docência, lugar de questionamentos que interpelam e fabricam o pensamento sobre esta *Escritese*¹⁰. Os tecidos farpados desenhados no corpo, as rendas coloridas esvoaçando no rosto e as tramas urdidas, conectados aos artifícios da subjetivação e aos sítios da docência, estiveram reiterados em grande parte dos arrebatamentos acadêmicos e se tornaram suficientemente instigantes ao ponto de fazer acender chispas, faíscas, dentre aqueles que constituem os lugares das insídias docentes – as brasas do homoerotismo¹¹. Como cobiça

¹⁰ Eiró, 2014.

¹¹ Adendo deve ser feito para demarcar uma preferência pela designação do termo homoerótico ou homoafetivo (embora grande polêmica se dê em torno deste último), que conota aspectos emocionais, sensuais e espirituais envolvidos na relação amorosa de *gays* e *lésbicas*, do que o termo homossexual, uma vez que este último limita o campo de significações ao biológico, ou ao relacionamento estritamente sexual entre as pessoas do mesmo sexo. No entanto, na literatura pertinente, os termos homoafetivo e homoerótico não são usados quando se faz referência às pessoas, e sim às suas relações, usando-se para designar o

da luxúria, a produção da diferença enquanto fabricação, rotulação e fixação de adjetivações abjetas, calharam ser discutidas em algum momento da vida acadêmica, contudo, a experiência homoerótica enquanto dispositivo acionador de multiplicidades investigativas e como campo produtivo que dispara pavios flamejantes mostrou-se instigante por operar, ainda, como lugar de problematização e produtividade, principalmente considerando-se a forma como os debates têm sido colocados em distintos recintos¹². Pensar nos lugares da diferença e no trânsito por eles enquanto máquinas que fabricam, pontilham e produzem, permite pensar nas instituições de ensino. A Universidade Federal do Pará, um saibro labiríntico de investigação, incide como um desses lugares de acontecimentos, mais por sua condição de instituição de ensino superior do que pela possibilidade de

sujeito, o termo homossexual. Neste caso, procurarei fugir desta designação e opto por usar o homoerotismo.

¹² Exemplos recentes geram grande polêmica por sua carga de preconceito, mas apresentam a positividade da visibilidade que a temática alcança, como o chamado “kit gay”, uma proposta de distribuição de material didático que se daria, inicialmente, em seis mil escolas públicas e continha cartilha, cartazes, folders e cinco vídeos educativos. O Kit gay dividiu opiniões e provocou discussões inflamadas. A principal crítica era de que estimularia a homossexualidade entre crianças e adolescentes. A presidente da República, Dilma Rousseff, decidiu, então, vetar o programa do Ministério da Educação no início de 2011. Outro episódio foi a votação simbólica da Câmara dos Deputados, em julho de 2013, que aprovou por requerimento do deputado João Campos (PSDB-GO), autor do projeto que autorizaria a “cura gay”, para que o texto fosse retirado de tramitação. Considerada pela crítica equivocada e inconstitucional, a proposta permitia a existência de tratamento, dado por psicólogos, a pacientes que quisessem “reverter” a “homossexualidade”.

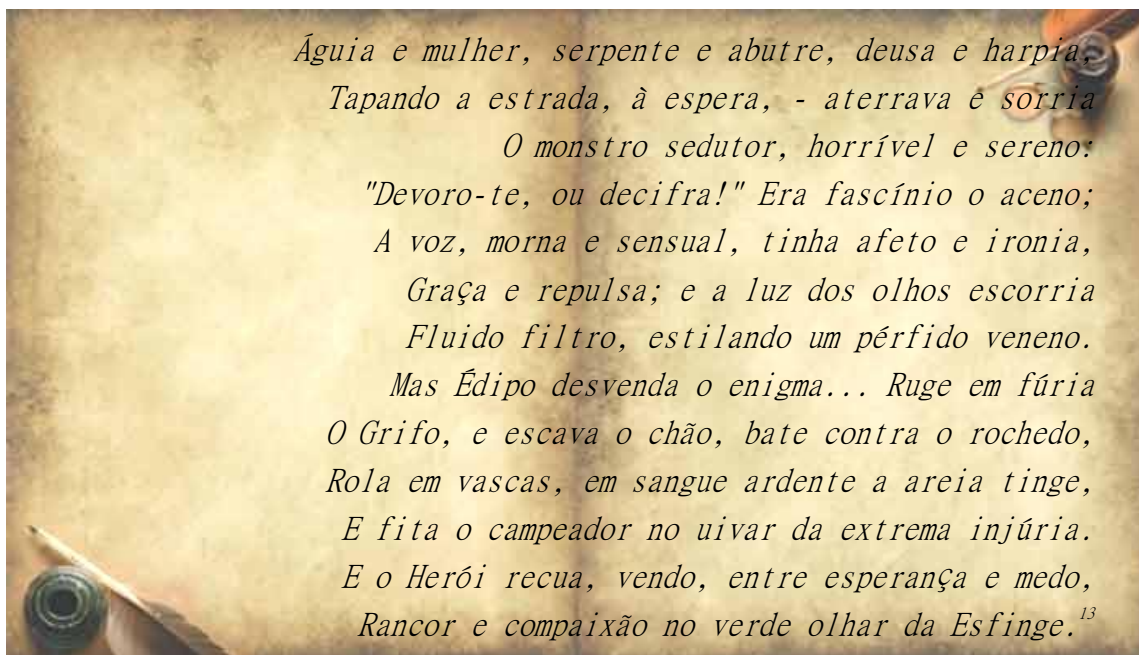
encerrar-se em si mesma, como *lócus* em que o homoerotismo esteja presente na docência. Anfiteatro de sombras nomeadas, anônimas e nômades, sem acortinados, cujos bonecos peraltas visíveis, em comédia improvisada, rodopiam em piruetas e cabriolas com a plateia vibrante; arena em que o espetáculo e o prazer de se fazer culturalmente a docência se misturam com a técnica e a política; em que as tecnologias de controle de corpos coabitam com a transgressão e a luxúria da carne; onde se desenham currículos, consortes, concubinas; cujos contos e cantos são produzidos, mas não acabados; e na dança concupiscente, carnal e quente os corpos se indefinem em performances imperfeitas, confundindo gostos, gestos e sensações. Na docência, os dispositivos microfísicos mobilizam práticas errantes que política, ideológica, social, econômica e culturalmente se interpelam em intersecções e fugas; se burlam e iludem as tecnologias de controle e dão à abjeção um sentimento de afirmação e positividade, permitindo a construção em *devir* de outras performances e outros textos, em retirada, em arribada, descarrilando oscilações, perseguindo imperfeições, aterrissando na geleira descolada da cordilheira e embalada pela maré em busca de lugar algum.

II ALFARRÁBIO



Fig. 2 Ōdipus und die Sphinx
Gustave Moreau, 1864

II - ESFINGE



Monstro *harpia* que perverte os sentidos e problematiza as passagens. Esfinge enigmática que se debate ao perceber-se estudada, desafiada, oro-te para que golfadas de luzes e trevas sejam lançadas em mais um problema por ti criado. Que o teu verde olhar e o rugir da tua fúria permita ao menos esgarçá-lo; que teu pérfido veneno inebrie os sentidos com afeto e ironia enquanto o devoras; que escave o chão e batas contra o rochedo qualquer contragolpes terminados; que o fluido filtro deixe escorregar mais de uma verdade; que a máquina destruidora torne-se desejante e fabricante de outras paragens; que a permissividade e o erotismo estejam presentes para produzirem descentramentos, para desfiliarem autorias, para provocarem delíquios; que, no *descontinuun* traçado

¹³ Olavo Bilac. (trecho de) A esfinge.

erótico, permissivo e descomposto em que a educação tem produzido e permitido a circularidade de discursos sobre a experiência homoerótica que rotulam e enquadram corpos governando-os e estandardizando suas diferenças em identidades fixas na busca por produzir o descentramento¹⁴, a desproblematização e a vitimização, invente, Deusa dos problemas, uma conspiração de corpos performáticos capazes de engendrados pelo discurso, em linhas escapadiças e incontínuas, permitir a produção e a afirmação da abjeção e da diferença. Mesmo que nesta dança libertina o ensino tenha se mostrado, discursivamente, como lugar da normalidade e do controle, sítio da instituição de corpos e formas, e da escultura de artifícios, comendo-se como um estrado da edificação de subjetividades e engenho de identidades em que o *devoir* docente seja posto como aquele que pensa, escreve, pesquisa, sabe, conhece e ensina, se permita um espectro docente “indivíduo, pré-individual, tomado em seguimento do *devoir* e do desejo [...], extrator de partículas que não pertencem mais a como viver...¹⁵”. Que em contraponto e ao lado de modos uniformizados se criem, sob suas ordens, subjetividades fantasiosas, forjadas, abjetas e em construção, a se compor desordenadamente, fazendo ruir o edifício do ajustamento e da homogeneidade cartesianos para projetar transgressões, diferença e *devoir* outros. E, no enfrentamento,

¹⁴ Deixar fora do centro dos debates

¹⁵ Corazza, 2008 p. 92.

confronte o contrassenso bélico do *devir* docente que recusa o projeto deleuziano de habitação da tangente do tempo, despreza os efeitos incorporais e impede o fazer-se inconclusa criação, insujeita e adversa a toda ordem hegemônica de significações, uma vez que há posicionamentos alternativos às certezas que sufocam a vida para permitir a circularidade de fluxos e o deslocamento das oposições, pois a definição deste ou daquele, desta ou daquela forma já não fazem sentido e o “Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal qual já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula¹⁶”. Neste lanço íngreme e abrupto que compõe a docência, não permita, já que não influem, os ajustamentos e as modelagens, tampouco as margens e os delineamentos, pois não existem lugares de arrancada e chegada, nem noção de si, dos outros e da realidade. Aceite as preces que rogam para que se pense em tangentes e paralelas e se busquem capturas diversas não miméticas, não assimilativas, nem integrativas, mas que se deseje um movimento criativo em constante fluidez. Pondere, esfinge sediciosa, que uma prosaica tentativa de fixar demarcações entre o trânsito nas fronteiras da docência e do homoerotismo parece fazer-se presente na estância das canchas de ensino superior operando pela desproblematização enquanto

¹⁶ Deleuze e Guattari, 1997, p. 43

estilos respectivos de produzir ou excluir discursos por meio da não problematização¹⁷, ou mesmo pela centralização, arquitetada em torno da heteronormatividade, seja, ainda, pela excentricidade¹⁸, entendida como fora do centro, mas não marginal, compreendendo-se o tratamento dado a estas questões, e que esta condição ganha visibilidade ao se atingir a força de discursos heteronormativos que desautorizam e tentam docilizar o que é considerado transgressor tornando doméstico o que é estranho e idêntico o ambivalente. Neste emaranhado de fios e rastros deixados no labirinto só pode sobrevir a objetivação e a subjetivação do indivíduo, para si e para os outros, em jogos de poder/saber e verdades instituídos em procedimentos lacônicos de governo¹⁹, sendo que estas formas de objetivação/subjetivação dizem respeito ao que se espera enquanto condutas, condições em que se estará submetido e as posições em que se ocupará frente à produção da diferença. Deste modo, ameaçadora águia, objetiva-se recorrendo ao controle da subjetivação, sendo as questões fronteiriças, dispositivos que tecem tramas de práticas, discursos e técnicas que regulam tanto a submissão quanto as transgressões nos jogos de saber/poder. Permita, Deusa-monstro, que,

¹⁷ Para Foucault (2006, p. 242): “problematização não quer dizer a representação de um objeto pré-existente, nem tampouco a criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja de forma moral, de conhecimento científico, da análise política, etc)” .

¹⁸ Deleuze & Guattari 2002.

¹⁹ Foucault, 1984.

enredados nesta trama, não se pense em um processo de abjeção que relegue as diferenças à condição de não aceitação social, uma vez que a abjeção opera na condição da exclusão ou mesmo da desproblematização e que a desproblematização e a excentricidade coadunam-se na condição de fazer evidenciar na diferença suas propriedades abjetas, sendo que a abjeção, portanto, funciona como lugar da não anuência, do que é considerado anômalo, infame e nomeado monstruoso, ao ameaçar os padrões controláveis e previsíveis. Considere, pois, como os outros deuses de Tebas, que “A racionalidade soberana sempre esteve ameaçada pelos limites da animalidade e da nadificação objetal, pelo lado escuro da identidade subjetiva estável, um oco onde o sujeito pode cair, quando sua identidade é posta em questão. A nomeação do abjeto se inscreve no movimento de mascarar a ferida que constitui o texto primitivo do próprio corpo enquanto finito. A abjeção é o espaço da dessemelhança e da não-identidade. Apontar o monstruoso, o abjeto, funciona como um poderoso aliado do que Foucault chamou de sociedade panóptica, na qual comportamentos polimorfos são extraídos do corpo dos homens mediante múltiplos dispositivos de poder [...]. A nomeação do monstro alivia a ameaça interna que é co-estruturante do homem²⁰”. Agindo assim, harpia dos sentidos nefandos, consentirá que opere a abjeção como ácido corrosivo, que se desloca, revolta-

²⁰ Villaça, 2006, p. 74.

se, revoluciona e inquieta-se com toda forma de identificação do ser, numa tensão entre *afectos* e pensamentos, em um bumerangue de “desejos que não se deixam seduzir”. De dentro para fora e de fora para dentro, constituindo imprecisão, ambiguidades e deslocamentos, pois "Há na Abjeção uma dessas violentas e obscuras rebeliões do ser contra qualquer coisa que o ameaça e que pareça vir de um afuera ou de un adentro exorbitante, situado ao lado do possível e do tolerável, do pensável. Está ali, muito perto, mas inacessível. Isso solicita, inquieta, fascina o desejo que, no entanto, não se deixa seduzir. Assustado, ele se afasta. Repugnado, recusa-se, um absoluto o protege da vergonha, esta orgulhosa dele o mantém. Contudo, ao mesmo tempo, este desabafo, esse espasmo, este salto é atraído para a outra parte tão tentadora como condenada incansavelmente, como um bumerangue indomável, um polo de atração e repulsão, lugar que é habitado pelo literalmente fora de si²¹”. Se a abjeção não cognomina um provável sujeito, tampouco um objeto e, se igualmente, não constitui qualidade, adjetivações, do lado de fora, em zonas

²¹ Kristeva, 2006. p. 07. (tradução minha). *Hay en la abyección una de esas violentas y oscuras rebeliones del ser contra aquello que lo amenaza y que le parece venir de un afuera o de un adentro exorbitante, arrojado ao lado de lo posible y de lo tolerable, de lo pensable. Allí esta, muy cerca, pero inasimilable. Eso solicita, inquieta, fascina el deseo que sin embargo no se deja seducir. Asustado, se aparta. Repugnado, rechaza, un absoluto lo protege del oprobio, esta orgulloso de ello y lo mantiene. Y no obstante, al mismo tiempo, este arrebató, este espasmo, este salto es atraído hacia otra parte tan tentadora como condenada Incansablemente, como un búmerang indomable, un polo de atracción y de repulsión coloca a aquel que esta habitado por él literalmente fuera de sí.*

fronteiriças, em oposições às identificações do eu, faça com que ela misture, interpele, seduza, adie e, indefinidamente, diferencie. Que, em vez de gerar conformação e aceitação da condição desproblematizadora a que estão postos nas instituições de ensino, especificamente as de ensino superior, os corpos, como reinvenção, transgressão ou insubordinação busquem criar distintas experiências e performatividades adversas a partir de sinais, códigos e atitudes que os deliberarão para produzir tanto a normalidade como a contravenção, pois “pensar sujeitos que escapam da via planejada, corpos que se extraviam, e põem-se à deriva é abrir possibilidades para se pensar sujeitos que encontram novas posições para viver, outro lugar para se alojar ou se mover ainda outra vez. Para estes corpos seus sinais, ou seu funcionamento se modificam ao longo do tempo; eles podem ser negados, ou reafirmados, manipulados, transformados ou subvertidos²²”. Com sua maquinaria de sentidos e charadas, mostre porque a circularidade discursiva nos processos de subjetivação da docência tem sido acionada em lugares fictícios e institucionais como na Universidade, sendo estes lugares territórios em que a condição desproblematizadora do homoerótico sugere artifícios homogêneos que silenciam os debates ou os alocam como desnecessários, criando-se, assim, performatividades que podem limitar a experiência homoerótica

²² Cabral et. al. 2010, p. 05.

na docência. Dê pistas para fazer compreender como operam as práticas reiterativas e citacionais em torno da normatividade dos corpos ao estresir e repetir posições e posicionamentos, atitudes e gestos induzindo a vivenciarem-se modelos, na maioria dos acontecimentos, heteronormativos e como o processo de repetição jamais produz o mesmo, pois o outro idealizado incide a manifestação de uma performance. Lance raios e trovoadas, luzes e escuridão sobre seus enigmas, rearranje ruídos e inquiete sentidos fazendo-se problematizar as performatividades que entram na constituição da experiência homoerótica no ensino superior e o modo como a condição de abjeção homoerótica interpela, produz e é produzida no exercício da docência desta etapa de ensino. Dê passagem à compreensão da experiência homoerótica na docência enquanto lugar da abjeção atualizado num continuum de problematizações e relocalações, invenções e criações, constituindo-se, enquanto cancha do adiamento e da diferença. E arrisque um chamado enquanto interpelamento do homoerotismo ao atravessamento das fronteiras das identificações fixas criando virtualidades, outros lugares e outras identidades na docência, embora os corpos abjetos estejam situados em um espaço de governabilidade, controle e prescrições heteronormativas e, embora as performatividades também requeiram, por vezes, moldes antes definidos. Não há como passar, esfinge epistemológica, ave de rapina, mas feitiços

serão lançados e seus ingredientes combinarão a incongruência da significação entre o homoerotismo e a docência do ensino superior com o deslocamento das performatividades movimentadas na composição dos acontecimentos da experiência que passam a ocorrer em uma relação produtiva com a abjeção para, em negociação, constituírem sujeitos-fronteira entre lugares simbólicos - como o do homoerotismo e o da docência.

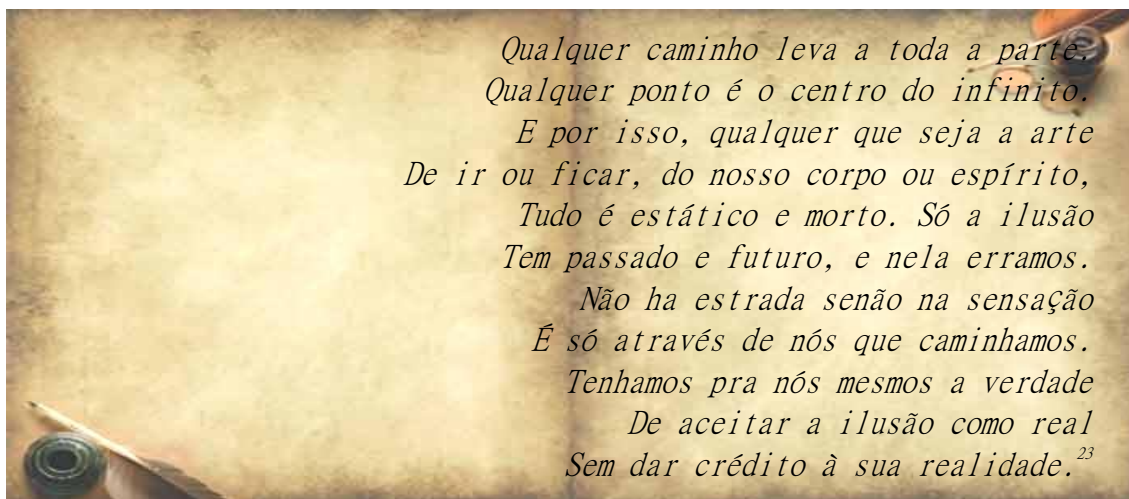
III - ALFARRÁBIO



Fig. 3. *O Caminho de Enigmas* (segunda versão)
Salvador Dalí - Óleo - 1981

INSÍDIAS E PEGADAS

III - INSÍDIAS e PEGADAS



Estradas perdidas, erro de método, de cálculo e de leitura. Deslizes e desacertos nas escolhas do caminho desativado, não homologado e desperdiçado. Excursão aberta e sem volta, com rastros apagados pelas ondas e desenhados no calor da emoção ao emaranhar parnasianismo com surrealismo e cubismo; naturalismo com simbolismo e abjecionismo. Deleuziando com Foucault, cartografando inqueertude. Confusão de paródias, parlendas e trava-língua, de gêneros, de gênios e magos; da escrita casta com a devassa; do clássico com o rococó, do sagrado com o profano:

Era uma bruxa
À meia-noite
Em um castelo mal-assombrado
Com uma faca na mão
Passando manteiga no pão²⁴

²³ Fernando Pessoa. *Qualquer caminho leva a toda a parte.*

²⁴ Parlenda do folclore popular brasileiro

Experimenta aproximações com uma poética da escrita que procure aportes nas teorizações pós-estruturalistas, em conversação com o pensamento *queer* para tentar (des)ordenar o redemoinho discursivo tomado para contenda. Considera certa autonomia na escrita, uma vez comparada a definidos estrados originários de searas investigativas disciplinares e pondera, em uma *Revolution in the Poetic Language*²⁵, que a linguagem poética da diferença configura-se no oportuno lugar da insurreição cujas semânticas e gramáticas podem ser empregadas com conotações de altercação política, não porque apregoa, mas dissente, não porque pergunta, mas problematiza, não porque bela, mas confusa, não porque certa, mas simulacro,

Pilhada, saqueada por algozes a boca
 Maldita e desprezada a mão demente
 Bendita por Apolo e Dionísio a pele
 Insolente rebeldia em causa pendente

Abjeta e casta a alma injúria
 Amontoa, distorce a imagem dissimula
 Simulacro multiplica semblante vil
 Falsária vileza descende pueril

Desalinhada, desterrada, errante escrita
 Comédia cincada flagrante acerto
 Balbúrdia insana de sentido certo
 Fiúza confiança verdade suspeita

Cortesã ávida de língua insaciada
 Tatuagem incompleta da pele comensal
 Procura alucinante estrada imperfeita
 Deleite vazante sortilégio bestial

Gentil e indomada desagradável pragueja

²⁵ Kristeva, 1984

Malditos padrões quinquilharia dejecta
 Monja sórdida de caldeirão execra
 Quimera vaga exortação espera²⁶

Nesta miragem, em balizas escapadiças, redemoinhos de Gogh com Dali e de Rafael com Botticelli, de Amaral com Kandinsky e de Shakespeare com Pompéia, de Melville com Silva e de Hugo com Varella, insurge ao se extrapolar o domínio autoral de uma poética e partir para lugares intermitentes, não com metáforas ou outras figuras usadas a esmo, mas com metáforas ou outras figuras enalçando os fundamentos de uma estética que “não estão apenas a serviço de uma descrição das narrativas; eles também possibilitam uma acurada análise de como o texto reflete, subverte e questiona a realidade²⁷”. E para isso, inverte prioridades, subverte caminhos, embaralha partituras, mescla gêneros e confunde o espírito ao fundir a escrita cartográfica deleuziana com a poética *queer* e aos moldes barthesianos, pelo crivo de Eiró²⁸, cartografemar e desenformar uma *esqueertura*:

Queer povoa dissensos certos
Queer cultiva ávida errância
Queer produz pérfidos tentáculos
Queer devasta férteis lembranças
Queer acalma-se em maremotos
Queer desdenha a inteligência
Queer interpela a desarmonia
Queer desmancha a indiferença
Queer do abstêmio a embriaguez

²⁶ *Ode à poética da diferença* – Gerlândia Silva, 2014.

²⁷ Alós, 2010, p. 843.

²⁸ 2014.

Queer da sanidade a loucura
Queer infiel prefere a falsidade
Queer selvagem anseia a luxúria²⁹

Em uma confabulação com o escopo filosófico deleuziano, pretensiosa, perniciosa e inconsequente torna o pincel mais leve e inventivo ao movimentar um pareamento provisório em que a fabricação e o trabalho com a escritura insinuam agenciamentos em conexão e interpelamentos com outros agenciamentos. Isto provoca um enveredar por linhas descontínuas interligadas com outras linhas que não as amoedadas pela disciplinaridade investigativa. Impele assumir que os discursos necessitam ser atingidos como máquinas, em conexão com outras máquinas, produzindo maquinaria experimental a convidar às combinações e a perseguir multiplicidades, hibridismos e metamorfoses, em linhas de fuga, escrita dançante, traçados subversivos e *devires* outros que se conectam com minorias fugidias, pois “É possível que escrever esteja em uma relação essencial com as linhas de fuga. Escrever é traçar linhas de fuga, que não são imaginárias, que se é forçado a seguir, porque a escritura nos engaja nelas, na realidade, nos embarca nela. Escrever é tornar-se, mas não é de modo algum tornar-se escritor. É tornar-se outra coisa (...). Bem diferentes são os devires contidos na escritura quando ela não se alia a palavras de ordem estabelecidas, mas traça linhas de fuga. Dir-se-ia que a

²⁹ *Esqueertura*. Gerlândia Silva, 2014.

escritura, por si mesma, quando ela não é oficial, encontra inevitavelmente ‘minorias’ que não escrevem, necessariamente por sua conta, sobre as quais, tampouco, se escreve, no sentido em que seriam tomadas por objeto, mas, em compensação, nas quais se é capturado, quer queira quer não, pelo fato de se escrever. Uma minoria nunca existe pronta, ela só se constitui sobre linhas de fuga que são tanto maneiras de avançar quanto de atacar³⁰”. Em certos momentos, não resta alternativa a não ser rogar aos santos que a composição aconteça e que os pontos de vista obtusos não turvem demais a visão: “Oh, meu São Jorge Guerreiro, padroeiro das teses do devir, me desarme das armaduras cartesianas... Deleuzes do céu (e dos infernos), por Mil Platôs, guardai-me com sua pop-filosofia e livrai-me do mau-olhado dos pontos de vista obtusos!³¹” .

Fuga e porto, de vez em quando há que pedir socorro e às vezes esquivar-se e, ocasionalmente, cair no abandono de um referencial ao qual se procure recorrer dentro das teorias. Lançam-se lentes à produção narrada com a compreensão de conhecimento como artifícios de lutas e desejos móveis atravessados por discursos, olhares subjetividades, desubjetivações, adiamentos e *devires*, forjando-se como criação e produção discursiva de tramas rizomaticamente fazendo-se e deslizando-se em diferentes direções ao

³⁰ Deleuze e Parnet, 1998. p. 56.

³¹ Eiró, 2014, p. 50.

interpelar e buscar o além-agora que passe a “encarar as potências criadoras da narração como prática vacilante de linguagem que nada deve àquele que a profere³²”. Assim, se investe e fabricam-se narrativas que possuam sentido cultural e que incluam a virtualidade da diferença forjada pela linguagem. Pretensiosamente, se quer a ressignificação da narrativa sobre a experiência homoerótica na docência a fim de contribuir, dentre outros aspectos, na produção, transposição e performatividades no enalço da abjeção e da diferença ao desejar uma significação da experiência compreendendo-a como uma forma de lançar-se para o além-si-mesmo de modo brusco e arriscado, já que a experiência opera como uma agência de “dessubjetivação” e neste empreendimento “arranca o sujeito de si próprio”. Num exercício de autoextermínio produtivo³³. A escritura da experiência do homoerotismo e da docência provoca híbridas visões em múltiplos olhares, diversifica os sentidos, desnorteia a razão. Cobiça forjar, constituir e inventar acontecimentos, dessubjetivando e desautorizando. É incompreendida e incontestada, às vezes maldita, às vezes aclamada pela legitimação da irregularidade, por diversificar sensações, criando homoerografia, homoerografemas, homoerorragias. Contestada, inventiva, debochada e pervertida incorre em pecados, namora os equívocos, incorpora desacertos,

³² Silva, 2012, p. 01

³³ Foucault 1984.

para desgrenhar os arrumados, bestear com os deuses e orar com demônios.

Por isso, como um Zaratustra³⁴, quer sempre pular, saltitar, dançar, entorpecer, desfazer e refazer tudo isso, tornando a destruição criação e a criação aniquilamento, pois cultiva a beleza do *devenir*. Significa: “Cravar e arrancar - simultaneamente, os dois lados de um martelo. Certamente, esse é um movimento que requer leveza (do corpo e do espírito), assim como transmutação alegre do peso e da dor; pois não teremos conquistado o direito à criação-alegre, enquanto vivermos à sombra da atribuição de valores estabelecidos, enquanto não abdicarmos de uma ‘vontade que quer o nada’ em favor de uma vontade que quer criar. E nisso, Zaratustra é certamente leve, pois como ‘dançarino-destruidor’ ele é puro desprendimento. E aí dos fracos que porventura cruzem o seu caminho. A esses, Zaratustra não se cansa de rogar: ‘Que a minha jornada seja a sua ruína!’ ...³⁵”

A escrita difusa atordoa os pressentimentos e, ao associar-se ao homoerótico, cria alquimia de pensamento da cabeça com os pés e dos braços com o cérebro, grafa *tatoos*, atiça a fome, cobiça o outro e, antropofagicamente, comete os crimes capitais:

³⁴ Poeta e profeta persa do século VII a.c cujo nome é evocado por Nietzsche, em 1885, para cultivar ficticiamente seu pensamento.

³⁵ Costa, 2005. p 1.

Promover a **ira** dos deuses
 Nutrir na **gula** a insatisfação
 Contorcer na **inveja** a diferença
 Vulgarizar na **luxúria** vã
 Perder na **avareza** os sentidos
 Desejar na **soberba** a pele
 Alegregar na **cobiça** alheia
 Esticar na **preguiça** o verme³⁶

Mais desejos do que satisfação; mais desprezos do que encantamentos; mais alegrias do que sofrimento; mais inconclusões que ajustamentos; mais colagens do que ineditismos; mais vorazes do que saciados. É com estas condições, qualidades, categorias, eixos e características que a escrita se movimenta. Sem esquecer o gozo da escritura que torna vacilante o toque e o dedilhar sobre a pele, *papyrus*, que sente os dedos nas pontas das palavras à penetração mais leve e mais certa: “A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras em vez de dedos, ou dedos na ponta das palavras. Minha linguagem treme de desejo. A emoção de um duplo contacto: de um lado, toda uma atividade do discurso vem, discretamente, indiretamente, colocar em evidencia um significado único que é “eu te desejo”, e libertá-lo, alimentá-lo, ramificá-lo, fazê-lo explodir (a linguagem goza de se tocar a si mesma); por outro lado, envolvo o outro nas minhas palavras, eu o acaricio, o roço, prolongo este roçar, me esforço em fazer durar o

³⁶ *Seven Homoerotismo*. Gerlândia Silva, 2014.

comentário ao qual submeto a relação³⁷”. Por isso não há conformidade em apenas narrar fatos ou acontecimentos, também não se quer citar as narrativas, atribuir autoria. Há, sim, que confundir o pensamento, fabricar eventos, apropriar-se de textos literários, fictícios e desconexos e poluir a memória, para constituir “em linhas que pulsam no encontro com textos acadêmicos e com imagens e sons da literatura e do cinema³⁸”, de cordéis e folhetins, de bula, canções e composições, o *devir* homoerotismo na docência.

³⁷ Barthes, 1981, p. 64.

³⁸ Amorim, 2013. p. 414.

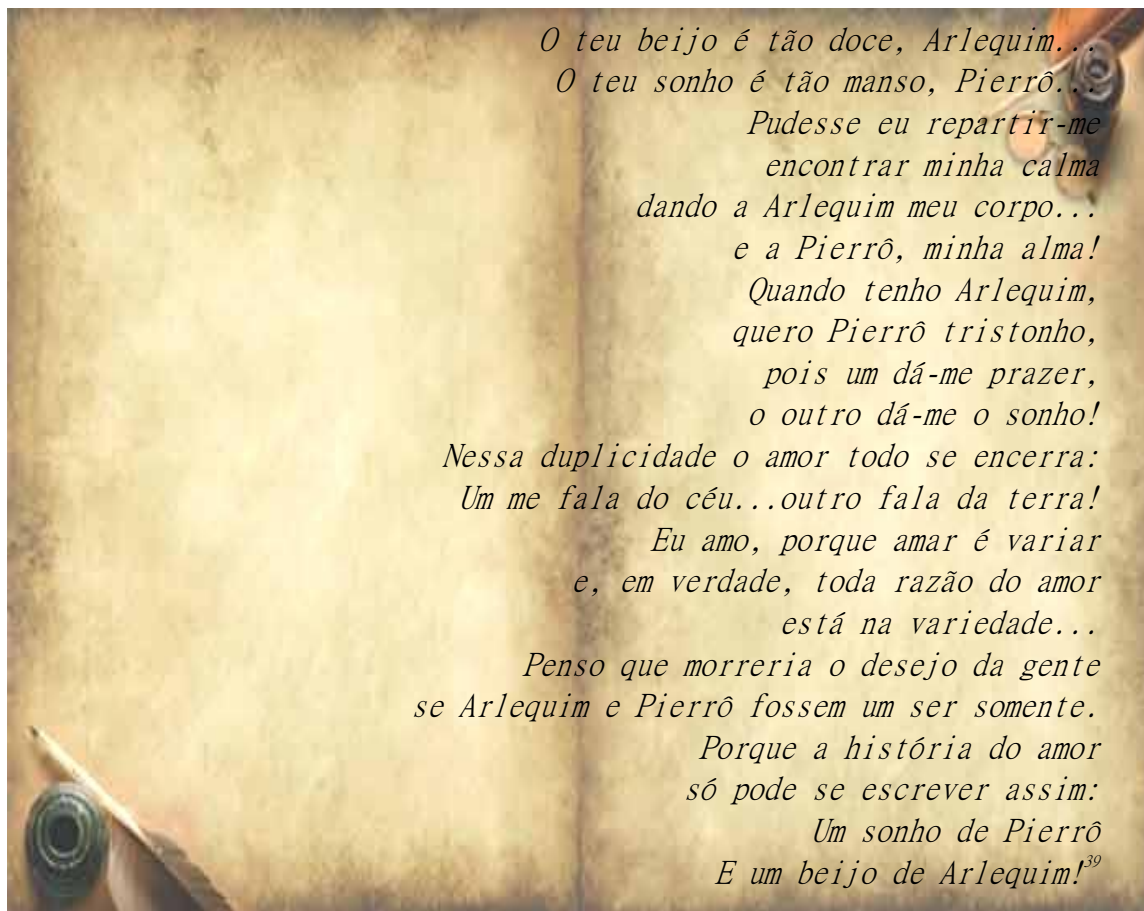
IV ALFARRÁBIO



Fig. 4. *April* - Michael Cheval

FANTASIAS INSÓLITAS

IV - FANTASIAS INSÓLITAS



Arlequim e Pierrô são máscaras, simulacros autênticos, lugares de fronteiras não fixas, alameda deslizando-se, em criação, em vazamento. Estar suspenso entre Arlequim e Pierrô é fazer-se tomado pelo *devir*.

Ao procurar uma viagem aberta e não antecipada, em um espaço intransitivo, se deixa seduzir e interpelar por experiências em traçados escapadiços e, em sobressaltados e prolixos, extensos, visíveis, mas imperceptíveis abalos, busca

³⁹ *Máscaras*. Menotti Del' Picchia.

àquele livro de contos disposto na escrivaninha. Nele faz marcas, puxa anotações, alterna alfarrábios, atem-se em outros, improvisa dobras na página, adia a leitura e adsorve-se no rodapé. Parece ser o rodapé mais interessante. E por quê? Melhor abandonar este livro, pois esta dispersão atordoa. Seria possível escrever outro? Por onde começaria? Vejamos... Do fim! Mas o começo é o fim virtual atualizado em um abismo denso e infinito em adiamento, suspenso. Porquanto não havendo algo a ver, escrever, ou narrar, tudo então pode ser dito e nada interessará e deste modo não será relatado. Melhor triturar esta página. Espera! A dobradura deixou abrolhar algo. É uma palavra: homo-não-sei-o-quê. Vamos fugir disso... Parece insolente, invasivo, expurgável, dá asco, já está no lixo mesmo. É abjeto! Não movimente isso! A página ficará onde está. Vamos reinventar toda esta composição começando por atribuir-lhe outro título, outra temática e outras personagens e veremos o que acontece. Deixaremos o que se encontra escondido lá, os acortinados lá, mas os espelhos não. Os espelhos líquidos estão enevoados, mas deixam escapar algo: assemelham-se a corpos andrajosos, truncados e híbridos que se agitam e assumem novas formas rizomáticas, em composição e indizíveis. Deixemos tudo adiado para o depois/agora e dancemos neste baile na confusão de uma escrivaninha enquanto confeccionamos fantasias e camuflagens.

4.1. ARTEFATO - Alegorias e confecções de máscaras infames

Força e poder incomodando, interpelamentos nietzscheanos reinventados pela crônica foucaultiana ao denotar produtividade e potência criadora, mas que, sobre alguns corpos, inscrevem-se com perversão, tornando-se traumáticos para uns e produtivos para outros. Um Raskólnikov⁴⁰, sobre o desejo de cometer um crime, indagaria, sem saber se este adviera, o porquê do castigo infligido: “Oh, Deus, como tudo é repugnante! E eu posso, eu posso, possivelmente. Não, é absurdo, é sujeira (...). E como uma coisa tão atroz veio à minha cabeça? De que coisa imunda é capaz de meu coração! Sim, imundo, acima de tudo, nojento, repugnante, repugnante! (...). O sentimento de repulsa intensa, que tinha começado a oprimir e torturar o seu coração (...) tinha até agora alcançado tal atrevimento e tinha tomado uma forma tão definida que ele não sabia o que fazer para fugir da sua desgraça⁴¹”. Quisera procurar respostas e entender se de fato há crimes nos desejos, porém preferiu deixá-los em expectativa e procurar,

⁴⁰ Dostoievski, 1966

⁴¹ «Oh, God, how loathsome it all is! And can I, can I possibly. . . . No, it's nonsense, it's rubbish!» (...) «And how could such an atrocious thing come into my head? What filthy things my heart is capable of. Yes, filthy above all, disgusting, loathsome, loathsome! (...) The feeling of intense repulsion, which had begun to oppress and torture his heart (...), had by now reached such a pitch and had taken such a definite form that he did not know what to do with himself to escape from his wretchedness. O trecho se refere à agonia de Rodion Románovitch Raskólnikov, personagem principal da trama “Crime e Castigo” escrito por Dostoievski, em 1966, que arquiteta a morte de sua velha vizinha e também, usurária, passando, nos dias que antecedem e sucedem a morte, a flagelar-se por sua própria incapacidade de continuar vivendo. Dostoievski, (1866). 2001. p. 11 (Tradução livre minha).

nos arabescos garatujados no lanço da epiderme, o que a sentença produz. Ambiciona, como quem deseja antropofagicamente o outro, produzir a escuta dos desejos que borbulham sobre e dentro do corpo habitado, exaurindo os alentos, deixando sem fôlego, escorregando, tocando lentamente. Para isso, se questiona sobre o que a narrativa docente, partindo do sítio homoerótico e suas significações, disseminam, se esta busca elicia sentidos diferentes e atraem outras narrativas e se estes sentidos hora apontam crimes, hora julgamentos ou castigos e absolvições, hora nada disso, em *devoir*, nem no passado, tampouco no presente ou futuro, de maneira que sem marcas fixas busquem trajetórias e convertam o que se considera passado em um presente em adiamento, pois enquanto presente é ele próprio linha de fuga de uma territorialidade, de modo a pensar-se em uma suspensão do agora.

Em meio a vestes e camuflagens, umas usadas, outras descartadas, uma viravolta no pensamento, uma perversão, torção mesmo, no ponto de partida, excita a escritura a pinçar breves recortes, acontecimentos, *takes* e *flashes* e ressignificar, por exemplo, os cursos da vida: a Psicologia em poucos anos, Letras, Pedagogia, à procura de uma explosão, a explosão do homoerótico, do experimentável, da tentação da carne, perdição do espírito e construção da ambivalência. Queria uma licenciatura, ou mesmo lidar com a docência; queria

um público homoerótico; queria manejar com outro tipo de macho, ao estilo “mamão-macho”, como aquele mamoeiro que nascia em uma extremidade do muro da universidade, que desde pequeno ouvia em casa que era um mamoeiro estranho. O mesmo mamão tão temido pelas avós que pintou o escritor. E quem não se lembra, ou mesmo reinventa o que dizia a avó com “suas palavras sobre o ‘mamão-macho’”. Dizia que não podia cortar o olho do mamoeiro ainda jovem porque senão ele se tornava macho. Um dia nasceu um mamoeiro no quintal e logo que penderam aquelas flores a velha Bilinha avisou: - Este mamoeiro é macho. Vou cortar. - Corte não mãe. - Pediu-lhe (...) para deixar o mamoeiro vingar. Teve pena. Bonito, sobretudo as flores. - Não vai botar mamão. - Respondeu e ainda acrescentou: - Bota apenas dois: os quibas - E o mamoeiro ficou lá até finalmente nasceram dois únicos mamões pendurados. Quando amadureceram a mãe os retirou e falou de um certo doce muito perigoso que fazia com eles ainda verdes. **O doce tinha um estranho poder de fazer a pessoa mudar a preferência sexual.** Depois ficou olhando estranhamente para ela, a ponto de perguntar o que estava pensando. Ela nada respondeu, apenas pinicou os mamões e jogou no lixo. Era criança nesta época e só depois percebeu que a mãe pensou em dar-lhe o doce pra comer⁴². Desde muito cedo, ouviu receitas, e pior, viu as pessoas olharem-no como uma provável cobaia

⁴² Ramos, 2006. p. 20. (grifos meus)

para aquelas receitas que tornariam um mamão macho. Ainda bem que foram somente olhares, pensou.

Desejos entorpecentes, como quem deseja submeter-se aos delírios das mil e umas noites, flamejam sobre o corpo fazendo brotar a cobiça de um microuniverso. Um mundinho em que pudesse conviver com os alunos de Letras e vê-los passar com aquela pinta de menina com o caderninho junto ao peito rebolando, uma vez que se colocassem os cadernos presos nas mãos abaixo da cintura, já se sabia que eram de Engenharia ou de exatas, mas os meninos de Letras e os de Pedagogia pareciam e muito o Balé *Bolshoi*. Juntava-se tudo: Comunicação, Arte e criava-se a casa da *Barbie*. Pouco percebe que, estes jogos entorpecidos, adjacências de enunciados despídos, dispersos e inconclusos provocam o homoerotismo e movimentam performances envolvendo o masculino e o feminino e seus lugares reiterados historicamente, criando-se mais que clichês ou discursos comuns, produzindo-se performatividades. Estes lugares criam, subvertem, produzem cursos, labirintos, disciplinas e indisciplinas aos que se atrevem à transgressão em que imagens abjetas materializam metáforas e preceituam posturas e outras tantas atitudes prescritas repetidas e, portanto, performativas, configurando-se em “um ‘ato’ não singular, [que] funciona sempre como uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas, e na medida em que adquire um status de lei (...) esconde ou dissimula as convenções de que é uma

repetição. Além disso, este ato não é primariamente teatral; na verdade, sua aparente teatralidade é produzida à medida que sua historicidade permanece dissimulada (e, por outro lado, a sua teatralidade ganha certa inevitabilidade)⁴³ .

Prefere a entusiasmada confabulação com informações desencontradas, incertezas nascentes e postas sobre a mesa: o estilo mamão-macho, este é o desejo imposto por uma performatividade produzida para os corpos, assim como a *pinta*. Assim como abraçar o caderno igual ao Balé *Bolshoi* e fazer do seu espaço/estilo a imagem da *Barbie*.

(...)

Laço em cetim a cintilar é um encanto

Um sonho a despontar

Traço o tecido, corto uma tira

Faço magia com caxemira

Os sapatos mesmo a combinar e vou arrasar

(...)

Agora começa o sonho que sempre quis poder alcançar

E estou mais perto a cada dia de o realizar⁴⁴

Pouco se entende provocado, também não relaciona a abjeção a qualquer performance, mas entende que o homoerotismo cambaleia em campos discursivos contíguos cujas vontades

⁴³ *Performativity is thus not a singular "act," for it is always a reiteration of a norm or set of norms, and to the extent that it acquires an act-like status in the present, it conceals or dissimulates the conventions of which it is a repetition. Moreover, this act is not primarily theatrical; indeed, its apparent theatricality is produced to the extent that its historicity remains dissimulated (and, conversely, its theatricality gains certain inevitability)* (BUTLER, 1993. p. 12). (p. 12) (tradução livre minha)⁴³.

⁴⁴ Canção *A Vida é Mágica*. Desenho animado: *Barbie*.

enunciativas movimentam formações diversas fazendo circular nomeações para o corpo e marcando em seu invólucro nomenclaturas dos lugares habitados com *pintas* e *jeitos*. Insuetos *flashes* de uma lembrança que é reiterada e porque deleuziana é revivida de forma incompleta enquanto é altamente produtiva, inventiva e mutilada, criando simulacros reais, pois “nada há de repetido que possa ser isolado ou abstraído da repetição em que ele se forma e em que, porém, ele também se oculta. Não há repetição nua que possa ser abstraída ou inferida do próprio disfarce (...). Em suma, a repetição é simbólica na sua essência; o símbolo, o simulacro, é a letra da própria repetição. Pelo disfarce e pela ordem do símbolo, a diferença é compreendida na repetição⁴⁵”. Tal lembrança é ainda reiterada porque, foucaultiana, é repartida e dispersa, ao produzir uma mistura de realidades e fabricações de outras e ao permitir que sejam criados contos e fábulas em que é possível caminhar por uma sala em que se encontra um livro disposto em uma escrivaninha dançante. Aditem, ainda, que ao olhar por uma janela virtual ficções sejam recriadas e a linha de tempo estilhaçada. E que questões problemáticas se façam borbulhar: “O que é real? Como você define o real? Se você está falando sobre o que você pode sentir, o que você pode cheirar, o que você pode saborear e ver, o real são simplesmente sinais elétricos interpretados pelo seu

⁴⁵ Deleuze, 1988. p. 26.

cérebro⁴⁶”. A suspeição cria fronteiras escapadiças e traçados ulteriores se fazendo interpelar por clarões e tomadas ao provocar propositivos e desinteressados deslizes em um *déjà vu* que deixa esquecidas trajetórias de vida contadas da infância à atuação docente na Universidade e que, ao retornar a esses momentos, produz inconstâncias por pinçar o que interessa, toca, chama e admira. Na escrivanhinha dançante encontra-se dentro do conto quando, com uma só olhada, percorre toda a sala escurecida pela madeira envelhecida misturada ao amarelado dos acortinados estáticos pela falta de ventilação. Atem-se na janela observando os jovens franzinos que, sem camisa, jogam futebol dentro dos muros da escola ao mesmo tempo em que do alto de um prédio separado do seu, cuja sombra vai até o meio do campo, em uma sala com imensas janelas de vidro, alguém observa e faz anotações exercendo a enfadonha tarefa panóptica⁴⁷. Enquanto distrai-se observando o quanto alegres correm, do outro lado, as crianças para receber a professora com aparência da Amy Winehouse⁴⁸ que ministra aulas para aquela primeira série cujos alunos são mais velhos em relação à série que estudam, lembra-se que esta será a última semana como docente da escola básica, pois, finalmente, após atuar nesta escola, assumirá na Universidade Federal a carreira

⁴⁶ Morpheus personagem da trilogia *Matrix* (primeiro filme 1999) dirigido pelos irmãos Wachowski.

⁴⁷ Foucault, 1984.

⁴⁸ Amy Jade Winehouse, cantora e compositora britânica que mistura gêneros musicais como *soul*, *jazz* e *Rhythm and blues*.

docente. Acompanha a entrada das crianças, mas faz uma breve busca ao tentar capturar do livro de experiência uma significação de lembrança sobre como entrou na docência. Aquela sensação de que as pessoas iriam perceber sua aparência com traços delicados e julgarem-no afeminado, com jeito *gay*, ou mesmo questionarem sobre a sua provável idade relacionando-a à imaturidade ou inexperiência, pode ser sentida até hoje, o que o obriga sempre a buscar provar sua competência e demonstrar-se sisudo e agressivo. Não pode fugir da experimentação destes predicados, metáforas e literalidades heteronormativos que deixam marcas desalinhadas e começam a ser cultivados em um corpo masculinizado com circunscrições heteronormatizadas: a sisudez, a agressividade e a seriedade emergem como inscrições contrárias ao que se sente ou a uma ontologia homoerótica, ao mesmo tempo em que: muito jovem e inexperiente aparecem como características mais próximas da ideia de homoerotismo, a ideia mesma cultivada em *O amor que não ousa dizer seu nome*⁴⁹ entendido como aquele de um homem mais velho e experiente pelo seu jovem aprendiz. No entanto, a primeira presunção mesmo não sendo compreendida o envolve em uma performatividade cuja função é de não permitir que as pessoas notem riscos e linhas do homoerótico. Porosos e envolventes, os estilhados de fantasia cada vez mais incompletos, prorrogados, adiados, impedem que se distingam

⁴⁹ Oscar Wilde, 1876.

momentos atuais, passados ou atualizados. Lambe a pele abrasiva certo pânico, o de que alguém na escola pense estar sendo assediado ou que há interesse pelo corpo, em tocá-lo ou querê-lo. Confuso, pensa que a melhor saída é demonstrar ser sério, como se não o fosse, como se este atributo fosse exclusividade do macho - não deveria esquecer o mamão. Então não sorri, não brinca, não brincava na escola, afastava todos do contato afetivo. Não havia/há toque na pele, conversa de perto, olho a olho, para não se criar rumores ou se cultivar a dúvida. Da janela em que tenta capturar imagens abstrusas sobre o ser professor, um desejo lascivo corrói das pernas à face inquietando para retornar ao livro de experiências pela simples necessidade de escrevê-las, produzi-las, inventá-las.

Mesmo estando a escola vazia após o término do jogo de bola e a saída das crianças, o barulho da garotada se faz escutar convidando para descer as escadarias com marcas de umidade deixadas pela chuva que caíra no início da tarde e procurar um café quente na copa arrumada e silenciosa, antes que as merendeiras do turno seguinte comecem a chegar. Todos os dias, num retorno que se repete: muitos passos no corredor, gritarias, mochilas impressadas, pasteizinhos no chão, o cafezinho, a copa arrumada, a chamada, os cadernos, riscos de giz no quadro do banheiro, pintura a batom nas portas, provas, leitura. Em cada repetição não há rotina, pois ela mesma surpreende com novas fórmulas de fazer-se. Inexplicavelmente,

no sentido deleuziano, não se prevê a repetição, não se apreende a repetição. Neste entressacho, o “ruído dos passos, aos poucos, toma conta do saguão. Ao invadir o espaço torna-se impossível ignorá-los, então, só resta acompanhá-los... O dos lentos arrastando as mochilas, ou por elas puxados, mistura-se ao dos apressados; o dos decididos que não tem tempo a perder confunde-se com os dos exploradores que deambulam na amplidão. Tão certo como há manhãs em que o sol aparece e outras em que permanece envolto em nuvens... há dias em que eles aguardam mais, outros aguardam menos. Certas vezes eles conversam mais, outras conversam menos. Em determinados instantes eles correm mais, noutros correm menos. Primavera, verão, outono, inverno. A roda das estações a girar e os passos para onde irão guiar?⁵⁰”. Não se prevê respostas, mas uma coisa é possível afirmar: ter o Prefeito da cidade emitido portaria tornando facultativo o dia após o sete de setembro não adiantou muito, já que professores e alunos tiveram que comparecer à escola para àquele dia de gincanas, enquanto poderiam estar em suas casas descansando e recuperando-se do forte sol do dia cívico ou mesmo preparando as aulas para o retorno do recesso. Mas serviu para alguma coisa, pois possibilitou rever rabiscos que já vinha escrevendo há dias. Na escrivaninha, ainda tomada pela confusão de livros entreabertos esperando o úmido dedilhar e em que as páginas de um, num enlace profano, servem

⁵⁰ Nodari in Corazza, 2010. p. 93/4.

para marcar onde parou a leitura do outro, parece faltar algo ou, nas leituras feitas, algum alfarrábio foi saltado ou esquecido, ou mesmo adiado. Sim! Era isso que procurava quando da olhadela anterior esquadrinhava a escrivaninha, as prateleiras e os armários em busca de um saltério ausente.

Um bucólico armário foi aberto permitindo que fosse retirado aquele volume que faltava. Neste volume descrevia-se uma escola da Aeronáutica com todas as sensações que este ambiente pode produzir quanto ao disciplinamento. A mesma escola de hoje, em se tratando das forças armadas, com suas paredes bem pintadas; os bustos erguidos em estátuas ou em murais de fotografias; a atmosfera de ordem e disciplina até na arrumação das cadeiras e mesmo no uniforme: a “bela farda negra dos alunos, de botões dourados [que infundia] a consideração tímida de um militarismo brilhante, aparelhado para as campanhas da ciência e do bem. A letra dos cantos, em coro dos falsetes indisciplinados da puberdade; os discursos, visados pelo diretor, pançudos de sisudez, na boca irreverente da primeira idade, como um Cendrillon malfeito da burguesia conservadora, recitados em monotonia de realejo e gestos rodantes de manivela, ou exagerados, de voz cava e caretas de tragédia fora de tempo, (...) recebia tudo convictamente, como o texto da bíblia do dever; e as banalidades profundamente lançadas como as sábias máximas do ensino redentor (...). As paredes pintadas da antessala imitavam pórfito verde; em

frente ao pórtico aberto para o jardim, graduava-se uma ampla escada, caminho do andar superior. Flanqueando a majestosa porta desta escada, havia dois quadros de alto-relevo; à direita, uma alegoria das artes e do estudo; à esquerda, as indústrias humanas, meninos nus como nos frisos de Kaulbach, risonhos, com a ferramenta simbólica — psicologia pura do trabalho, modelada idealmente na candura do gesso e da inocência (...). Oh! que não seria o colégio, tradução concreta da alegoria, ronda angélica de corações à porta de um templo, dulia permanente das almas jovens no ritual austero da virtude!⁵¹ . Este é mesmo um dia exctrico - o da entrada na escola militar. E, pensar que estudou a vida inteira nesta escola transitando entre a indisciplina e a disciplinarização; entre a transgressão e o machismo; entre o querer e o fugir, produz a convicção momentânea de que esta não era a realidade dos sonhos, ainda que tenha sido posto contra a parede e tenha sido obrigado a escolher se seguia a carreira militar ou ficava por conta própria, e tenha optado por esta segunda alternativa. Mas *Soldados não choram*⁵², pelo menos pensava assim e iria seguir outros trilhos. Quantos lugares de poder se inscrevem na escola? Uma entusiasmada fbula não pode deixar de fazer lembrar os dispositivos microfísicos postos em movimento. São desejos acionados que produzem o poder, ou mesmo a vontade de potência, que saturam toda forma de

⁵¹ Pompéia, p. 17/18.

⁵² Figueiredo, 2008.

controle, que validam efeitos de atos de força, na busca de atribuição de sentido e nos jogos linguísticos postos em circulação em um campo magnético que movimenta disputas e cria realidade a partir da intensidade de cada uma numa espécie de competição por atribuição de sentido. Ainda que não queira pensar sobre isso, há desejos em cada força e busca por dominar, há vontade de potência⁵³ que provoca um poder, mas não um *poder sobre* e sim um poder rotundo acionado dos sítios ocupados por diferentes discursividades, como a ligada à família militar. Este poder disciplinar encontra-se ligado à ação paterna e algema de tal forma que fabrica subjetividades tomando-as enquanto produtoras e geradoras do disciplinamento. Seja para aceitar a disciplina militar, para transgredi-la ou mesmo recusá-la, o “poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’ ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. (...) A disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente⁵⁴”. Assim, quando recusa a escola, logo vê materializado o discurso do *corre atrás do que tu*

⁵³ Nietzsche (2008)

⁵⁴ Foucault, 1984. p.153.

queres, mas não conta com a família que impulsiona uma vontade de poder, uma vez que limita as ações ao exercitar tecnologias de controle deixando por conta as escolhas. Falseadas práticas discursivas evidenciam o exercício da governabilidade de corpos ao propiciarem a fabricação de tecnologias do eu. Um sentimento sádico de dominação ao estilo de Chistian Gray⁵⁵, uma vontade de prender pela cintura, de cingir a boca e invadir as entranhas com tecnologias cada vez mais sofisticadas: algemas, chicotes, velas, livros, fardas, dentre outros. Por isso, ou em consequência disso, sentiu-se envolvido por sofisticadas e sádicas *tecnologias* que movimentavam disputas e vontades ao serem fluidas, não fixas, fluxas, matéria em efervescência e arena tomada por forças circulando e reiterando-se até produzirem efeitos confusos, indescritíveis e indiscerníveis. Sentiu, por isso, a necessidade de atos estéticos de resistência.

Queria atos estéticos, políticos e eróticos que não se prendessem ao momento; que não partissem de um eu individualista, mas que recusassem a governamentalidade no meio dela; que problematisassem o governo de si e dos outros; que operassem em artifícios estratégicos instáveis, móveis, e transversalizassem as relações de poder circulares e imperativos e que instituíssem, movediço, líquido e influxo, o último poder, um poder alternativo que agisse dentro e sobre a

⁵⁵ E. L. James, “50 tons de cinza” . 2012.

governamentalidade, entendendo-se por esta “um campo estratégico de relações de poder, no sentido mais amplo do termo, e não meramente político, entendida, pois como um campo estratégico de relações de poder no que elas têm de móvel, transformável, reversível⁵⁶”. Os atos estéticos podem significar mecanismos diversos de resistência ou a mobilização de instrumentos capazes de, nos jogos de poder, demarcar lugares de resistência. Uma “relação de si para consigo” implicaria em conhecimento de si e dos outros para que ações possibilitassem a circularidade de espaços de poder capazes de materializar mensagens de resistência para além do poder político enquanto estado de dominação e para além das relações de um sujeito centrado em si mesmo, já que interessa mais as relações com os outros. Dentre os atos subversivos e estratégias de poder, corrosivos, invasivos e ardentes um processo de subjetivação é construído e materializa-se quando submerso ao controle e ao disciplinamento constituindo práticas outras de poder que fazem perceber a sua circularidade e demarcam a materialização da resistência.

Seria prudente não pensar desta forma, pois já estava prometido de uma surra de tirar o fôlego, homérica!

Subtamente, fica clara outra imagem - a da comemoração por ter passado na escola técnica naquele curso de Exatas cujas chamadas novas tecnologias de comunicação e

⁵⁶ Foucault, 2010, p. 225.

informatização mostravam-se interessantes e faziam promessas de um futuro/presente profissional promissor, ao mesmo tempo em que potencializavam a vida entre os rapazes, porque permitia-se vê-los, porque o afeto pelo mesmo era mais interessante. Na comemoração: suores, língua, sabores, abraços e deslizares de mãos em busca de lugares, marcavam a entrada em um mundo masculino e interessante. Percebia esta atração distorcida pelas expectativas sociais. Do armário em que esquadrihava as prateleiras foi retirado o volume que procurava, mas sua leitura projeta uma confusa reflexão, pois não houve descoberta de uma sexualidade biológica, mas a vivência do homoerotismo em todas as suas dimensões, fossem elas afetivas, emocionais ou carnavais, ao lado de muitas indefinições, como a da carreira docente. Reconhece que estas imprecisões transitaram pelo gosto dos cursos de exatas e a vida dos meninos. Transitavam, também, por inclinações artísticas e comunicativas compreendidas ao se observar os lugares performáticos que se projetam para meninos e meninas ou para algumas carreiras, como a docente. Compreende que atuar como docente em uma universidade requer pensar sobre tais inclinações em uma renúncia de tempo submetendo-se a uma temporalidade transitória que provoca escapes deleuzianos e faz com que o contemporâneo seja visto pela janela retorcida enquanto se vive e se é tomado por ele e enquanto os interpelamentos propiciam o afastamento e o olhar da tangente

do tempo de modo que, mesmo no exercício da docência, se retorne àquele lugar em que pensou admiti-la tornando-a inseparável da vivência homoerótica. Por um tempo escapadiço, que lhe pareceu longo, questionou se a docência era o caminho a se seguir e titubeou em recuar. Por um tempo irregular também ponderou sobre esta inclinação, pois tinha aprendido a gostar de coisas incrustadas como sendo *de macho*: o futebol, a namorada, o curso de exatas e o cálculo, pareciam ser a melhor definição da *macheza*. Mas o encontro das licenciaturas, o *bando* de amigas mulheres, a leveza dos cabelos, a porosidade da pele, tudo isso lhe dava ares mais interessantes. Queria esta experiência como lugar da abjeção transgressora, vivê-la, reiterá-la, atualizá-la num continuum de problematizações e relocalizações, constituindo-se enquanto lugar do adiamento e da diferença. Por isso a revisitação da experiência transgressora é sempre amidiada de modos distintos e figura-se em um processo que é consecutivamente açambarcado pela inconstância, já que deflagra e agencia a dessemelhança do idêntico, pois as expressões atuais não tornarão a serem as mesmas nem se assemelharão a virtualidade que as atualizam. A atualização opera como parte, artifício e resposta ao virtual, porquanto ambas - virtualidade e atualidade - submergem e abrangem, envolvem e são envolvidas.

Sentiu-se numa bruma de imagens que encobria, pulverizava e abrangia de modo não decifrável, impenetrável, então

ponderou se o atual se movimenta assim, nublado e confuso. Compreendeu, num estalo deleuziano, que “Tal névoa se eleva de circuitos coexistentes mais ou menos extensos sobre os quais as imagens virtuais se distribuem e correm. É assim que uma partícula atual emite e absorve virtuais mais ou menos próximos, de diferentes ordens. Eles são ditos virtuais quando sua emissão e absorção, sua criação e destruição são feitas em um tempo menor do que o mínimo de tempo contínuo pensável, e que tal brevidade os mantém desde então sob um princípio de incerteza ou de indeterminação. Todo atual se envolve de círculos de virtualidades sempre renovadas, sendo que cada um emite outro, e todos envolvem e reagem sobre o atual⁵⁷” .

Profusão de direções desalinhadas, burburinho de volições, efígies tencionados na silhueta de um corpo cada vez difusos e dispersos em cerrações. Experimentos infames, misturas inconclusas: jogar bola e vivenciar o homoerotismo; ser *gay* e ter relações com mulher; e fazer Psicologia e Letras e Artes - Há muita *frescura* aí - pensou. Talvez o lugar da *frescura* ou do arejamento mesmo seja a Licenciatura. Mas se gostava de exatas e de cálculo não poderia ser *gay* e sendo *gay* teria lugar na docência? Presunções confusas, transversalizadas e trituradas pela diferença. Incompletas respostas para questões improváveis desconchavadas por um tempo prolixo. Olhou para a prateleira e para o armário, examinou a sala, explorou cada

⁵⁷ Deleuze e Parnet, 1978, p. 174.

detalhe e esbarrou em um quadro militar que remetia àquela escola da infância.

De súbito para, contempla novamente em volta e, como numa máquina desejante de um tempo interrompido, espalhado e incontinuo, embarca em uma viagem de cheiros, sons e sabores. Um fundo sonoro atordoia e produz vida a mais uma manhã de fevereiro em plena *Almirante Barroso*⁵⁸ ao misturar sirenes, buzinas e frenagens com rancos de motor automotivo, correria de vendedores e conversas na revistaria. Juntam-se a esta sonoridade o cheiro de fumaça de escapamento com os cigarros acesos nas paradas de ônibus e o aroma de café coado na hora. Estes eventos embaraçam os sentidos e dificultam distinguir passos firmes e pesados, quase em marcha, acompanhados de passadas leves, mas apressadas, que tentam seguir os primeiros.

Em poucos instantes os sons dos passos tornam-se mais próximos, descem as escadarias como a sombra de Bown⁵⁹, talvez de Alighieri⁶⁰, atravessam um *hall* de entrada de um casarão antigo e caminham em direção à rua.

⁵⁸ Principal avenida, ponto de entrada e saída de Belém.

⁵⁹ Dan Brown, *Inferno*, 2013.

⁶⁰ Alighieri, *A divina Comédia* (1304-1321), 1999.



Era o *Inferno de Dante* com Beatriz e Virgílio⁶². Fé e razão não explicariam o homem naquele momento.

Ouvem-se, baixinho, soluços, até os passos subitamente cessarem.

- Esta não é mesmo a escola dos meus sonhos - ouve-se.

- Tu és homem e homem que se preze e filho de militar, será militar também.

- Mas, porque nenhuma das meninas será militar?

- Dos três filhos que tivemos somente tu és homem. Não tem conversa, vais para a escola da aeronáutica!

As sombras seguem e seus passos se tornam mais distantes até outros acontecimentos tomarem a cena do dia. Estes

⁶¹ Figura 5. *Dante e Virgílio no inferno*. Pintura de Bouguereau, 1850, no Museu de Orsay,

⁶² Dante que personifica o homem, Virgílio que representa a razão e Beatriz a fé, são personagens de Alighieri em “A divina comédia” escrita entre 1304 a 1321.

episódios se tornarão comuns, inclusive banais, mesmo quando os pequenos e leves passos caminharem sozinhos. Não se tardaria a perceber as máscaras confeccionadas cuidadosamente, como se para usar nas sete vidas de um Gibrán⁶³, quando da espera de uma criança. Filho esperado, alento do pai da estirpe militar e da família de machos, como a árvore a balançar-se com o vento; filho homem, brincadeira sem nexo, previsão deturpada. Espera abstrusa com significados estranhamente surpreendentes revolvendo-se em uma espera *engraçada*, não trágica, alegórica e chistosa que em meio a campos contíguos, em sua disseminação, pode deixar pulverizada e estilhaçada uma performance nascente que, quando menos se esperar, habita tomando cada vez mais espaço e buscando *performare*, porquanto desde o anúncio de que a criança será um menino ou uma menina, algo começa a ser regulado por meio de mecanismos como a escolha do nome, das cores das roupas, das brincadeiras permitidas e até a escolha da carreira profissional. Neste entremeio, forças circulam e fazem-se coercitivas por sua reiterabilidade e citacionalidade⁶⁴ e por meio da linguagem concretizam-se, atualizam-se e procriam produzindo realidades. Na confusão estabelecida, não se pode vivenciar o sentimento da diferença que somente será acidental, uma vez que todo um planejamento de uma família seria para uma formação que não condiz, tampouco coexiste, com

⁶³ Gibran Khalil Gibran, poeta e novelista libanês.

⁶⁴ Butler, 2003

a docência ou com o homoerotismo, como se a vivência do homoerotismo masculino impedisse outras práticas que não apresentassem predicados femininos.

Mesmo tendo aberto o armário e retirado o volume que queria fazer a leitura, a visão daquela tarde em que os garotos franzinos jogavam futebol na escola tornava-se cada vez mais reiterativa e fazia ponderar sobre as brincadeiras que considerava masculinas e o desconforto com coisas femininas, ainda dentro de uma perspectiva binarista. Gostava de futebol, de conversar sobre torneios e partidas; jogava e se portava como os outros meninos da escola, embora outros desejos se fizessem presente. As escolhas convenientes, o disciplinamento dos desejos e a subjugação de corpos ocorriam de forma naturalizada no ambiente escolar que operou eficientemente para que as manifestações consideradas desviantes fossem reguladas tanto nas escolhas de brinquedos e brincadeiras, como no processo de separação durante o desempenho de atividades diversas. Compreendia que a escola estava atenta, como se velasse, para a escolha dos brinquedos segundo o sexo, mas que não atuava quando se brincava ou trabalhava misturado em equipe, por exemplo, e isso lhe pareceu estranho. A escola, desde o início, ajudou a caracterizar os desempenhos nas distintas disciplinas, vinculando o interesse em cada área ao gênero ou ao sexo no sentido biológico, colocando uns como naturalmente curiosos e

travessos e outros como naturalmente quietos e submissos. Estas atitudes, na época, pareciam convenientes e interferiam em toda a organização do trabalho pedagógico, do planejamento às avaliações⁶⁵. Porém a fuga, o adiamento e o porvir permitem escapes, transgressões, subversões e a escrita de traçados outros, desencontrados, desalinhados, desobedientes e indomáveis, fazendo da escola um lugar de fabricação do improvável. E o futebol, que segregava e marcava os lugares performáticos, também permitiu borrões, rabiscos e garatujas da diferença. Mesmo sendo o futebol adotado na escola lugar em que a discursividade sobre o corpo se faz presente com um formato masculinizado e que um conjunto de normas reiteradas em torno de uma disciplinarização de corpos criam realidades, e, ainda que seja visto como um dos principais representantes do que consideram masculinidade brasileira⁶⁶, certamente, o estar junto e a ludicidade envolvida nas tramas do esporte provocam desejos de meninos e meninas que procuram no futebol sua beleza indistintamente do lugar reservado para o macho ou a fêmea de uma fabricada espécie.

O futebol é para isso, para ser desejado por todos, meninos e meninas, e se as performances põem em circulação modos de ser e de definir os lugares de gênero revelando atitudes masculinizadas pelos constructos como as discussões

⁶⁵ Louro, 1997.

⁶⁶ Goellner (2001, 2003, 2004, 2005); Gastaldo (2005); Francini (2005); Knijnik (2003, 2004); Salles, et al. (1996)

em bares, os palavrões, a cultura do corpo perfeito com formatos masculinos e o emprego da força, já que "A virilidade virtuosa do esporte é frequentemente ressaltada pela sentença 'futebol é coisa para macho' (ou, em uma versão pouco menos rude, 'coisa para homem'), bem como em tiradas jocosas reveladoras de vivo preconceito⁶⁷", também o movimento, a correria, o suor e os palavrões remetem, a prazeres aproximados ao que um contato erótico pode proporcionar:

Frente a frente
 4 colunas
 de dois templos em ebulição:
 raios arqueados
 oscilam
 ossos
 músculos
 nervos
 pernas em balanço:
 arquitetura móvel
 para o pêndulo da surpresa.
 Não se sabe ao certo
 - dono de um mundo em rotação
 verde
 rolado no plano pleno de desejos -
 a direção
 daquele equilibrando a esfera
 a fera
 perseguida
 Se para a direita
 ou
 para a esquerda
 se para trás
 ou pelo vão
 que se arreganha
 à frente
 (abóbada de igreja livre
 para a passagem do andor
 com seu santo rotundo)
 No frêmito feroz

⁶⁷ Franzini, 2005, p.2.

olhos vivos e
 lentes onduladas
 se congelam no cristal
 da ânsia espectável
 Súbito
 para
 e
 dispara
 navegante da luz
 em direção ao corpo
 sólido
 num fio evanescente
 de malabarismo alumbrado
 o espectro do clown
 Parte
 com ela
 a esfera
 a fera
 aos olhos de espanto
 de feras de outra esfera:
 Vai
 Não Vai
 Foi ⁶⁸

Ao pensar no futebol e na molecada, lembra as tentativas de se separar meninas de meninos fazendo-se aparente um propósito definido de garantir identificações a partir de definições biológicas pela produção, circulação e inculpação de *tecnologias do eu*, aquelas técnicas e práticas discursivas que induzem ao autodisciplinamento e levam o indivíduo a manter a si e aos outros sobre controle, por permitirem “aos indivíduos efetuar por seus próprios meios um certo número de operações sobre seus próprios corpos, suas próprias almas, seus próprios pensamentos, sua própria conduta e o fazem de modo que se transformam a si mesmos, modificando-se para

⁶⁸ Anibal Augusto Ferro de Madureira Beça Neto “Celebrando Garrincha, o santo inventor da ginga” mundobotafogo.blogspot.com/ (acesso 02/12/2013)

alcançar certo grau de perfeição, felicidade, pureza ou poder⁶⁹”, mesmo assim pondera que tais práticas, apesar de construírem jeitos e normas a serem vivenciadas, não impediram que, independente dos lugares ocupados, eles e elas buscassem diferenciação no momento de escolher que brincadeira lhes seria mais conveniente em certo momento. Nas incongruências entre diferenças e a brincadeira escolhida com as orientações dos familiares e da escola sobre esta escolha, um paradoxo pareceu-lhe constituir-se, pois, independente da diferença e do homoerotismo sentido na pele, entendeu que se pode gostar ou não de atividades diversas como o futebol, contrariando as prescrições inscritas a partir do lugar heteronormativo.

A sala parece pequena, apertada e desconfortável enquanto agiganta-se um corredor a ser atravessado ao se tentar sair d’ ali. Não que haja necessidade de sair, mas o sufocamento de lampejos de lembranças e projeções marcam descontínuos e inacabados pensamentos. São lembranças ressignificadas e proeminências em inalcançáveis reinicializações. Nelas um vai-e-vem de cadeiras, mesas, livros, armários e lousas fazem hibridizar o pensamento: em meio a quadros e pinturas incandescentes, um protótipo em que imagens são mescladas

⁶⁹ [tecnologias do eu são aquelas] *que permiten a los individuos efectuar, por cuenta propia o con la ayuda de otros, cierto número de operaciones sobre su cuerpo y su alma, pensamientos, conducta, o cualquier forma de ser, obteniendo así una transformación de sí mismos con el fin de alcanzar cierto estado de felicidad, pureza, sabiduría o inmortalidad.* (FOUCAULT, 1990, p. 48).

projeta ao fundo um grupo com silhuetas semelhantes às quais há que se adequar, uma vez que a diferença coloca-se enquanto esfinge problemática e enigmática. A diferença dentro de um grupo cujos jogos discursivos definem seus componentes como masculinos significa também criar modos e modelos para o homoerotismo masculino levando a insinuações incertas em torno de como elas são definidas. Mas, não era difícil passar em todos aqueles critérios exigidos na escola já que eles constituíam parte de uma vida de danças. Por diversas vezes, tendo sido repreendido pelo Diretor da escola, juntou um grupo de amigos e soltou bomba-relógio em lugares que causassem danos ao patrimônio. A bomba consistia basicamente em um artefato que condensava pólvora de várias bombinhas, vendidas nas proximidades da escola, dentro de uma garrafa tendo como pavio, preso por chicletes, um cigarro que, após cinco minutos de aceso, chegava ao núcleo explodindo e causando as avarias necessárias: podia abrir buracos no muro e no telhado ou arrebentar um vaso sanitário. E isso ocorreu: a sala da direção teve sua maçaneta explodida, os vasos sanitários foram para os ares e o muro ficou com várias fissuras. Sem contar nas vezes que atirou pedras nas residências oficiais da vila militar. Fendas, frestas, rasgos, foram abertos na organização e no sistema certinho. Interstícios recusaram o ser *disciplinadinho* e produziram agitação, desinibição e o gosto por atividades artísticas como feiras culturais e jogos. Na

procura incessante por um caminho discreto que permitisse atravessar o longo corredor, câmaras diversas vão surgindo fazendo emergir imagens de agitadas crianças que moldam argila, dançam ao som de alegres canções, pintam paredes e constroem edifícios de papel. Agora, as fantasias são emaranhadas com as janelas reais, pois, realidade e ficção são apenas lugares de onde se observa. A criança agitada, desinibida e com gostos para atividades artísticas, embora sobreviva ao disciplinamento, cria formas de resistência e faz-se perceber diferente eliciando, ainda mais, a necessidade de controle que atravessa a arena discursiva, fazendo-se sentir literalmente na face, em sua superfície, atravessando-a.

A transgressão e a rebeldia também têm suas consequências e mesmo na sua negação constroem positividade. Contudo, a experiência da desobediência tem sabor especial. Das imagens reais e invertidas contempladas no espelho retrovisor, a viagem até Fortaleza⁷⁰ para uma seleção da escola militar no ensino médio em que propositalmente responde ao questionário de maneira a não atingir a pontuação, provoca tal sabor. Reconhecia ser difícil convencer de que o aluno aplicado não estava preparado para aquela prova, principalmente quando todos os primos passaram. É claro que a surra tanto prometida ocorreu e subversões familiares se instalariam, mas pensou se

⁷⁰ Capital do Estado do Ceará - Brasil

haveria possibilidade de uma família sem desordens e prosseguiu. Não esqueceria a surra *homérica*, pois ela serviria para traçar no lanço da tez o disciplinamento dado, para lembrar o planejamento e para demarcar posições ou mesmo para punir um delito e definir os rumos das relações familiares, instalando um materializado e poético abalo:

Às vezes você me pergunta
 Por que é que eu sou tão calado,
 Não falo de amor quase nada,
 Nem fico sorrindo ao teu lado.
 (...)
 Eu sou o medo do fraco;
 A força da imaginação;
 O blefe do jogador;
 Eu sou!... Eu fui!... Eu vou!...
 (...)
 Eu!
 Mas eu sou o amargo da língua,
 A mãe, o pai e o avô;
 O filho que ainda não veio;
 O início, o fim e o meio.⁷¹

Realidades, ficções, fantasias, poesia e repetições forjam em metal enferrujado reflexões voltadas para uma escrita poética com metáforas e literalidades, com tragédias e comédias, que denunciam e anunciam um deslizamento e um chamamento para outras reflexões deleuzianas, foucaultianas e shakespereanas fazendo com que se ouçam músicas, leiam-se poemas, procurem-se livros que de forma incontinua e desconexa teçam tramas rendárias unindo e repartindo pontos para criar uma narrativa que reúna elementos prescritivos de subjetivação

⁷¹ *Gita*. Composição: Paulo Coelho / Raul Seixas

ao propor designar o tipo de sujeito que deseja constituir e o que se repudia. Desejos heteronormatizados desenham performances masculinas do garanhão que tem a mulher que quer e carreira militar estabelecida, de um lado, enquanto do outro, repudia-se este modelo almejando-se a fraqueza à força, o *devir* outro e o que não veio e o que não irá satisfazer o sonho e a prescrição, pois outros sonhos se inscrevem e interpelam. Outros chamamentos e outros *tatoos* serão desenhados, pois diferentes lugares de inscrição serão confeccionados. Atravessar o corredor, sair da instituição por um momento e preparar-se para o baile de máscaras requer considerar diferentes possibilidades: pode se fantasiar de arquiteto, engenheiro, professore, pode-se tentar fugir disso tudo criando-se outra máscara ou mesmo transitar por lugares de fronteira entre a docência e o homoerotismo.

Não lembra de como escolheu usar diferentes máscaras como *El loco*⁷² e, até o momento, admira a capacidade de desconfiguração que elas apresentam todas as vezes que são usadas. Transitou por cursos de exatas, fez concurso para a escola técnica, gosta de matemática, gosta de engenharia e cálculo, gosta de meninas, gosta de rapazes, processamento de dados, pedagogia, psicologia, docência e a cada momento deseja reinscrever a passagem por estes lugares que revolvem sempre que necessário. Pouco importa se chamamentos diversos

⁷² Gibrán Khalil Gibrán, 1918.

transitam pela discursividade sugerindo um tráfego, ou mesmo, a circulação em lugares de fronteira para outras/mesmas experiências em um infundável retorno: na área de exatas, na vida profissional e mundo do trabalho e na formação acadêmica, para mostrar que a experiência interpela, mas não ocorre de forma exata ou pré-determinada. Ela funciona como dispositivo acionado em diferentes direções ao produzir possibilidades, ao mesmo tempo em que cria marcas e grafismos inacabados, circunscrevendo-se de forma altamente produtiva. Em pensar que a ala dos cursos de eletrônica e eletrotécnica era toda masculina. Lembrar-se daquela convivência e das brincadeiras entre homens é lembrar-se de um dos despertares de uma vida de afetos e erotismo. De súbito, uma constatação: tudo isso não interessa, nem o baile de máscaras, tampouco as máscaras militares, de engenheiros ou arquitetos. Interessa, sempre, o adverso, o interdito e a dissensão. Em um lugar que se congregariam corpos heteronormatizados, interessa a beleza dos corpos. *Muito homem!... Só homens!* As relações produzidas por chamamentos trariam a possibilidade da beleza dos *afectos* e *perceptos* da abjeção.

É estranho, mas é verdade
Eu não posso superar o jeito que você me ama
Mas eu tenho de ter certeza
Quando eu sair por aquela porta
Oh, como quero ser livre, querido
Oh como eu quero ser livre,

Oh como eu quero me libertar⁷³

Por isso caminhar pela sala. Por isso tentar achar uma saída, se permitir, e passar por corredores, alçapões e câmaras escuras e coloridas, criar sonhos dentro de sonhos e, como um Alan Poe⁷⁴, ir ao baile de fantasias insólitas e procurar descobrir a docência e o homoerotismo. Mas os sonhos dentro de sonhos não passam de realidades híbridas: hibridizam-se a escola básica com o ensino superior e outros saberes; hibridizam-se a docência com o homoerotismo e outras vivências; o que é livre, o interdito e o que é aprisionado; aceito, permitido, permissível e contestado; classificado, consagrado e reprovado, performático homo, bi, trans e hetero. Fantasias descrevem a escola, a sala e os alfarrábios e, dentro destes, câmaras corredores e bailes. Já não são sonhos dentro de outros, são meramente construção de realidades.

...Tudo o que vejo. Tudo o que suponho
 É só um sonho dentro de um sonho.
 As ondas quebram e fico ao meio
 de uma praia atormentada
 e eu seguro em minhas mãos
 uns grãos de areia dourada -
 Quão poucos! E como se vão
 Pelos meus dedos para o nada,
 enquanto eu choro, enquanto eu choro!
 Ó Deus! Eu Vos imploro:
 Não posso mantê-los em minha teia?

⁷³ Trecho da canção do grupo Queen: *I Want To Break Free* (John Deacon). Ano: 1984 - Album: Greatest - I can't get over the way you love me like you do/ But I have to be sure/ When I walk out that door/ Oh how I want to be free, baby/ Oh how I want to be free,/ Oh how I want to break free.

⁷⁴ Escritor

Ó Deus! Posso eu proteger
 das duras ondas um grão de areia?
 Será que tudo o que vejo e suponho
 É só um sonho dentro de um sonho?⁷⁵

Dá-se conta que sonhava de dia, ou que estava em um estado de coma que provocava um adiamento do presente em um tipo de afastamento do presente, ou era mesmo uma fenda da realidade que pensava ser sonho olhando-o por uma janela ou espelho cujas imperfeições da superfície provocavam uma erupção de dobras e descaminhos em confluências de fronteiras margeadas por situações-limite de modo tal que as potências em circulação dissentiam e afluíam ao invalidar as cronologias e pincelar, sem persistências, fragmentos: “Não, não! Não são as lembranças nem os sonhos que determinam as relações cronológicas ou sucessivas do acontecimento, pois as imagens-lembrança e sonhos estão em via de atualização, mas não em busca de uma ruptura, não fazem persistir as partículas, variações temporais no/do mundo ⁷⁶ ”. Por isso cultivava uma vontade indomesticável de saber se a pluralidade de fendas do pensamento pode tornar-se fecunda ou improdutiva e se é produtivo ver na xícara de café o presente e se, ao sair do

⁷⁵Trecho de *Um sonho dentro de sonho* - Edgar Allan Poe, 1849: *I stand amid the roar/ Of a surf-tormented shore,/ And I hold within my hand/ Grains of the golden sand-/ How few! yet how they creep/ Through my fingers to the deep,/ While I weep- while I weep!/ O God! can I not grasp/ Them with a tighter clasp?/ O God! can I not save / One from the pitiless wave?/ Is all that we see or seem/ But a dream within a dream?*

⁷⁶ Amorin 2006. p. 178.

coma, os devaneios cessarão. Então exercita retornar à vivência na docência do ensino superior para ver se encontra nos emaranhados de fios da experiência homoerótica performatividades a serem construídas. Mas acanha-se ao perceber que um retorno não será possível, uma vez que, sem querer, inventará textos mesclados em que monstros andróides, autômatos humanos, máquinas desejantes, protótipos inconclusos habitarão. Traços, desatenções, interpelamentos, devires e atravessamentos participam da constituição de um sujeito-fronteira, colocando-o na soleiridade de diferentes zonas discursivas. De lugares adversos chamam e atravessam, consturam e soturam, pontuam e tracejam, sem término ou finalizações, em perspectiva, produzindo-se, a florando, rabiscando ora máscaras, ora rostos, ora corpos tatuados. sublinhando com listras alguns lugares - o do professor e o do aluno, o do homo e o do hetero e outros binarismos - e destituindo-os em seguida para reconstruir algo não fácil de identificar ou classificar, já que construído nas relações entre subjetividades fronteiriças.

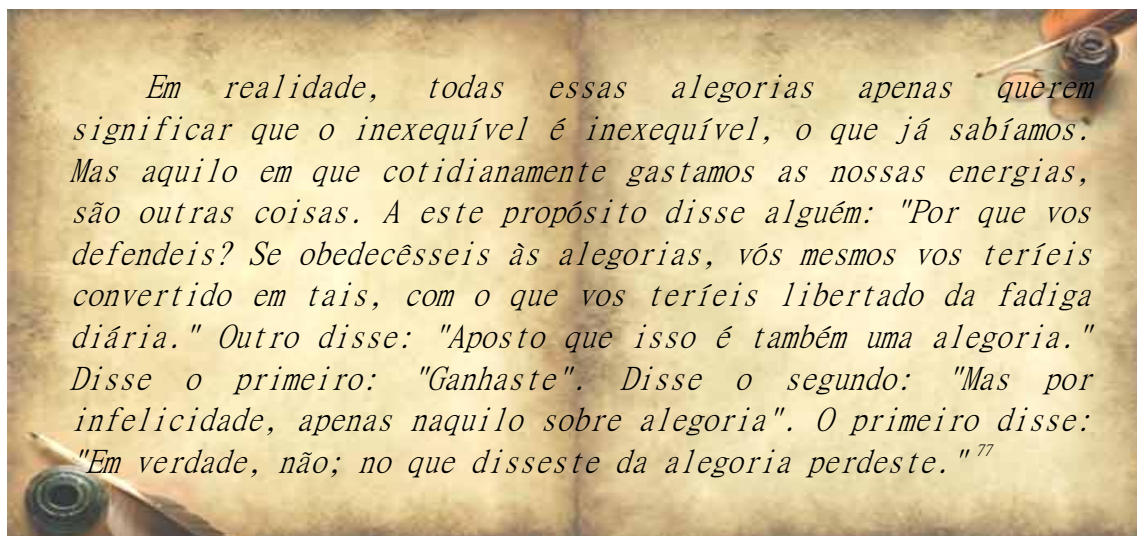
V ALFARRÁBIO



Fig. 6. O Escolar - Vincent van Gogh - 1888.

**TRAÇADOS, RABISCOS E LAIVÓS
NA LOUSA DA DOCÊNCIA**

V. TRAÇADOS, RABISCOS E LAIVOS NA LOUSA DA DOCÊNCIA



Alegorias são necessárias para fundir a quinquilharia e criar lascas de continentes, amores, vida, astronomia e toda a matéria escolar. Não para destruir ou substituir a escola, a vida, os continentes, mas para vê-los arder arriscando-se a criar alquimia no pensamento capaz de fundir o globo com os livros, as mãos com o quadro, o passado, o agora e o futuro criando-se o *devir*, para diluir e tornar líquida a realidade.

Aquele dia chuvoso de março estava ideal para sair da Escola e caminhar até a Universidade, pois não haveria despedidas imediatas, tampouco comemorações excessivas devido a sua aprovação no concurso federal. E isso era bom, pois para os tímidos quanto menor a exposição das emoções, melhor. E para o professor sério que foi até aquele momento e também o é hoje não poderia sair dando saltos de alegria desmedida.

⁷⁷ Franz Kafka: *Das alegorias*.

Enquanto atravessava o pátio, um cheiro de terra molhada misturava-se ao perfume das castanholas que, de maduras, caíam com a ventania. Terra, chão, flores, castanhas, sucatas, café, cola, giz e suor são perfumes, descrições de lugares, pessoas, jeitos e cores. Ideias remotas fizeram retornar imagens sobre os dias de planejamento na escola, do sufoco e das cobranças dos pais e a busca incançável por uma educação que naquele momento pensou ser de qualidade. Viu o olhar de uma mãe saindo da secretaria com um boletim de notas nas mãos e pensou nas festas cívicas e religiosas e nos multirões de limpeza. E com passos hora errantes, hora decididos, caminhou até a saída. As castanholas, os risos e as samambaias caindo em um canto escurecido pela sombra opaca do prédio na tarde chuvosa tinham um ar bucólico, talvez melancólico e, pouco pareciam com os vasos postos em lugares planejados do novo prédio para onde se dirigiria. Virou-se mais uma vez e deu de frente com a janela pela qual observava, durante alguns segundos por dia, o movimento da escola e seguiu. Errantes e atormentados passos o tiraria de um sono leve ou da fenda em que, enquanto observava, produzia imagens para lançar-se em outras fendas, canchas produtivas, capazes de fazer emergir segmentadas raízes que, enfervilhando-se, produziram sucessivas esculturas. Considerou que a escola básica era alegre e viva por suas danças, piruetas nos corredores, cochichos, jogos com bola, gincanas e movimentos de entrada e saída. Neste aspecto,

assemelhava-se muito à visão que tinha quando, no curso de exatas, observava o pessoal dos cursos de Pedagogia, principalmente quando havia palestras, colóquios ou outros eventos. Ficava encantado com os palestrantes falando sobre relações humanas, interpessoais, sobre sujeito e ser humano e se comunicando com habilidade. Procurou saber que formação o colocaria no teatro, nos descortinados e em contato com os outros e fez muitas amizades com o pessoal da Pedagogia que era gente bagunceira e cheia de vida que fazia festa no corredor e frequentava o Diretório Acadêmico. Em fração de tempo, não calculável ou aprisionável, já era assíduo nas festas do Diretório e viu a experiência homoerótica como algo comum no curso de Pedagogia. Este foi um dos deliciosos atrativos. Fluxo de memórias trouxeram à tona recortes diversos como quando aluno do curso de Pedagogia procurava afirmação para o homoerotismo e a docência. Pareceu-lhe ser *normal* na licenciatura, tanto para alunos como para professores – mesmo em uma época em que se procurava *camuflar* as fardas evitando-se usar expressões como: transexual, travesti, homoerotismo, dentre outras – que professores saíssem do esconderijo desconfortável e assumissem suas orientações, opções e preferências. Um oásis se mostrou logo ali, pronto para ser desfrutado, permitindo-se que fossem construídas performativamente não somente a negação, mas a positividade. E a produtividade coloca a Pedagogia como lugar

florido, alegre e de um niilismo aproveitável em que tudo parece *normal*, capaz de fazer emergir identificações. Considerar, no entanto, identificações sugere, inevitavelmente, que se pondere sobre diferença. Ao sair desta distração, olha mais uma vez para a escola e vê na ala da Educação infantil as bolinhas, as petecas, as vogais de mãos dadas, o sol sorridente, os brinquedos espalhados e todas aquelas “porcariinhas” e bugigangas que existem ali. Então, ora:

Eu queria uma escola que cultivasse
a curiosidade de aprender
que é em vocês natural.
Eu queria uma escola que educasse
seu corpo e seus movimentos:
que possibilitasse seu crescimento
físico e sadio. Normal
Eu queria uma escola que lhes
ensinasse tudo sobre a natureza,
o ar, a matéria, as plantas, os animais,
seu próprio corpo. Deus.
Mas que ensinasse primeiro pela
observação, pela descoberta,
pela experimentação.
E que dessas coisas lhes ensinasse
não só o conhecer, como também
a aceitar, a amar e preservar.
Eu queria uma escola que lhes
ensinasse tudo sobre a nossa história
e a nossa terra de uma maneira
viva e atraente.
Eu queria uma escola que lhes
ensinasse a usarem bem a nossa língua,
a pensarem e a se expressarem
com clareza.
Eu queria uma escola que lhes
ensinassem a pensar, a raciocinar,
a procurar soluções.

Eu queria uma escola que desde cedo
 usasse materiais concretos para que vocês pudessem ir formando
 corretamente os conceitos matemáticos, os conceitos de números, as
 operações... pedrinhas... só porcariinhas!... fazendo vocês aprenderem
 brincando...

Oh! meu Deus!

Deus que livre vocês de uma escola
 em que tenham que copiar pontos.
 Deus que livre vocês de decorar
 sem entender, nomes, datas, fatos...

Deus que livre vocês de aceitarem
 conhecimentos "prontos",
 mediocrementemente embalados
 nos livros didáticos descartáveis.

Deus que livre vocês de ficarem
 passivos, ouvindo e repetindo,
 repetindo, repetindo...

Eu também queria uma escola
 que ensinasse a conviver, a
 cooperar,
 a respeitar, a esperar, a saber viver
 em comunidade, em união.

Que vocês aprendessem
 a transformar e criar.
 Que lhes desse múltiplos meios de
 vocês expressarem cada
 sentimento,
 cada drama, cada emoção.

Ah! E antes que eu me esqueça:
 Deus que livre vocês
 de um professor incompetente.⁷⁸

Ouve as gargalhadas das crianças e pensa sobre o quanto as
 graduações em Pedagogia, Psicologia e Letras o faziam entender
 o porquê de cada quadro de prega, botões e bolsos pendidos nas
 paredes da sala - principalmente porque questionava qualquer
 forma de prescrição, enquadramento e padronização - embora
 tenha recebido várias críticas pelas vezes que se submeteu ao

⁷⁸Carlos Drummond de Andrade, *Para Sara Raquel, Lia e para todas as crianças*,
 2002.

exame de vestibular e pelos diferentes cursos de graduação por onde passou, o que o impelia a procurar um sentido para aquilo tudo. Não parava em um curso. Era um desespero, uma *doidice!* Queria muitas possibilidades: uma abundância de graduação. Tinha mesmo facilidade em ser aprovado e o potencial dos cursos também agradava, pois queria progredir na vida profissional e, então, jogava as fichas. Após tantas graduações, viriam especializações, mestrado e doutorado em educação. Considerava-se um louco: “Já vejo que não há aqui nenhum insensato que não possua este sentimento. Sois todos muito sábios, uma vez que, a meu ver, loucura é o mesmo que sabedoria⁷⁹”, mas pouco a distinguia do saber/poder.

Da escola para o ponto de ônibus passava-se apenas uma quadra, porém tinha a sensação que caminhava por mais tempo do que o previsto, pois as divagações imagéticas misturavam-se fazendo o passado mais presente e projectivo do que antes. Enquanto caminhava, ao desviar-se das poças d’ água no chão que refletiam figuras invertidas e disformes entre céu, prédios e árvores, viu-se dentro da sala de aula da Universidade. Fazer um concurso sem experiência na docência do ensino superior era instigante, mas pior seria enfrentar uma sala de aula com alunos adultos e, também, com alunos homens, com certo receio de eles sentirem-se assediados. Projetava toda a sua atenção às meninas e imaginou ter sorte de

⁷⁹ Rotterdam, 1973. p. 25/6.

encontrar nos cursos de Pedagogia uma quantidade significativas delas. Pouco tinha clara a sua condição de professor acadêmico, mas compreendia uma relação direta do homoerotismo com a docência e um medo que esta relação produzisse abjeções e rejeições. O medo provoca a criação de um estado suspenso entre a experiência e o desejo, entre ficção e realidade e nos entre-lugares. Olhando em volta, percebeu que nunca saíra d' ali e que o armário envelhecido em que encontrou um volume dos alfarrábios, as folhas marcadas por outras folhas que faziam entrelaçarem-se os livros, a escrivaninha desarrumada, a janela que projetava imagens virtualizadas, o cheiro de café, as escadas úmidas, as castanholas no chão e as poças d' água eram tão somente devaneios que cada vez atualizados virtualizavam-se e cada vez presentes desfaziam-se em *devir*, pois haviam acrescentado outras partes, etapas não imaginadas. Os fragmentos do pensamento criaram fragmentos de sonhos de uma docência na escola básica quando nunca saíra da Universidade. Pensou-se incapaz de continuar tais reflexões, pois, cada vez mais, fragmentava-se o pensamento em tomadas e cenários confusos. Parou em frente à janela a fim de conferir se as imagens das ciranças estavam lá e viu um estacionamento com alguns carros e parte do corredor que dava acesso às salas de aula do prédio contíguo.

5.1 - ARTEFAFO: Traçados e laivos performáticos entre o homoerotismo e a docência.

A visão erigida do lugar onde estava revelava, na primeira sala de aula, imagens de um projetor eletrônico lançadas na parede semelhante tratar-se de um documentário que misturava os horrores de uma guerra no oriente médio com a beleza da natureza vista de uma ótica diferente: um lugar afastado do centro das percepções que retornava a si mesmo no momento da observação. Ponderou o quanto inquietante ver um filme assim. Tentou associá-lo a um fundo musical; buscou *An die Freude* na *Sinfonia n.º 9 em ré menor*⁸⁰. Sim a alegria dos seres maus e bons, humanos, desumanos e híbridos, em um embaralhar de insanidade e frugalidade, talvez pudesse ser cantada:

(...)
 mudemos de tom!
 Entoemos algo mais prazeroso
 E mais alegre!
 Alegre, formosa centelha divina,
 Filha do Elíseo,
 (...)
 Alegria bebem todos os seres
 No seio da Natureza:
 Todos os bons, todos os maus,
 Seguem seu rastro de rosas.
 Ela nos deu beijos e vinho e
 Um amigo leal até a morte;
 Deu força para a vida aos mais humildes
 E ao querubim que se ergue diante de Deus!
 (...)⁸¹

⁸⁰ *Opus 125* (Coral) de Beethoven.

⁸¹ *An die Freude* (Ode à alegria) de Friedrich Schiller.

Iria tentar *Le quattro stagioni*⁸², mas a considerou, também, incompleta para as sensações afloradas pelas imagens. Pensou na beleza de uma bela obra e na tragédia intercedida por ela. Viu *Titus Andronicus* dialogando com o odiado jantar e preparando-se para servi-lo como vingança aos convidados que, numa antropofagia sensual, violenta e imprescindível comiam e bebiam os seus: “Sabeis que vossa mãe vem banquetear-se comigo, daqui a pouco, apresentando-se como a Vingança, por julgar-me louco. Ouvi-me, celerados! Vossos ossos vou reduzir à poeira, que no sangue misturada uma pasta me forneça com que uma torta aprontarei de vossas cabeças infamantes, para, logo, dizer àquela prostituta, vossa maldita mãe, que, como a própria terra, devorar venha os filhos. Esse é o banquete para que a convidei, sendo esse o prato com que ela vai fartar-se. Pois se minha filha sofreu bem mais que Filomela, mais do que Progne hei de vingar-me agora. Preparai as gargantas. Vem, Lavínia. (*Degola-os.*) Apara o sangue, e, após terem morrido, a poeira lhes reduzo os ossos todos, porque a misture neste odioso liquido e as vis cabeças coza nesta pasta. Vamos! Vamos! Que todos se azafamem no aprestar o banquete, pois pretendo mais sinistro deixá-lo e sanguinário que o festim dos Centauros. Carregai-os... (*Saem carregando os cadáveres.*) Assim... Assim... Vou ser o cozinheiro, para arranjar as coisas de maneira que, ao vir a mãe, eles estejam prontos.

⁸² *Le quattro stagioni* (As quatro estações) de Antonio Lucio Vivaldi.

(...) Ora, ora! Ambos estão naquela torta com que a mãe deles tem-se regalado, comendo, assim, a própria carne que ela mesma engendrou. E certo, é certo; atesta-o a ponta aguda desta minha faca. (*Mata Tamora.*).⁸³” Na miscelânea de sentidos e sensações procurou tristeza ou desolação, mas não encontrou, buscou os *fenômenos extremos* na *transparência do mal* de um Baudrillard⁸⁴ para compreender o que sucede depois da orgia da carne, do banquete e do frenesi e sentiu-se no limiar. Neste acontecimento mesmo encontrava-se no limiar, na soleira, nos extremos, à beira, a caminho, mais nietzschiano do que imaginava e, portanto, mais humano; não um humano desconectado do mundo em busca de um eu transcendental⁸⁵, mas um humano porque mundano tramado como prática e linguagem humanas, posto numa travessia, sempre em dois ou mais lugares simbólicos: “uma corda atada entre o animal e o além-do-humano - uma corda sobre um abismo. Perigosa travessia, perigoso a-caminho, perigoso olhar para trás, perigoso arrepiar-se e parar (...) uma ponte e não um fim (...) um passar e um sucumbir (...)”⁸⁶ .

Vislumbrou-se um peralvilho, *mostro de Frankenstein*⁸⁷, com seus trapos, seus arremedos, suas hibridezes e sua abjeção, mas não se sentiu preterido. O quadro daquela sala contemplado através da janela e a movimentação dos jovens pelo corredor

⁸³ Shakespeare, 2000. p. 121/22 e 126

⁸⁴ 1988

⁸⁵ Kierkegaard, 1988.

⁸⁶ Nietzsche, *Prefácio de Assim Falou Zaratustra*, 1883.

⁸⁷ Mary Shelley, 1831.

fez resignificar a expectativa de entrar na sala de aula pela primeira e inúmeras outras vezes: olhares, cochichos, pequenos comentários, risos e apelidos. Jovens chamando uns aos outros pelo nome do professor a fim de constrangê-los por uma provável orientação sexual. O quadro pintado parecia-se ao Pomar de prazeres mundanos, pois, mesmo em *tríptico*, misturava inferno e paraíso na terra, com seus protagonistas desinibidos celebrando os prazeres da carne, a efemeridade da vida e a passagem etérea, mas carnal e terrena, do gozo e do prazer.



Como em um ritual tribal, a certa profundidade, todos estavam contagiados pelo êxtase que os fazia gargalhar e proferir frases diversas e confusas constantemente. Um erotismo se instalou: mãos e pernas eram acariciadas; frases eram ditas aos ouvidos e risos acompanhavam os comentários sobre triângulos, círculos e cilindros do corpo, cada um com seu peso e sua medida até ouvir-se um entoado “Bom dia” que não surtira efeito algum. Tomado por um Andrei theckhoviano

⁸⁸ Figura 7. *Jardim das delícias terrenas*. Hieronymus Bosch, 1504.

brada em pensamento: “Basta! Já não estão cansados disto vocês todos?⁸⁹”, mas não teve coragem de proferir uma só palavra e, como Natacha⁹⁰, recuou: “Tenho vergonha. Não sei o que me está acontecendo, nem a eles... Eles estão caçoando de mim. É falta de educação, eu sei, abandonar assim [a sala]”. Ao ensaiar uma saída, voltou então ao plano “a” que seria mostrar toda a sua competência numa preleção erudita, ainda que quase ciente de que desde Anchieta até as práticas tirânicas atuais ninguém quer mais ouvir sermões: “Que diferente é o estilo violento e tirânico que hoje se usa! Ver vir os tristes passos da Escritura, como quem vem ao martírio; uns vêm acarretados, outros vêm arrastados, outros vêm estirados, outros vêm torcidos, outros vêm despedaçados, só atados não vêm!⁹¹” .

Por um instante pensou que estivera mirando pela janela à quase cinco minutos numa viagem antecipada e por vezes adiada, o que lhe pareceu ser um desperdiço de tempo. O tempo medido, tempo regrado, tempo moderno aprisionado, em uma redoma de controle. Porém o fluxo de tempo, contrariando e confabulando com Deleuze⁹² perdeu-se no devir de um instante alongado, aprofundado, mas quebrado, subdividido ao infinito, disperso

⁸⁹ Andrei Serguêievith Prozorov, personagem de *As três irmãs*. Anton Theckhov, (1901). 2002. p, 47.

⁹⁰ Natália Ivanova (forma usual: Natacha) - personagem de *As três irmãs* Anton Theckhov (1901). 2002. p, 49.

⁹¹ Vieira, (1608-1697) *Sermões*. p. 37.

⁹² 1992

sem passado e futuro, não captável, mais que sorção, labirinto de tempo, ciclone, redemoinho, fios dispersos e confusos que não reornam à *Ariadne*⁹³; plasticidade de tempo desordenado, abstruso, variado; tempo alucinado, insano, alienado, inconsciente, jorrado, usurpado, refluído em um eterno *devir* que mistura as tarefas dos *Eclesiastes*⁹⁴ com o *vir a ser* de Heráclito e o *carpe diem* de Horácio. Nem tempo tampouco espaço é possível nesta confabulação, pois não há “um espírito do tempo e nem um espaço como terra natal, mas temporalidades diacrônicas e sincrônicas como experiência da atualidade e espaços constituídos por meio de práticas divisórias dos corpos⁹⁵”. O tempo de um *revivez*, portanto, torce e destronca toda cronologia, uma vez que tem uma rapidez incipiente e uma lentidão embrionária. Contudo, o *revivez* não traz as mesmas sensações, pois que, a cada ocorrência, resignificações são produzidas.

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
 Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
 A vida não para
 Enquanto o tempo acelera e pede pressa
 Eu me recuso faço hora vou na valsa
 A vida é tão rara
 Enquanto todo mundo espera a cura do mal
 E a loucura finge que isso tudo é normal
 Eu finjo ter paciência
 E o mundo vai girando cada vez mais veloz
 A gente espera do mundo e o mundo espera de nós
 Um pouco mais de paciência
 Será que é tempo que lhe falta pra perceber

⁹³ Filha de Minus, rei de Creta, na mitologia grega.

⁹⁴ Livro poético da Bíblia

⁹⁵ Lemos, 2012. p. 139.

Será que temos esse tempo pra perder
E quem quer saber (...)⁹⁶

Teria um intervalo para o almoço que não poderia mais chamar de tempo, pois não fez somente almoçar: ligou para casa, enviou mensagens institucionais, orientou um aluno que aguardava para ser atendido, tomou o cafezinho em frente à janela... Brincou com o play do celular e, projetando-se no espelho, tirou fotos de si mesmo pensando em postá-las ou não. Estava com a pressa dos tempos modernos, porém: “Espere. Um instante [faz uma pose]... Um. Ainda um instante [outra pose]... Dois. Agora (...!)⁹⁷” . Após o intervalo retornaria para a sala de aula à turma de Pedagogia. Tinha algo desenhado na imaginação para a ação pedagógica como textos e slides, antes selecionados, contudo, a apropriada etiqueta pedagógica advertia que era preciso um plano de trabalho que pudesse ser discutido em classe. Arriscou em vão elaborar um plano, mesmo compreendendo por experiência que insuficientemente ele seria vivenciado em sala. Todavia, viu-se sem saída, então retrogradou toda a organização do trabalho pedagógico no percurso mais clássico que conhecia: objetivo, conteúdo, método, etc. e voltou a bestear. Besteou, *devir* mula que buscava ser, uma zebra, um asno, um zebrasno...⁹⁸ Na caça a outros caminhos que não o pedagógico esperado, sempre sem

⁹⁶ *Paciência*. Composição Lenine.

⁹⁷ Fédor Ilitch Kulyguin – personagem de *As três irmãs* (Anton Theckhov, 1901). Ed. Nova Cultural, 2002. p, 47.

⁹⁸ Híbrido pertencente à família dos equídeos, resultante do cruzamento de uma zebra com um asno.

riso, sem profanação, sem diferença, sem surpresa. Caminhos que levassem a incivilidades, a inconexões, a desacertos abusivamente humanos que somente a bestagem pode alcançar:

“Você sabe que isso consiste em praticar inconveniências, mas também em andar à toa, vagar sem rumo certo, em errância? Agora me diga, adorável amigo, você acha que bestear (será que existe esse verbo em nossa língua?) é próprio do animal, da besta (numa palavra mais adequadamente antropomórfica)? Ou bestear é coisa de gente mesmo, não do animal, porque esse já está, por assim dizer, garantido, tanto por seus traços explícitos quanto por suas formas específicas? Também ser besta não implica nenhuma animalidade no humano (tão orgulhoso de sua humanidade!), nem quaisquer *traces* animais que apareceriam num rosto, num rabo, nos quadris, pálpebras, rotulas, fêmures, dedos dos pés e das mãos, seios pelos... Isso seria apenas uma simplória correspondência formal que não dá conta da bestialidade. A verdadeira bestialidade, que é da gente mesmo, resolve-se numa espécie de caldo proteico, em que se misturam cornos, ossos, nervos, patas, esperma, urina, fezes, gases, suores, hálitos; e ainda mais, figueiras, calhaus, hibiscos, cinamomos, sepulturas, rajadas frias de vento, sopros asquerosos, lanternas elétricas, morcegos se desprendendo de abóbadas, círios ardendo, alegria de existir, uma garrafa de Perrier, e também, a leitura, a escritura e a

critica⁹⁹” . Colocou-se a *zebrasnar*, pois era mais espantoso, um pouco mais de tempo e caminhou para a sala.

No corredor, pôs-se a contemplar a composição do prédio, a disposição dos jardins e dos vasos em relação às salas. Uma fúria avassaladora revelou a monotinia do prédio: as salas de aula eram dispostas lado-a-lado, cada uma com aproximadamente cinco metros de largura; no intervalo de cada sala havia uma pequena parede que se precipitava ao corredor para que, ao sair, os ocupantes de um ambiente não vissem os que saíam do outro; a cada duas salas havia um vaso plástico rachado ou quebrado pelo peso das samambaias que ficaram viçosas com as chuvas frequentes; do lado direito das salas construíram os toaletes masculinos e do esquerdo, os femininos. O complexo de prédios é razoavelmente grande, considerando-se um *campus* do interior, pois comporta vários ambientes de aula e possui uma composição administrativa e outras tantas: ambientes de informática; laboratórios pedagógicos distintos.



100

⁹⁹ Corazza, 2008. p. 151.

Entretanto, tudo é meticulosamente distribuído e ocupado, o que incita a imaginação a distorcer aquele quadro num inquietante descompasso com a planta, a estrutura e as pessoas na busca do inexplicável, do ainda não pensado e arquitetado para promover a arquitetura¹⁰¹ do inexplicável. O inexplicável é da ordem do desafio, do desalinhamento, do burburinho, do caos. Não precisa de autorização, é próprio da invenção, da artistagem, da manufatura, por isso insurge-se ao encontrar o certo, o ajustado, a perfeição. Quer mesmo o impróprio, o improvável, o interdito: “Inexplicável é o nome que podemos aos artistas que pintam sem acabar de pintar. Botam tinta, mais tinta, outra tinta, e nunca lhes parece que a árvore é árvore, nem a choupana choupana. Se se trata então de gente, adeus. Por mais que os olhos da figura falem, sempre esses pintores cuidam que eles não digam nada¹⁰²”. É por isso o artifício, a não convenção, o desconcerto, a cizânia e a desarmonia. Enleios revelam haver nada de importante ali, até que se depara com um quadro interessante, mas não desconfia que a pintura deste quadro vaza de um campo de subjetividades que interpelam sentimentos e sensações que a pintura imprime como disparos de máquinas dionisiacas que capturam as imagens do pensamento e em simulacros projetando-as por toda parte ao som de zumbidos que eliciam música: “Olhando para o quadro

¹⁰⁰ Figura 8. Imagem frontal do prédio de salas de aula do campus de Castanhal - UFPA. www.campuscastanhal.ufpa.br/index.php/phoca/category/1-campus-de-castanhal (acesso em: 15/02/2013).

¹⁰¹ Eiró, 2014.

¹⁰² Machado de Assis, 2003. p, 76.

são seus ouvidos que ajudam a repintar aquela obra. E o silêncio, antes o tom principal do ambiente, gradativamente passa a ser substituído por outros sons. O surgimento dessas novas presenças sonoras não acontecia de forma previamente hierarquizada. Era a sua percepção que ordenava a intensidade dos sons a serem ouvidos (...) Seus olhos encantados ouvem com maior atenção todos os detalhes daquela música rica em energia, em multiplicidade de vozes, em detalhes das frases musicais. Percebia com clareza as frases rítmicas, as contraposições entre graves e agudos, as misturas de texturas...¹⁰³”

O caminho até a sala de aula, embora forrado por blocos de concreto encharcados de água que respingavam nas calças a cada passo, não era longo, porém, até as escadarias teria que passar pelos rapazes que, em burburinhos de albatrozes, aguardavam o professor de engenharia. Muitos homens! - Como no primeiro banco que trabalhou aos catorze anos e, como nos curso de exatas que, em certo momento, fez parte - com suas camisas de manga arregaçadas ou com o estilo *baby look*, desenhando o corpo. Em certo momento e lugar, e com o equipamento adequado, filmaria com uma supercâmera para rever, com imagens lentas, o enrijecimento dos músculos das faces bronzeadas pelo sol de quarenta graus do inverno paraense e os braços, alguns franzinos e outros selvagens, como os

¹⁰³ Eduardo Pacheco in Sandra Corazza, 2010, p. 46/7.

trabalhadores do mar. Entenda-se como o trabalhador do mar um tipo específico que apresenta “um perfil semelhante ao do bárbaro antigo. Quieto, parecia um Dácio da coluna trajana. As orelhas eram pequenas, delicadas, lisas, de uma admirável forma acústica. Tinha entre os olhos a soberba ruga vertical do homem audacioso e perseverante. Caíam-lhe os dois cantos da boca; a testa era de uma curva nobre e serena; o olhar saía-lhe firme de dentro da pálpebra franca, posto que ele tivesse aquele piscar de olhos que os pescadores adquirem com a reverberação das vagas. O riso era pueril e delicioso. Não havia marfim mais alvo que os seus dentes (...) tismado pelo sol, era quase negro. Não se afronta impunemente o oceano, a tempestade e a noite (...). Tinha a sombria máscara do vento e do mar¹⁰⁴”. Reiteraram-se, neste estranho momento, recortes de imagens das aventuras com os primos e amigos na *Ilha de Mosqueiro*¹⁰⁵ durante uma noite fria em um hotel de madeira, cujas tábuas eram pregadas de forma a deixar vazar para dentro do quarto uma brisa e pequenos pingos d’ água. Imaginou que, naquele momento, mesmo sendo primos e sentirem não saber das consequências das escolhas, as inquietações de quererem estar juntos, ainda em se tratando de lembranças e resignificações, congelam e causam arrepios, aceleram os batimentos e fazem sentir a corrente sanguínea a ponto de não

¹⁰⁴ Hugo, 2002. p. 38.

¹⁰⁵ Ilha fluvial localizada na costa oriental do rio Pará, no braço sul do rio Amazonas, em frente à baía do Guajará. Distrito administrativo do município de Belém.

se distinguirem enleios de sonhos, inconscientes de realidades virtuais. Uma cisma materializada confunde os sentidos e coloca-os em estado de *devir* ao misturar silhuetas, corpos, cheiros, formas, estados, flores, raízes e espinhos, languidez, abrasividade e neve, morfina e adrenalina, montanhas, vales e poeira em cíclicas máquinas desejanças: “A cisma, que é o pensamento no estado nebuloso, confina com o sono e preocupa-se a respeito dele, como de sua própria fronteira. O ar habitado por transparências vivas seria o começo do Desconhecido; além abre-se a vasta porta do possível. Outros seres e outros fatos. Nada sobrenatural; mas a continuação oculta da natureza infinita. (...) As coisas sombrias do mundo ignorado tornam-se vizinhas do homem, ou porque haja verdadeira comunicação, ou porque as distâncias do abismo tenham crescimento visionário; parece que as criaturas invisíveis do espaço vem contemplar-nos curiosas a respeito da criatura da terra; uma criação fantasma sobe ou desce para nós, no meio de um crepúsculo; ante a nossa contemplação espectral, uma vida que não é a nossa agrega-se e dissolve-se, composta de nós mesmos e de um elemento estranho; e aquele que dorme, nem completo vidente, nem completo inconsciente, entreve as animalidades estranhas, as vegetações extraordinárias, as cores lívidas, terríveis ou risonhas, as larvas, as máscaras, os rostos, as hidras, as confusões, os luars sem lua, as obscuras decomposições do

prodígio, o crescer e o decrescer no meio da espessura turvada, a flutuação de formas nas trevas...¹⁰⁶” . Cisma, ansiedade, vontade de poder, fazem parte do desejo de comer o outro, degustar, bastar-se e transbordar-se no outro, tragar e embriagar-se, encantar-se por um domador de serpentes, um *Poseidon*¹⁰⁷ furioso e inquietado, tirado do lugar seguro, provocando *tsunamis*, arrebatando e arremessando para zonas fronteiriças, tornando por instante um *amigo íntimo*, que revolve a cordilheira fria em chamas e abrandaa depois que aquece a atmosfera; que promove animalidades intrigantes, hibridismos da serpente com o humano, da vegetação com a pele, das hidras com a boca, da criatura terrestre com o espectro, das larvas com o suor, do narciso¹⁰⁸ com a libélula, fazendo parte do desejo de experimentar o outro: “... o fogo ardendo baixo, no brando estágio em que, depois de seu primeiro ímpeto ter aquecido o ar, apenas flameja para ser olhado; as sombras e fantasmas da noite juntando-se em redor das janelas e olhando para nós, uma dupla silenciosa e solitária; a tempestade ribombando lá fora em solenes crescendos (...) comecei a tomar consciência de estranhos sentimentos. Senti algo derreter-se em mim. Meu coração partido e minhas mãos enlouquecidas já não se voltavam contra o mundo feroz. Aquele selvagem suavizante o redimira. (...) selvagem ele era, com um

¹⁰⁶ Hugo, 2002. p, 42/3.

¹⁰⁷ Deus do mar na mitologia grega.

¹⁰⁸ *Narcissus* ou *Flor de Narciso*.

aspecto inteiramente fora do comum; não obstante, comecei a sentir-me misteriosamente atraído para ele. E aquelas próprias coisas que mais teriam repellido os outros eram os imãs que assim me puxavam. ‘vou experimentar um amigo pagão’, pensei...¹⁰⁹”. Em um estalo se percebe fitado por um dos rapazes, porém não esboça reação e, com um breve: “*boa tarde*”, sobe as escadas.

5.1.1 - A sala de aula

Junto à classe, procura vivenciar uma lógica arriscando-se a acreditar ser este nexos o mais coerente para o momento, pois pretende uma aula com princípio, meio e fim e, aos moldes deweyanos¹¹⁰ ou tylerianos¹¹¹, arruma os cadernos, faz a chamada, projeta slides, recorre à didática, a metodologias, ao silêncio, à conferência, à entonação da voz, contudo perde-se na incoerente lógica do delírio e atira para o alto toda aquela parafernália pedagógica para conspurcar os sentidos, provocar escarcéu e recriar os sítios da sala de aula; palpita, range os dentes, salta, faz carrancas, rasga as máscaras, coloca outras, desmente, contesta, simula, faz circular outros discursos, mais leves, menos universais, menos redentores. E se questionado o porquê de seus métodos, de sua roupa, de seus modos loucos, logo responde: “Se, agora, fazeis questão de saber por que motivo me agrada aparecer

¹⁰⁹ Ismael, personagem de *Moby Dick* - de Herman Melville (1851), 2003, p. 69.

¹¹⁰ John Dewey, Filósofo e pedagogo estadunidense.

¹¹¹ Ralph Tyler, educador estadunidense.

diante de vós com uma roupa tão extravagante, eu vo-lo direi em seguida, se tiverdes a gentileza de me prestar atenção; não a atenção que costumais prestar aos oradores sacros, mas a que prestais aos charlatães, aos intrujões e aos bobos das ruas, numa palavra, a que o nosso Midas (...) prestava ao canto do deus Pã” (...) sigo aquele conhecido provérbio que diz: *não tens quem te elogie? Elogia-se a ti mesmo*¹¹²”. A insanidade se elogia em desconexão e desencontro. Algo se movendo em direção oposta e voltando como uma onda provocada por um cisma no oceano ao descarregar uma força que consome o entusiasmo e suga-o, chacoalha-o, embebe, pulveriza fragmentos de hemoglobina, rasteja, ascende e declina bruscamente, serpenteia pelo corpo, retira do chão e lança no assento de um balanço circense. Amaldiçoa e degrada às canchas mais insalubres até enfastiar, esgotar a escrita, tanger a leitura e arrastar o leitor. Então, detém-se e pondera: “Amável leitor, se consideras, até aqui, a minha prosa demasiado longa, aceita as minhas desculpas (...) Como verás, trata-se de uma construção aberrante. A sua lógica é do delírio. O seu movimento é da rebelião. A sua forma é do fragmento. O seu culto é do mal. O seu lugar é marginal. A sua posição é divergente. O seu mergulho é no horror. As suas litánias são da lua e as suas epifanias são dos lobos, leões, ursos leopardos, touros, serpentes. A sua densidade é satânica. Os

¹¹² Rotterdam, (1509)1973. p. 14/15

seus autores são para sempre malditos. O seu rebento é *étranger* que, por seu lado, é *étrange*. Ali, o asno toca lira. À beira do suicídio. Na acídia. Ponto morto. *To fade*. Prosa cifrada, que não resulta de uma comportada especulação de gabinete, mas pode ser lida por qualquer criança (...) ¹¹³” . A sala de aula tem a inclinação de causar espantos, admiração, perplexidade, porque nela se lida com um albergue de feitiçaria e com a alquimia do não saber. Conspiram-se ações iníquas, destroem-se as arquiteturas, constroem-se habitações para o improvável. Na sala de aula, os aventureiros químicos embem-se no alambique desconhecido e vestem-se com formas insujeitas de andrajos e experimentam maneiras retorcidas de vesti-los. Nesta atmosfera, movimentam-se: “... os jubilados da improbidade, as existências em bancarrota, as consciências que já fizeram balanço, os que abortaram no assalto e no arrombamento de portas (porque os ladrões trabalham por baixo e por cima), os operários e as operárias do mal, os velhaquetes e as velhaquinhas, os escrúpulos rasgados e os cotovelos rotos, os tratantes chegados à indigência, os malévolos, mal recompensados, os vencidos do duelo social, os famintos que foram devorados (...) os miseráveis (...). Ali é bestial a inteligência humana. É o montão de imundices da alma. Ajunta-se tudo aquilo em um só canto onde passa a vassoura... ¹¹⁴” . Por quais olhos de serpente da Medusa se pode

¹¹³ Corazza, 2008, p. 14.

¹¹⁴ Hugo, 2002. (1866) p, 119.

ver a aula? Por olhares que desejam, buscam, querem penetrar na penumbra para confundir a distinção de corpos, formas, cabeças e ventres; que compõem prolongamentos inertes como farrapos assexuados; que instalam a promiscuidade no assombro híbrido, um sinistro espectro humano. Olhos que geram a poluição de mentes e linguagens; a conjuração da abjeção; a conspiração com o execrado, sedentos pela carne, pele, ossos. Sortilégio demente, que deflora a inteligência, o cognitivo, o pensar e que pensa, narra e produz seres nômades: *The walking dead*¹¹⁵, não os mortos, mas os vivos, como na série, perambulantes, errantes, vagantes, vagalumes, insetos fétidos, perdidos, desnorteados, *Lost in Space*¹¹⁶, e o espaço é composto de infinitudes, embarcando em jangadas sem leme, sem bússola, sem egressão. Olhos que desejam arruinar-se no perigoso labirinto e demonstrar as faces ofioideas, desnudas e superficiais na margem cantando para seduzir a besta: *Grendel*, um *troll*¹¹⁷, criança, insana e confusa com a cantoria e com a batucada aborígene no gozo da feitiçaria se encanta pela farra excomungada de mandingueiros que esfregam os corpos desvestidos, desvirtuados, para produzir calor, suores em

¹¹⁵ *The Walking Dead* é uma série de televisão que mistura drama e suspense pós-apocalíptico tendo como pano de fundo a presença de Zumbis, mas que se refere ao perambular dos sobreviventes. É dirigida por Frank Darabont, desde 2010, a partir da série de quadrinhos de Robert Kirkman.

¹¹⁶ Perdidos no espaço é uma série norte-americana desenvolvida entre 1965 e 1968, por Irwin Allen que contava as aventuras da família Robinson no espaço, a bordo de uma nave.

¹¹⁷ *Grendel*, uma espécie de *troll* criança é uma criatura antropomórfica imaginária do folclore escandinavo. Tida como ogro ou gigante, humanoide pouco inteligente e rebelde.

êxtase contagiante e os procura devorar: “De repente, vendo um tição inflamado na mão de um companheiro, asiou-o, entrou a descrever com ele no ar figuras caprichosas, círculos, elipses, oitos de algarismo. Bateu-o no chão, espalhou na roda milhares de faúlas... O entusiasmo ascendeu ao delírio. (...) começaram de girar um em torno do outro, atacando-se, perseguindo-se, fugindo, como duas borboletas amorosas. Recuaram, depois avançaram de frente, lento, medindo-se. Deixaram pender os braços, afastaram as cabeças, protraíram os ventres, curvando as pernas, fizeram estalar uma umbigada artística, sonora, retumbante, que se ouviu longe¹¹⁸”, pois, alegria contagiante é o espaço de sala de aula, que incomoda e põe o monstro para dançar, com seus artrópodes rastejando sob o luar; com o coachar dos sapos no pântano denso onde a feiticeira esbraveja contra os deuses e pelos demônios, ansiosa, como Lucy¹¹⁹ pelo hálito sombrio da encantada besta de Bram Stoker¹²⁰; anfiteatro de tiranos, purgatório sem almas; espíritos visíveis que cambaleiam e, em instantes amontoam-se, em instantes fogem da luz - Esta é uma sorte que poucos têm, da experiência de sala de aula - pensou - E poucos falam sobre ela ao oráculo, uma vez que este, por sua empáfia, pretende decidir sobre a condição dos que por ali passam. Arrumou os livros, desligou os equipamentos e saiu.

¹¹⁸ Ribeiro, (1938) 2002, p. 10

¹¹⁹ Lucy, personagem seduzida pelo *Drácula* de Bram Stoker, romancista irlandês.

¹²⁰ Stoker, B. *Drácula*. Trad. de Theobaldo de Souza. Porto Alegre, L&PM. 1993

5.1.2 - *Oráculo*

O dia seguinte iniciaria com uma reunião pedagógica da Faculdade, que haveria de tratar sobre questões referentes à disciplina, ao comportamento e ao resultado das avaliações, por isso a necessidade de acordar bem cedo para tomar um banho frio. Transitar de Belém¹²¹ à Castanhal¹²² para uma reunião dessas não era muito agradável, mas o caminho, hora com bastante asfalto, hora com uma paisagem verde, causava um deslocamento no tempo para as viagens ao interior Bragança, para visitar familiares - Não imaginava que, após o período de atuação como professor substituto no campus de Castanhal, passaria no concurso para efetivo para a famosa *Pérola do Caeté*.

Bragança¹²³ é uma cidade charmosa que, até os dias atuais, conserva o que a crítica chama de patrimônio histórico e cultural, mas tem um significado incomum para os que durante a infância frequentam este local.

¹²¹ Capital Paraense

¹²² Cidade paraense localizada a 70 km da capital.

¹²³ Cidade paraense localizada à margem do Rio Caeté, meso região nordeste paraense, conhecida como “Pérola do Caeté”, “Flor do Maracujá” ou “Terra da Marujada”. Possui população de aproximadamente 115 mil habitantes (2014).



124

A cidade propicia, dentre outras possibilidades, retiro aos finais de semana para experimentação da vida do campo no que tange à flora, aos rios e fauna exuberante ou mesmo às grandes e pequenas culturas do gado. Sem contar a sua arquitetura que remete ao estilo colonial de seus fundadores.



125

Sítio imaginário para confirmar o que se discute nas aulas de história e biologia, tanto em relação ao desenvolvimento da história do Pará, como dos seres vivos e seus artifícios de evolução, é a cidadezinha. Lugar

¹²⁴ Figura 09. *Orla do Rio Caeté*, Bragança - Pará. Por Jameson Viana. www.mochileiros.com/braganca-guia-de-informacoes (acesso em 20/01/2014).

¹²⁵ Figura 10. *Palácio Episcopal*, uma das arquiteturas patrimônio histórico e cultural de Bragança, Pará. Por Niani. www.mochileiros.com/braganca-guia-de-informacoes (acesso em 20/01/2014).

interessante para recriar os processos biológicos atribuindo-lhes todo o erotismo necessário que os manuais escolares negligenciam, desde o envolver das aves, à penetração do pássaro na flor; do ruído dos patos ao ulular dos cães entre lambidos e algazaras; do nitrir equino até a conjugação carnal dos animais maiores. Curiosidades que exalam perfumes e lubrificam a pele tornando erótica uma pequena viagem entre a casa e o trabalho, principalmente com uma agradável leitura: “Chegara-se, farejando ansioso, cheirara o focinho da vaca, cheirara-lhe o corpo todo: erguera a cabeça aspirando ruidosamente o ar mostrando, no arregasar luxurioso da beiça, a gengiva superior desdentada; soltara um berro estrangulado (...). O touro lambeu a vulva da vaca com a língua áspera, babosa, e depois, bufando, com os olhos sanguíneos esbugalhados, pujante, temeroso na fúria do erotismo, levantou as patas dianteiras, deixou-se cair sobre a vaca, cobriu-a, pendendo a cabeça à esquerda, achatando o perigalho de encontro ao seu espinhaço. A vaca abriu um pouco as pernas traseiras, corcovou-se, engelhou a pele das ilhargas para receber a fecundação. Consumou-se esta em uma estocada rubra, certa, rápida¹²⁶” .

A reunião torna-se o evento mais importante daquele dia, principalmente porque ao se falar em disciplina vão se constituindo eventos que corroboram para atuação controladora

¹²⁶ Ribeiro (1938), 2002. p. 09.

do conselho da faculdade. O exercício de poder sobre o corpo é a prioridade no conselho que procurava criar alunos-máquinas e professores-máquinas, capazes de serem analisados e disciplinados submetendo-se a uma “coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos¹²⁷” . Não se pode esperar do conselho operação diferente. Súcia de pretendentes a disciplinadores; matilhas de algozes procurando motivos para punir (e vigiar); caterva pervertida pelo desejo de poder, por uma vontade de proibir, pela ambição de julgar e pela prerrogativa de decidir; *parlamento das Galhas*¹²⁸ que se amontoam de lugar em lugar em todo momento e, dependendo do que se pretende, exercitam um poder disciplinar de corpos, mentes e espíritos. Sem pátria ou matéria autoral, instituem episódios fictícios, demasiadamente ornamentados, descritos por ocorrerem nos corredores, bastidores entrecortinados, e nas salas, presentes, aparentes e superficiais ao envolver, ler, projetar e abrolhar perversas, cômicas e produtivas ocasiões cuja performatividade é exigida, imposta e cobrada procurando-se confeccionar aparências padronizadas. Ao mesmo tempo, nesses episódios, a heteronormatividade, dentre outras bandeiras, é arrebatada do seu lugar sossegado e obrigada a dançar com instáveis e ameaçantes insubordinações. Na primeira

¹²⁷ Foucault, 1984, p. 164.

¹²⁸ Pivovar, 2002.

sala, um docente ocupando a moldura homoerótica é assentado em situações em que processos de rotulação e disciplinamento estão presentes, pois se espera que tenha mais jeito ou maiores destrezas artísticas e que por isso deva dar conta dos eventos festivos da instituição, aspecto bastante comum dentre as flechas normativas que atravessam a rotulação em que se assenta a abjeção. Estas práticas “não somente ‘fabricam’ os sujeitos como também são, elas próprias, produzidas (ou *engendradas*) por representações de gênero, bem como por representações étnicas, sexuais, de classe, etc.¹²⁹”. Na sala imediata, fulminantes olhares ambicionam e torcem para que o homoerotismo possa criar situações constrangedoras de assédios entre professores e alunos. Nela ocorre de questionarem-se notas ou conceitos alegando-se que alguns foram beneficiados pela dita *orientação sexual* do docente e que este persegue, por exemplo, as meninas, como se agissem tal como os pais de alunos da educação infantil, exigindo da escola que retire do contato dos alunos o docente acreditando-se que este possa “contaminar” a criança com o homoerotismo. O terceiro e fictício episódio se passa na própria sala de reuniões da faculdade onde as lentes transparentes apontam a falta de compromisso do docente associando-a à diferença de gênero, como se esta característica profissional fosse mais comum no homoerotismo. No processo de julgamento atribui-se à condição

¹²⁹ Louro, 1997, p. 88.

de carência emocional/afetiva a um docente mais exigente ou rigoroso quanto às atividades pedagógicas da disciplina que ministra sugerindo que a falta de parceiros ou de atividade sexual possa interferir no humor do docente. Há, ainda, um processo de especulação quando o professor não segue o estigma de conquistador das alunas apresentando-se mais reservado, pois, mesmo que não seja visto ou rotulado por meio da alcunha da diferença de gênero, está assumindo uma postura “duvidosa”. De outro ponto de vista, nos discursos postos em circulação, o docente, no momento chamado de homossexual, é tomado como um sujeito com maior competência que os outros, uma vez que apresenta atributos profissionais feminilizados e comuns à performatividade construída para o que se considera gênero feminino, como a pontualidade e a organização. Mesmo assim, a rotulação e o disciplinamento de corpos, bem como a performatividade hetero ou homo, é o principal mote de debates. Exercita-se, no espaço de reuniões, etapas do aparelhamento e efetivação do trabalho pedagógico contidas no controle e disciplinamento da discursividade que se faz circular sobre este lugar, mesmo considerando que na docência do ensino superior exista a necessidade de se assumir os mais variados propósitos, como o desenvolvimento da pesquisa e a realização de atividades de extensão. Denota alegar que estes diferentes momentos estão atravessados por olhares ou perspectivas distinguidas quanto ao desenvolvimento destas

atividades envolvendo polêmicas em torno do homoerotismo e exigindo performatividades pautadas no academicismo ou do cientificismo ou, por outro lado, forjando identificações heteronormativas. O atravessamento de processos normativos por meio de uma constante vigilância condiciona a diferença controlando também a forma de vivenciá-la, sendo que a maquinaria de docilização pode diferir de outras miragens, como na escola básica, em que as subjetividades são tomadas de perspectivas diferenciadas estando atravessadas, por exemplo, por representações de pais do que se espera da docência, inclusive quando se fala em formatos de convencionalismos. São discursos diferenciados que aprisionam e rotulam os corpos no circuito, por exemplo, da cientificidade, subsidiados por práticas e agenciamentos de controle que mascaram as possibilidades subjetivas de se experienciar a docência e transitar por diferentes adjetivações na busca de se traçar outras marcas. No entanto, etiquetar, apresar, impedir e negligenciar se assentam como operações comuns no interior de conselhos: espaço de reuniões, avaliações e planejamento onde se projeta e opera a educação. Congregação diabólica; cancha fétida de dejetos onde conspiram uns contra os outros. Ambientes sem alegria, onde o único gozo é o de padronizar, organizar, classificar. Oráculo em que a consulta é permitida desde que não se insulte a inquisição dos sentidos. Espaço de enfermos podres e andrajosos, guardiões de uma sabedoria

secular, universal, tosca e maléfica; *Éforos*, abutres, amaldiçoados na abjeção de sua pele em busca de carne para dissecar: “Os Éforos, sacerdotes dos antigos deuses, porcos bastardos, mais criaturas que homens, criaturas que até mesmo Leônidas deve subornar e implorar. Nenhum rei (...) foi para uma guerra sem a bênção dos Éforos (...). Velhos místicos, inúteis (...) restos de uma tradição insensata; tradição que nem mesmo Leônidas pode descartar. Ele deve respeitar a palavra dos Éforos. Essa é a lei, e nenhum (...) súdito ou cidadão, homem ou mulher, escravo ou rei está acima da lei (...). Os velhos pútridos têm necessidades humanas e almas negras como o inferno¹³⁰” .

Dia abstruso. Praga do apocalipse, corrosão destrutiva, para esquecer, distanciar-se e afogar-se no absinto. Do inferno ouve-se o gorjear da *Gárgula* – Quimera híbrida filha dos ventos violentos de *Tifão*¹³¹ com o monstro-mulher *Equidna*¹³² – que sobrevoa rasante querendo sorver e jorrar como água o sangue que circula nas veias que sobraram e drenar a enxaqueca que se instalou. Mil anjos desabados precipitam-se ao abismo da pele porosa. Legião indomada que faz circular veneno pelas extremidades mais visíveis do corpo: *Lúcifer*, estrela *D’ alva*,

¹³⁰ Narrativa de David Wenham como Dilios, narrador-onisciente de *300*. Filme norte-americano produzido a partir da história em quadrinhos homônima de Frank Miller sobre a Batalha das Termópilas. Dirigido por Zack Snyder e distribuído pela *Warner Bros Pictures*, a partir de 2006.

¹³¹ Pai dos ventos ferozes na mitologia grega.

¹³² Serpente-mulher, esposa de Tifão e mãe de todos os monstros, na mitologia grega.

planeta de *Vênus*, condenado por *Ezequiel*¹³³, até se transformar no sedutor *Belzebu*, deslizando nas entranhas e provocando calafrios; *Beliel*, rei do inferno, apagando as luzes do saber para instalar o caos da desejada ignorância e da busca por prazer, subindo os patamares da escalada lista *Goetia*; *Shemhazai*, garantindo que as almas e o mundo das ideias fiquem onde estão subjugadas pela experiência humana, sem alma, sem paraíso e distorcida; *Azazyel*, contrariando *Rafael* e contando os segredos dos aparelhos mais fulminantes e exterminadores; *Yekun*, *kesabel*, *Gadrel*, *Penemue*, *Kasyade*, e toda o exército, conspirando pela rebeldia, pela busca da orgia entre céu e inferno, pelo mundano, pelo sadismo, pela mentira, simulacro e simulação, revelando os segredo dos espíritos. Para evocar espíritos, dançar com demônios; sorver a gosma verde em forma

¹³³ Livro bíblico, ver cap. 28. ¹²... Tu eras o selo da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. ¹³ Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônia, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados. ¹⁴ Tu eras o querubim, ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. ¹⁵ Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. ¹⁶ Na multiplicação do teu comércio encheram o teu interior de violência, e pecaste; por isso te lancei, profanado, do monte de Deus, e te fiz perecer, ó querubim cobridor, do meio das pedras afogueadas. ¹⁷ Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti. ¹⁸ Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te veem. ¹⁹ Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; em grande espanto te tornaste, e nunca mais subsistirá” . (Ezequiel, 28: 12-19)

de *ectoplasma*¹³⁴ que *Ghostbusters*¹³⁵ quaisquer se recusam a encontrar; perseguir a hora do inesperado em busca de corpos selvagens capazes de promover algazarras, de abrir *a fenda do tempo* e promover *a dança da morte*¹³⁶; pedir carona para semideuses da insônia e do devaneio: *Apolo*¹³⁷ em busca de um *Jacinto*¹³⁸ para devorar, aflorar, devassar e *Dionísio*¹³⁹ procurando o vinho para embriagar e igualar humanos a deuses. Melhor procurar um botequim, para beber, para comer e para porfiar.

5.1.3 - *Ágape*

Depois de um implexo dia, e de um pedaço de pão como almoço, sair com os colegas da faculdade para um restaurante no finalzinho da tarde apraz como um tentador convite. Talvez não um convite, mas uma rotina que se instaura a cada reunião do conselho como uma espécie de confraternização por ter sobrevivido a uma longa e desgastante jornada digna dos liceus de Atenas. No banquete tem-se de tudo: desde maldições, reclamações, desabafos, injúrias, confabulações, inquisições

¹³⁴ Substância descrita na parapsicologia por sair de corpos ou objetos, podendo ser percebidas por médiuns e materializar-se em formas ou partes do objeto ou coisa materializada.

¹³⁵ *Os Caça-Fantasmas* comédia americana de 1984, dirigida por Ivan Reitman.

¹³⁶ “A fenda do tempo” (*The Langoliers*, 1995) e “A dança da morte” (*The Stand*, 1978), filmes lançados a partir da obra de Stephen King.

¹³⁷ *Deus da divina distância*, um dos principais deuses do Olimpo, na mitologia grega.

¹³⁸ Mortal desejado pelas divindades, na mitologia grega.

¹³⁹ Filho de Zeus, representante do ciclo vital, das orgias e do vinho, na mitologia grega.

até às brincadeiras que fazem circular discursos convencionalistas, aviltamentos, dentre outros prazeres que o escárnio e a abjeção incitam a produzir. Bruscamente ouve-se um esbravejar: - Não, mas tu não podes falar disso, por que tu não gostas de mulher. Tu não sabes o que é isso! Tu só gostas de homem, só gostas de macho. São posturas, gestos e linguagem que denotam agressividade, principalmente porque ninguém vai dizer para um hetero: - Não, tu não podes falar de gay, porque não és gay! Mas parece que o inverso é tão caricato, é tão estigmatizado que às vezes se vê que isso acaba sendo uma ofensa que deixa poucas opções, a não ser sair na esportiva e dar uma resposta brincando: - Pelo menos provei os dois lados e tu tens que provar o outro lado pra dizer se és gay ou não. A grande saída é sempre levar na brincadeira e não partir para a agressividade ou, mesmo, encarar tudo isso como agressividade, já que esta é uma questão muito subjetiva você avaliar o que é agressividade e o que não é - pensou. Rodadas de carne de sol, bronzeada e succulenta por sangue de mico regada; rodadas de salada verde, com pepinos e berinjelas, larvas verdes e olhos azuis; rodada de espetinhos com lombinhos suínos e de cobras, lagartos e libélulas; asinhas de frango, de morcego e carcará; rodadas de peixe assado na lenha com escamas de peixe e de dragão para não grudar na grelha; rodada de feijoada com bucho de tubarão algoz, todos servidos com a mais elegante etiqueta viking.

Magos e feiticeiras temperam do seu jeito o banquete:

“PRIMEIRA BRUXA - Atirai no caldeirão entranhas em podridão. Os sapos das pedras frias que durante trinta e um dias suaram seu bom bocado, jogai no pote encantado. TODAS - Mais dores para a barrela. mais fogo para a panela. SEGUNDA BRUXA - Lombo de cobra novinha, atirai no pote asinha, pé de sapo e lagartixa, de cão a língua que espicha, pelos brandos de morcego, asa de bufo-sossego, de lagarto a perna fina, acúleo de colubrina jogai na sopa do mal nesta mistura infernal. TERCEIRA BRUXA - Três escamas de dragão, com bucho de tubarão que os mareantes intimida; cicuta à noite colhida, bofes de um judeu malvado, ramo de teixo tirado em noite de muito escuro; beiço de tártaro, o duro nariz de turco, o dedinho de uma criança sem linho que matado a mãe houvesse sem dizer nenhuma prece. Deixai bem forte a mistura; juntai do tigre a fressura, porque nosso caldeirão tenha caldo em profusão. TODAS - Mais dores para a barrela, mais fogo para a panela. SEGUNDA BRUXA - Esfriai com sangue de mico que o encanto ficará rico. (...) ¹⁴⁰” . Conversa hora desagradável, hora produtiva não se digere; não se traga a comida de uma só vez; não se serve frio o prato do desagravo; não se brinda com talheres; não se corta sem sangrar; não se morde sem rosnar; não se caçoa sem ter graça; não se embebeda sem a malvada. Rodadas da maldita, malfeitora e relaxante pra deixar rubro o nariz, deixar

¹⁴⁰ Shakespeare, 1954. p. 94/5.

sonolento o corpo e fazer urinar: “PORTEIRO - em verdade senhor, ficamos a beber até o segundo canto do galo, e a bebida, senhor, é um grande provocador de três coisas. MACDUFF - Quais são as três coisas que a bebida provoca especialmente? PORTEIRO - Ora, senhor, nariz vermelho, sono e urinas. A lascívia, senhor, ela provoca e deixa sem efeito; provoca o desejo, mas impede a execução. Por isso pode se dizer que a bebida usa de subterfúgio com a lascívia: ela a cria e a destrói; anima-a e desencoraja-a; fá-la ficar de pé e depois a obriga a não ficar de pé. Em resumo: leva-a a dormir com muita lábia e, lançando-lhe o desmentido, abandona-a a si mesma. MACDUFF - Penso que a bebida te lançou o desmentido esta noite. PORTEIRO - Foi isso mesmo, senhor, que ela fez comigo, pela garganta adentro. Mas eu lhe dei o troco do desmentido; porque sendo, como penso ser, mais forte do que ela, embora por vezes ela me quisesse passar rasteira, acabei por jogá-la ao solo”¹⁴¹. Da bebedeira discursos foram produzidos; inebriaram-se os sentidos, alegres vikings começaram a troçar como no comercial de TV sobre, “o arroz, o feijão, sem falar no paio, que é uma conotação sexual de muito mau gosto”¹⁴²; xingaram-se; alteraram-se; abraçaram-se cantando versos confusos e sem rimas:

Aqui foi visto o traseiro cair
A quatro ébrios, vivos peões

¹⁴¹ Shakespeare (1611), 1954. p. 46

¹⁴² Filme promocional do CONAR - Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária, 2013.

De um banquete que os fez nutrir
 Foram-se lombos, coxas e varrões.
 Tudo apagado se viesse à rede.
 Sal e vinagre, até escorpiões
 Valeram muito a quem tinha sede ...¹⁴³

Saíram d' ali, como se de um exorcismo: sem demônios, sem dragões, sem opiniões.

5.1.4 - 90 tons de encarnados

O feriadão do mês de novembro lembrava que as festas do final de ano estavam chegando e, na correria das prestações de contas quanto a relatórios, boletins e listas, um final de semana desses servia, dentre outras coisas, para fazer uma pequena viagem de retorno para Belém. No mínimo duas horas e meia de viagem de ônibus garantia um sono reparador da ressaca naquele botequim. Conseguiu tomar o último ônibus junto com os alunos do curso noturno do *campus* de Bragança, contou três ou quatro poltronas e encontrou um amigo professor com quem conversou alegremente sobre o feriado e sobre o jantar até cair no sono. Sono forasteiro, madornando. De vez em quando via luzes passar pela janela e ouvia a buzina de algum carro na estrada e, de vez em quando, via-se num quarto escuro nos encovados de um botequim em que mal podia distinguir os olhos vermelhos que o fitavam, semelhando *Alaster*¹⁴⁴ escolhendo a

¹⁴³ Rabelais, (1532)1997, p. 160.

¹⁴⁴ Demônio torturador de *Sobrenatural*, série de TV americana produzida pelo canal *The WB* e dirigida por Eric Kripke.

vítima, enquanto mãos firmes abriam-lhe os botões da roupa. Um frenesi instaurava-se ao ouvir o barulho das conversas dos alunos no ônibus ou mesmo dos mais exaltados no *cabaré*. Uma mistura de desejo e ansiedade, o fazia repetir várias vezes um nome, ou vários nomes, como se a evocar demônios. Sentiu-se acariciado no ombro e boca, então abriu levemente os olhos e viu um sorriso que gentilmente solicitava os bilhetes de passagens - entregou-os. Percorreu o ônibus com os olhos e constatou o quanto este estava lotado, pois as pessoas acomodavam-se como podiam: uns sentados no colo dos outros, outros nos apoios de braço das poltronas, outros, ainda, de pé segurando-se como podiam. O som das conversas e risadas produzia na viagem uma sensação festiva, como se a taberna fosse ali. As luzes voltaram a se apagar e ficou, por um momento, tentando distinguir as imagens e vultos que emergiam da sombra do ônibus na estrada, hora pareciam com silhuetas femininas, hora pareciam um grupo de rapazes de braços dados, hora semelhavam-se a revoada de albatrozes sobre o rio. Uma fumaça cheirosa lembrava cigarro com sabor de cravo ou de um incenso de mesmo aroma. As imagens agora pareciam mais claras: um grande salão onde homens e mulheres dançavam e riam ao som de canções sertanejas precisava ser atravessado até o bar em que se podia solicitar um *drink*. Hesitou, pois estava confortável no ambiente com pouca luz. Sente, subitamente, um calor de suspiros junto a sua nuca com uma voz que em

sussurros convida-o para retornar. Percebe seu corpo tocado entre por mãos que deslizam dos joelhos até o peito e desenharam o contorno dos braços até prenderem-se na cintura enquanto, com um movimento firme, muda o seu corpo de posição. Uma proximidade covarde, confusa e desejada ocorre enquanto é invadido por dentro ferozmente. Ouve o próprio gemido e sente os quadris desenharem círculos enquanto embalados delicadamente, volta a gemer e sente outras investidas e retiradas em um crescente ritmo que acelera e torna irregular a respiração, até o corpo se convulsionar e, em seguida ficar paralisado, sentindo-se somente o pulsar do peito. Indescritível sensação de morte, ou quase morte, sublime, confusa, êxtase arrebatador que misturava sensações do *ser* sem sujeito, um “ser aberto à morte, ao suplício e à alegria sem reservas, o ser aberto e moribundo, doloroso e feliz, já aparece em sua luminosidade velada: essa luz é divina. E o grito que esse ser de boca torcida deforma talvez, mas profere, é uma imensa *aleluia* perdida, num silêncio sem fim¹⁴⁵”. Por um momento não distinguia onde estava e em que estado da matéria se encontrava.

- Aquele que é o seu gato professor? Vi como ele mantinha a mão sobre um de seus joelhos... Acho que tentava lhe acalmar e acalantar a viagem - comentou uma aluna do curso de matemática, assim que o viu na segunda seguinte, demonstrando

¹⁴⁵ Bataille, 2003. p. 14.

saber mais da viagem e do sonho do que devia - Penso que poderíamos sair com os colegas para uma peixaria no final da tarde. O que o senhor acha? Ele respondeu com um sorriso, apanhou a pasta com textos e encaminhou-se para a sala.

5.1.5 - Oba!Oba!

As palavras da aluna do curso de matemática ficaram como bumerangue indo e voltando então, considerou se discutir sobre gênero e sexualidade em uma turma de matemática não parecia desafiador. Ainda bem que não seria este o caso, sopesando-se a resistência que há quanto aos chamados *assuntos pedagógicos*. Há que se debater bastante acerca do que seria a prática pedagógica dos licenciados nesta área de conhecimento. E se ainda cabe uma divisão entre assuntos pedagógicos e assuntos específicos de área, já que o que importa é a produção e circulação de conhecimento. De qualquer maneira, produz-se e se faz circular na universidade um discurso de que há um diferencial muito grande entre os professores oriundos das licenciaturas, principalmente os pedagogos, que os define enquanto flexíveis quanto à avaliação e relaxados enquanto disciplinadores das turmas. Apresentar características homoafetivas ou homoeróticas, então, os torna mais ainda vulneráveis aos jogos performáticos dos alunos quanto a avaliações e métodos de trabalho, dentre outros. Uma vez que,

em comparação com os ditos *heteros*, o chamado professor *gay*, e, sobretudo, o professor que vem da Pedagogia, é visto como alguém que tem pouca autoridade e disciplina para conduzir os trabalhos em classe. O professor é tido como *oba-oba* e descrito como aquele que é *gay* e que, por isso, admite tudo, releva tudo, tem pensamento e julgamento feminino; que é possível abusar, *deitar e rolar*; que não há autoridade e austeridade, como os professores machões, que são pais de família e que são heterossexuais. Os alunos tem reverência a estes professores e questionam o potencial de quem não se enquadra nesta moldura. Uma expectativa, se não fica clara, vai aos poucos se tornando transparente, é a de que ser da área da educação e vir de um curso como o de Pedagogia é ter predisposição às *rodinhas*; às dinâmicas metodológicas; à avaliação formativa; ao excelente enquanto conceito generalizado; aos trabalhos para pesquisa fora da sala de aula e à abertura para as subjetividades. No imaginário dos alunos, eles reproduzem: - *É da pedagogia, é bem fresco, é bem um gay, vai já vir com dinâmica, vai já vir com aquelas brincadeirinhas... E depois eles falam isso pra gente mesmo. Eles dizem: - Ah, professor a gente já lhe via nas outras salas e a gente sabia que o senhor era dinâmico, que o senhor era brincalhão. Então eles vão usando sinônimos pra não dizer gay, mas eles dizem brincalhão, risonho, simpático o que, no fundo, significa ser gay. Devir docente da educação, contudo,*

é permanecer na inconstância de fazer-se enquanto campo em travessia, um lugar menos definido e mais linha de fuga. Mais desejo e vontade do que determinação, andar na corda circense e cambiar para qualquer dos lados. É construir, fazer, experimentar, e constituir-se enquanto sujeito a caminho, incompleto, inconcluso, indefinido entre a alegria do não saber e o encargo do não fazer igual, repetido, enfadonho.

A turma de Letras parecia á vontade e também curiosa quanto à discussão proposta. Inesperadamente, aquele grupo que se amontoava nas cadeiras mais escondidas a um canto da sala, passa a circular com maior desembaraço. Um perceptível rebolado; um jeito melhor nos cabelos; e brincadeiras do tipo beijar o próprio ombro pareciam ser mais comuns naquele dia. Apresentaram-se três rapazes: Halle Berry¹⁴⁶, porque provocava tempestades com trovoadas como no filme; Naomy, a morena¹⁴⁷ e Anahi, a molequinha¹⁴⁸. Então questionou a si próprio sobre ficar escondendo-se sob a camuflagem machista, que não estava dando resultado, ou fazer o que gostava – ministrar sua aula-show. Aula com mais frescor, maior leveza, menos canônica e circunspecta com um número diversificado de informações; com troca de olhares; um jeito guri e descontraído de abordar os assuntos; piadas para deixar à vontade; informações para

¹⁴⁶ Halle Maria Berry norte-americana que interpreta Storm, a tempestade da trilogia *X-Men* da Marvel Comics, 1963.

¹⁴⁷ Fazendo-se referencia a supermodelo e atriz britânica Naomi Campbell.

¹⁴⁸ Referência à **RBD**, grupo musical mexicano surgido em 2004 na novela adolescente *Rebelde*.

desestruturar o lugar comum; suspeição dos dados; caminhar pela sala; ouvir mais; falar mais; construir a fiação de conhecimentos; e não se camuflar; não se esconder; ninguém queria uma máscara, queria usar diversas máscaras: hora de albatrozes, hora de oncinhas, hora de galinhas, de urso, com suas performances, sua desenvoltura, seu desejo. A sala de aula é mesmo um espetáculo; um palco em que a aula exige tudo do professor e o público seduzido e interpelado interage e aplaude. Coisa para *gay* mesmo, um aspecto cênico, engraçado e performático movimenta corpos, produzindo corpografia do infame, corpografema do desejo, da alegria, da devassidão, do *topa-tudo*. A sala de aula é a vida. E a aula-show muitas vezes ocorre por motivo algum, outras vezes é planejada pensada naquela dinâmica dos objetivos e conteúdos, pois ao se demonstrar que o professor pensa somente em brincadeira, é necessário fazer entender que é brincadeira mesmo e também mais que isso, pois há uma seriedade que somente a brincadeira permite. Passam-se provas, exigem-se trabalhos, exposição e preleção, mas, nem por isso se deixa de brincar. Fala-se da genética, da biologia, da cultura, de pessoas; fala-se do hibridismo da mistura e da diferença; pensa-se na justiça e no direito; reflete-se sobre pré-conceito e aceitação; problematiza-se sobre a vida; piagetia-se e foucaultia-se, com crochê, tricô e pó de arroz. E se tenta, mas não se compreende o porquê do assédio das meninas a um professor enquadrado em

uma moldura homonormativa. Lembrou então de um livro que sugere ser o estranho fascinante, capaz de mexer com o imaginário até tornar-se objeto de desejo e titubeia em puxar uma discussão sobre o desejo, para ver se provocava aquelas alunas que rodeavam a mesa como libélulas sobre a água. Muito *engraçadinhas*: primeiro tentavam descobrir se havia homoerotismo, depois, se confirmada a teoria, começavam aquele jogo de sedução, amarrando e desamarrando a camisa que deixava à mostra o umbigo e descuidando-se das pernas ao sentar-se com a microssaia. Há muita imaginação circulando ali e fetiches sobre a hora “h” sobre o beijo, e daí pra frente. Na aula não convencional que o classicismo lá do *Centro de Educação* não recomendaria, sentiu-se assediado, interpelado, chamado, deslocado, instigado, provocado a aceitar o convite para a peixaria.

5.1.6 - Sabatinagem: jogos de desejo

Caminhar pachorrentamente do *campus* à peixaria e observar a paisagem, eis uma prática do desejo. Bragança é sem dúvida a terra das veleidades: uma brisa bate do rio Caeté e deixa a cidade com aspecto de nevoeiro, principalmente após as chuvas características do inverno paraense. O frio e o cheiro de maresia são convidativos para os quiosques de beira-rio para se tomar um bom coquetel misturando gim com vermute branco

seco ou mesmo para saborear uma moqueca de peixe no estilo paraense, com tucupi e pimenta, ou baiano, com dendê e leite de coco. Paisagens diversas misturam o comércio de especiarias com o comércio convencional; hibridizam a figura do moderno com o tradicional; do idoso com a criança e dos meninos com as meninas.

Enquanto andavam a passos lentos, pensou na paisagem, na arquitetura, no comércio e na tradicional sexta local que prejudica os mais apressados e desavisados por quererem ser atendidos de meio dia às quinze horas; na performatividade homoerótica flagrante nas caçadas, no andar das crianças indo à escola; no penteado e no batom dos adolescentes com seus *shorts* curtinhos colados ao corpo; no sorriso e olhar dos rapazes nos bares, curiosos pela presença de um conhecido que não veem faz algum tempo. Olhares testam, experimentam, provam. Sentidos se confundem, esbraseiam a pele; sentimentos se convertem e renegam a tradição. Poros, suores e rubores, afogueiam o pensamento, distorcem as convenções. São lugares de nomes comuns e paisagens inesperadas: alunos andam de mãos dadas, beijam-se; nas festas tem homem se beijando com homem, mulher com mulher, tem as paradas *gays* e se vê todo mundo se confraternizando, experimentando, enquanto os olhares desafiam, examinam os sentidos. Prova de veemência é sair à tardinha para uma volta na orla do Caeté:

Quente

Úmido
 Vibrante
 Suor
 Brisa
 Ventania
 Burburinho
 Maresia
 Pisos
 Passos
 Corpos
 Praça
 Peixe
 Água
 Som
 Sombra
 Afagos
 Abraços
 Risos
 Flashes¹⁴⁹

E, apesar do rio, da brisa e da energia vibrante da praça e dos abraços cujas fotos foram postadas, das gargalhadas sem motivos e com entusiasmo, não se escapa da pergunta que não cala mesmo: - *Cadê a sua esposa professor?* E cada vez é mais difícil eleger uma resposta: - *Não tenho. Tenho um rapaz, um namorado.* Sou *gay*. E conter o riso, e manter a reverência. Reverência não, pois não lhe soa bem esta palavra e já não quer repeti-la, mas manter o reconhecimento de que por um instante é professor e que, apesar de toda a necessidade de vivenciar as trilhas da abjeção de *um homem que ri*¹⁵⁰, que condena a Deus colocando seu riso na face do Demônio fazendo

¹⁴⁹ À tarde. Gerlândia Silva, 2014.

¹⁵⁰ HUGO, Victor, 1869.

com que as pessoas se tornem perigosas ao ter medo do que é diferente; vivendo no teatro ambulante, excomungado socialmente; aberração para os sentidos mais sinceros; agressão para os perversos costumes; vagante da noite, usuário da máscara de ferro, voltará para a sala, *teatro ambulante de Guynplaine*, e vestirá o disfarce, simulacro de homem, *devir* e homem, mesmo. Engana-se ao pensar-se rindo e emite constantemente o riso que quer esconder, o que acaba por ser engraçado fazendo rir, no escárnio e na esbórnica. Necessita olhar melhor, não através, e sim no lanço, e ver o que está escancarado, na face e no *face*. Ali há muitos meninos e meninas que, embalados na rede e fora dela, já não querem esconder, pois fazem valer, agridem, aparecem, chocam pedem que outros os acompanhem, uma vez escrito no *face* e visto na pele não permite ser escondido, pois o camuflado também é lido e compreendido. Beberam comeram, dançaram, postaram, consultaram, enviaram, receberam, povoaram o *WhatsApp* até por volta de dez da noite quando metade do grupo se despediu. Enquanto saíam, viam-se chegar alguns carros com professores do *campus*.

5.1.7 - Gaiola de Miss Saia Dourada

Aquele se faz mesmo um local apazível. À noite os quiosques da beira-rio vão aos poucos dividindo lugar com os

bares e restaurantes mais sofisticados que abrem as portas com diferentes atrativos: música ao vivo com tonalidades e imagens convidativos. A música brega, as baladas, o forró e o rock criam a trilha sonora para o cheiro de churrasquinho com as frituras de hambúrguer, misturados ao perfume de mariscos, cigarros e gente que, de vez em quando, ao cair de uma bruma, se amontoam em mesas nos interiores dos botequins. Falação, som alto, murmurinho, xavequinho, meia luz, meia noite. Gente que chega e sai; revezamento de mesas, de garçons. Imagens na TV, na rua, nos carros e bicicletas. Faróis que expõem os pingos da garoa, o vento que sacode as armações de metal e plástico para proteger da chuva. Bandejas cheias, copos, garrafas, tilintar, brindes, gargalhadas, beijos, chuva mais forte, mais mesas, maior proximidade, mais perto, mais comum, bermudas, saias, sandálias, salto, pastas, celular. Isto é pouco descritível se se quer sentir o pulso, o impulso de uma noite qualquer, mesmo no meio da semana. A ideia de sair d' ali não cairia bem em momento algum, principalmente com a chegada dos professores. Todos conhecidos, homens e mulheres que formavam um grupo descontraído e diverso que ria o tempo todo, mesmo sem motivo aparente, talvez para os outros, pois pensavam saber o que lhes causava graça. Primeiro, era uma piada atrás da outra que misturavam poemas de Bocage às sátiras de *mocinhas*. Segundo, todos se tratavam por nomes afeminados, ou seja, mesmo em se tratando de rapaz ou moça, o

primo do cara!¹⁵³” . Estes são modos interessantes para deixar mais leve e, ao mesmo tempo, mais homoerótico, o diálogo, além do jogo com preferências, orientações e perversões. Falar da Dária, então, e de suas peripécias ao lado da Teté, outro codinome, na coordenação de um *campus*, era o que mais provocava risos:

- Você viu? A Drica se aliou à Teté para provocar a Dária e agora é refém da Teté. Não sei quem morde com mais veneno - dizia um.

- Mas a Drica é sórdida. Merece o que está passando - respondia outro.

- Manas. Quem pensa que a Drica está acabada, deve contar, ainda, com muito veneno na manga - rebatia um terceiro.

- A Teté tem sido implacável na campanha antecipada - completa o primeiro - Acho que ela cria muitos cães porque não tem o carinho de pessoas, conclui.

- A Dária se revoltou no debate... Levantou as saias e rodou à baiana - diz o segundo - ela me ligou cedo com dúvidas se eu era a Leandra Leal ou o Leandro.

¹⁵³ Fala de Bob Esponja no episódio do Acampamento em *Bob Esponja Calça Quadrada* (SpongeBob SquarePants) série animada de Stephen Hillenburg no ar desde 1999.

- E então, Mana, vais relatar o baile de máscaras? -
alguém ao fundo.

- Menina teve de tudo! Concurso de beijo; concurso de bola de chiclete e concurso de *Miss Saia Dourada*. A Sigueija e a Lula Molusca ganharam pelo beijo mais estiloso ao usarem como estratégia o sorvete, criando o beijo sabor milho. A Claudinha levou a *miss* chiclete porque fez uma bola imensa que grudou nos cabelos. Depois, a chistosa caiu no chão, sem ar, e todas foram abaná-la. Não! O mais engraçado foi mesmo o desfile. Elas organizaram três conjuntos: simpatia, fantasia e desenvoltura. Saiu de tudo! Com arranques e saltos, beijos foram jogados e os acenos não permitiam levantar os braços para não ferir a boa etiqueta *miss*. Também foram esvoaçados os cabelos, as penas e as roupas, para que a fantasia se tornasse autêntica. A Gisa¹⁵⁴ foi levada a sério como a mais imitada. Se bem que estavam mais para Leandra Borges: a) Andar como se estivesse pulando buraco (pulando buraco, pulando buraco, pulando buraco, pulando buraco, pulando buraco, pulando buraco pulando buraco!); b) Parar e fazer cara de rica (encarar com firmeza a câmera) Âãh!; c) Dar meia volta e retornar soprando o pum (mãos e braços balançam atrás do corpo)¹⁵⁵. E, ao final, sobraram três bonecas segurando firmes as mãos umas das outras, ansiosas pelo resultado da votação. Quando,

¹⁵⁴ Referência a Gisele Caroline Bündchen, modelo e atriz brasileira.

¹⁵⁵ Baseado na fala de Ingrid Guimarães representando Leandra Leal no vídeo show de 27/03/2014.

finalmente, o nome saiu, a eleita desprende as mãos das outras e as empurrou para trás, tomando impulso para se lançar à passarela com a coreografia da rainha do carnaval. Dito isto, Lula Molusca levanta-se, bate o pé no chão firmemente, dá um passo à frente, segura um sorriso quadrado, faz gestos expressivos com mãos e braços, imitando uma odalisca, joga a cabeça para o lado, como se quisesse erguer o queixo e balançar os cabelos ao mesmo tempo (com o detalhe de que é calva) e some entre as pessoas que se aglomeram mais uma vez.

5.1.8 - Dança perniciososa

Era possível ver Lula se afastando quando flagrantes olhos fitavam a mesa. As moças estavam dançando e seus passos encurtavam cada vez mais a distância entre elas e o grupo de professores. Eram esguias e pequenas e vestiam-se de forma semelhante: as quatro trajavam calça estilo *Saint-Tropez*, com o umbigo e boa parte do corpo de fora, com cores diferentes, imitando Nolan Ross¹⁵⁶, com miniblusas ao estilo Beyoncé¹⁵⁷, de modo que grande parte do abdômen ficava à mostra. Uma delas se destacou em fitar mais claramente à mesa, enquanto as outras se olhavam perplexas:

– O que é que está olhando, queridinha? Resmungou alguém.

¹⁵⁶ Nolan Ross. Personagem milionário é o gênio da informática, interpretado pelo ator Gabriel Mann na série americana *Revenge*. As calças coloridas aparecem mais na terceira temporada.

¹⁵⁷ Cantora pop Americana.

- Eu não dispenso esta aí. Comentou outro.

Imediatas *imagens* e lembranças misturaram-se com as cenas que se seguiam, naquele instante, pintando formas distorcidas e outros momentos em que tentava namorar as meninas. Isto era lei, uma vez que os primos e primas, mesmo os que vivenciavam o homoerotismo, procuravam namorar e casar como exige a normatividade hetero. Aos dezenove e vinte anos todos recusaram aceitar, ou mesmo cogitar admitir socialmente, outras formas de existência. A namoradinha, grande amiga, dá risadas ao lembrar as extravagâncias e admite ter tentado de tudo para convertê-lo, mesmo sabendo que era guerra perdida. A dançarina mais exibida aproximou-se um pouco permitindo perceber que usava *piercing* no umbigo e fez questão de deixar isto bem claro ao agitar os quadris de um lado para o outro. Com um movimento, a moça ergueu delicadamente um brinde com o copo que segurava na mão esquerda e deixou a todos sem resposta. Puseram-se a observá-la. O corpo esguio era projetado de um lado para o outro enquanto o ventre lançado para frente e para trás permitia aparecer marcas do biquíni, cada vez que a calça milimetricamente descia. Era uma dança perniciososa, lasciva e bélica, pois como um fuzil AK-47, tomava *de assalto* ao lançar chispas de convite sensual:

Torva, febril, torcicolosamente,
numa espiral de elétricos volteios,
na cabeça, nos olhos e nos seios
fluíam-lhe os venenos da serpente.

Ah! que agonia tenebrosa e ardente!
 que convulsões, que lúbricos anseios,
 quanta volúpia e quantos bamboleios,
 que brusco e horrível sensualismo quente.

O ventre, em pinchos, empinava todo
 como réptil abjecto sobre o lodo,
 espolinhando e retorcido em fúria.

Era a dança macabra e multiforme
 de um verme estranho, colossal, enorme,
 do demônio sangrento da luxúria!¹⁵⁸

Dançar e ver dançar o réptil *abjecto* é atizar o demônio da luxúria. É perder-se noite adentro rodeando o castelo (casa de saúde) de Bataille. É cair em sono profundo enquanto contempla a chuva e escorregar no barro espoliando, no lodo torcilolando.

5.1.9 - *Do Réveillon à ressaca*

Acidente ou acaso perturbador é permanecer na ribanceira do outeiro vestindo flamejantes chispas de lua enquanto espera, impacientemente, o *planeta melancholia*¹⁵⁹ passar exigindo que, sob sua força, se busque abrigo e proteção uma vez lançado sobre o corpo aquele redemoinho presentificado no deleite de um santuário profanado, já que: “No mesmo templo

¹⁵⁸ Cruz e Sousa. p. 51.

¹⁵⁹ Alusão ao filme *Melancholia* de Lars von Trier, 2011.

do deleite/A velada Melancolia tem o seu santuário¹⁶⁰”. Não velada, mas exposta, não contemplada, mas devassada, uma melancolia que atravessa, atassalha, cintila, impaciente, ambiciona expor-se, fazer circular, juntar pedaços, estilhá-los, caçoá-los, achincalhá-los, reescrevê-los “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia¹⁶¹”, e refazer desse conúbio rearranjos libertinos. Na descida da colina, mesmo desnudado e travestido em luzes,

As cássias escorrem
Seu ouro a teus pés
Conheço o soneto
Porém tu quem és?¹⁶²

Da extremidade dos pés até os lábios, frêmitos misturam-se com sussurros, empalidecem a pele, deixando-a *délavé* e desgastam o tônus muscular até tornar pétreo por completo o contorno do corpo, uma vez que não é fácil definir-se capturar-se. O que menos interessa é o que foi dito sobre si ou quem o disse, porém, ainda há algo que precisa ser dito sobre a docência ou sobre o caminho do homoerotismo. Aleatório, pouco desenhado, nada esperado, constitui mais labirintos do que caminhos, mais perdições e perversões do que cortesias e amabilidades. Na melancolia, um *déjà vu*: em meio a um teatro de fardas, patentes e distintivos, de súbito: nasce

¹⁶⁰ John Keats, *Ode on Melancholy*, 1819.

¹⁶¹ Machado de Assis: Memórias póstumas de Brás Cubas. 1880. (1994)

¹⁶² Vinicius de Moraes.

um bebê! Cria que não herda costumes, valores e anseios, pois se fazendo, construindo-se em um *devir* criança. Lugares de incertezas, imprevistos, improvisos e inscrições trazem as saias douradas, a escola, a sala de aula, o botequim e o restaurante. Âmbito inconcluso, trilha sonora e sem rumo que põe a dançar os braços tatuados do homem do mar com a dançarina de ventre de fora, o dragão, a rosa e as bruxas sheakespereanas com o sorriso de Hugo; a alegria na melancolia de Michelangelo com a leveza de Calvino. Pesada melancolia, insólita rebeldia, indomada fuga, tangente, a mais bela das visões passando à frente de Justine¹⁶³. Atinou ser mesmo melancolia, mas era ressaca. Pensou que iria amanhecer urinando muito e com o nariz vermelho, mas não bebeu para ficar embriagado, pois sabia que no meio da semana teria que acordar bem disposto. Depois, bebida alcoólica não era o seu forte. Parou a contemplar o espelho e notou algo diferente: uma sensação se instalou e ativou os sentidos de tal forma que pareceu sair das sombras de Alighieri, atravessou a loucura de Brown até se precipitar no abismo em busca do inferno e do *devir* loucura. Ouvia, e pela primeira vez, distinguia o que a vizinha da janela ao lado *bodejava*, tal como uma cabra velha ou um bode mesmo, dirigindo-se ao marido fanfarrão e chamando-o de sem iniciativa e encostado. Sentiu um perfume que remetia à casa da avó, um cheiro forte de feijão cozido com carnes e

¹⁶³ Personagem do filme *Melancholia* de Lars von Trier, 2011.

condimentos na panela de pressão parecia vir do andar de baixo. Conseguiu entender, enfim, as regras do *Tacobol*¹⁶⁴ jogado pelas crianças na esquina do cemitério que ficava em frente de casa. Notou a pele mais porosa, os cabelos oleosos, como se a brisa da manhã permitisse a hidratação. Algo acontecia, mas evitou pensar sobre isso, somente não podia desviar-se da leveza, da serenidade, da tranquilidade. Era disso que precisava, pois ficaria ao computador pelos menos nas próximas oito horas concluindo a finalização de mais um conto que iniciara à noite passada quando descendo às escadas, deu de cara com uma escola e uma academia problematizadoras da diferença e produtivas, em se tratando do pensamento da multiplicidade

¹⁶⁴ Jogo de rua brasileiro que descende do *cricket* britânico.

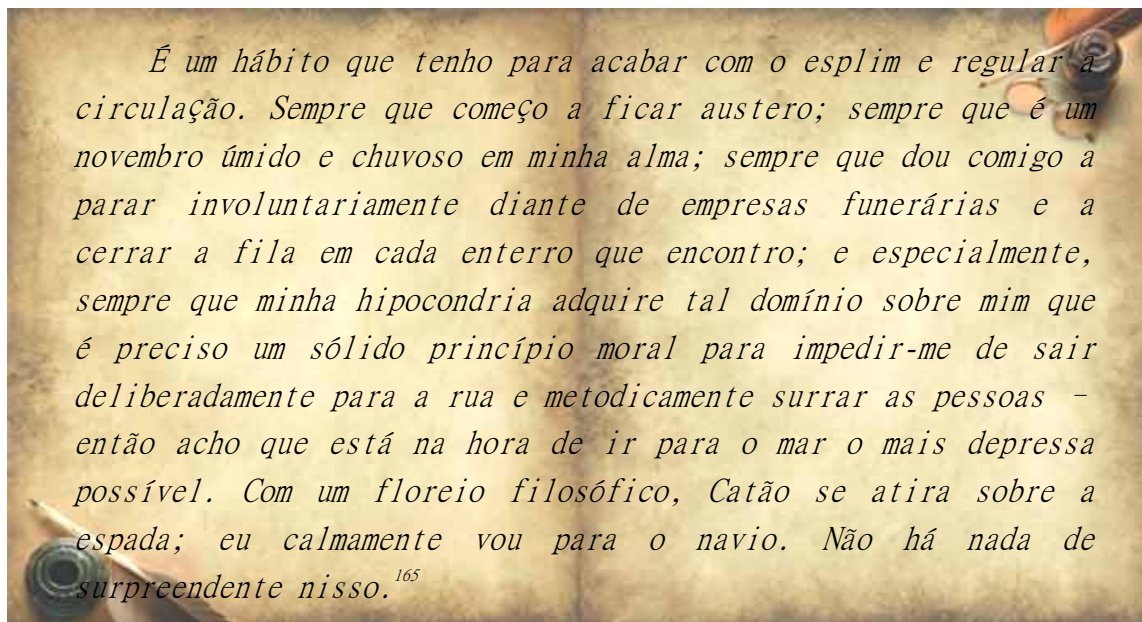
ARREMATES:

*Eu queria ser um bicho representativo de todos os vossos gestos,
Um bicho que cravasse dentes nas amuradas, nas quilhas
Que comesse mastros, bebesse sangue e alcatrão nos conveses,
Trincasse velas, remos, cordame e poleame,
Serpente do mar feminina e monstruosa cevando-se nos crimes!
E há uma sinfonia de sensações incompatíveis e análogas,
Há uma orquestração no meu sangue de balbúrdias de crimes,
De estrépitos espasmados de orgias de sangue nos mares,
Furibundamente, como um vendaval de calor pelo espírito,
Nuvem de poeira quente anuviando a minha lucidez
E fazendo-me ver e sonhar isto tudo só com a pele e as veias!
(...) No seu total de crimes, terror, barcos, gente, mar, céu, nuvens,
Brisa, latitude, longitude, vozeria,
Queria eu que fosse em seu Todo meu corpo em seu Todo, sofrendo,
Que fosse meu corpo e meu sangue, compusesse meu ser em vermelho,
Florescesse como uma ferida comichando na carne irreal da minha alma!
(...) Ser o meu corpo passivo a mulher-todas-as-mulheres
Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas pelos piratas!
Ser no meu ser subjugado a fêmea que tem de ser deles
E sentir tudo isso - todas estas coisas numa só vez - pela espinha!
Ó meus peludos e rudes heróis da aventura e do crime!
Minhas marítimas feras, maridos da minha imaginação!
Amantes casuais da obliquidade das minhas sensações
Queria ser Aquela que vos esperasse nos portos,
A vós, odiados amados do seu sangue de pirata nas minhas sensações!
Queria ser Aquela que vos esperasse sonhos!
Porque ela teria convosco, mas só em espírito, raivado
Sobre os cadáveres nus das vítimas que fazeis no mar!
Porque ela teria acompanhado vosso crime, e na orgia oceânica
Seu espírito de bruxa dançaria invisível em volta dos gestos
Dos vossos corpos, dos vossos cutelos, das vossas mãos estranguladores!
E ela em terra, esperando-vos, quando viésseis, se acaso viésseis,
Iria beber nos rugidos do vosso amor todo o vasto,
Todo o nevoento e sinistro perfume das vossas vitórias,
E através dos vossos espasmos silvaria um sabbat de vermelho e amarelo!
A carne rasgada, a carne aberta e estripada, o sangue correndo! (...)*

Álvaro de Campos - *Ode Marítima*

PERCURSOS PIRATAS A CAMINHO

ARREMATAS: PERCURSOS PIRATAS A CAMINHO



Oceano. Mar desmedido que acabaria com o esplim, qualquer tédio, qualquer sisudez e pensamento sério, academicista e científicista. Sempre que a hipocondria usurpa, há que se buscar o oceano. Não é à toa que Melville inicia o seu mais conhecido livro caminhando ao mar. Há que se perder no oceano, mas no mar das palavras, não à procura da calma ou de uma suposta paz. O pélogo de escrituras não traz serenidade, pois redemoinho de forças em agitação que é, de estrépitos espasmados de orgias de sangue que o faz, jamais tornaria calma a fúria de um bicho que enterra os dentes nas amuradas. Sua orquestração de balbúrdia anuvia qualquer lucidez, fazendo do mostro o amigo, da serpente o leito e da devassidão dos amantes, traço da obliquidade de todos os efeitos. Peripécia

¹⁶⁵ Herman Melville, *Moby Dick*.

menos acadêmica e mais responsável. Performances de linguagem em ebulição. Discursividade repleta de significados que instauram debates não standardizados, dispersos, confusos e conflituosos. Denotados modos de captação de não verdades e prófugas composições. Desejos de produzir experiência. De varar madrugadas adentro, dentro da pele e na superfície desta, por baixo e sem lençóis, sem pudor, com velas, lâminas, borrões e borracha, cordões, bastões e cadernos. Linguagem devassa postada de costas e de ventre venerando e punindo, ao erguer uma igreja divina para o Diabo que este não dá conta de carregar. Decisiva errância de uma escolha metodológica, deslize de erros por estes configurarem o acerto não homologado. Excursão aberta, sem volta e mais profunda por uma história que não foi contada, já que rabiscada e descontínua, desenhada no calor da emoção da hora e da invenção. Pertinência de sentidos, sentimentos de rejeição de corpos, de cheiro, de rasgos e de murmúrios em succulento balanço que acelera cada vez mais num mar em fúria. Realidades forjadas e rajada líquida nos espelhos, produzindo orgasmos reais. Rio em travessia, perigoso a caminho, sem saber da hidra, sem ver o fim. Solitária andança por cruzamentos de emoções: um autoprazer, um prazer de si, subjetivado, compartilhado por mãos que deslizam e escorregam, enquanto querem e desejam esquadrinhar e devassar o outro, abocanhá-lo e tragá-lo na antropofagia do não saber, necessária e faminta da negação de

Teseu e da afirmação de *Dionísio*. Discursividade nômade por deuses traída, por teóricos abandonada, sem bênçãos recebidas. Tropeça por aqueles labirintos sem portos seguros com multidões de metáforas e transnomações, antropomorfismos e desumanizações, em surrealistas imagens, provocando hibridismos do homem com o barco, dos pés com a escada, da cabeça com o ventre, da língua e a caneta. Encontra-se, por vezes, perdida, descendo uma ladeira, ouvindo pedais de bicicletas, com pedras na passagem, matos na ribanceira, fronteira estrada para múltiplos sítios. Vozes ecoam e os sons aumentam: pedais, pedras, bicicletas, acelerada ladeira. Edifício em construção com muralhas altas e vizinhança curiosa. Domicílio inconcluso, débitos, consortes, cães e demônios, hospitais e afazeres reinventam as noções de céu e inferno não ousados na cantoria de um *Baleiro*. Categórica escolha de prosseguir em Sodoma e Gomorra sem olhar a destruição que a falta de fé produz por instaurar não verdades e esperar poucas conclusões ao perceber que quando o paradoxo da significação se instala sujeitos fronteiras são produzidos entre/através, e paralelamente, aos lugares simbólicos das subjetividades abjetas. Suspeitas confirmações de que uma experiência homoerotizada, docencializada e atualizada em um *continuum* de problematizações, recolocações e invenções, produz-se enquanto lugar do adiamento e do *dever* e que diferentes chamamentos interpelam aos atravessamentos das

fronteiras das identificações fixas para o lugar da diferença. Incerta presunção de que deslocamentos de placas e geleiras performáticas movimentadas no arranjo dos acontecimentos da experiência passam a ocorrer em uma relação produtiva com a abjeção para, em negociação, constituir sujeitos-fronteira nos entre lugares simbólicos do homoerotismo e o da docência. Perigoso colóquio com um escopo filosófico que pretensiosa, pernicioso e inconsequentemente tornou o pincel mais leve e inventivo e a tarefa de Sísifo menos pesada por insinuar agenciamentos em conexão e interpelamentos com outros agenciamentos que provocaram um enveredar por linhas descontínuas interligadas com outras linhas que não as amoedadas pela disciplinaridade investigativa, assumindo os discursos como máquinas, em conexão com outras máquinas, produzindo maquinaria experimental, combinações e multiplicidades, hibridismos e metamorfoses em linhas escapadiças de uma escrita móvel de traçados perturbadores e *devires* minorias fugidias. Em costuras inacabadas de casacos de arlequim, envereda-se por viagens frinchadas, pouco presumidas e se deixa seduzir e interpelar por traçados escorregadios em sobressaltos e abalos numa escrivantina de vida que, ao puxar os cadernos, faz diferentes anotações, inicia alfarrábios, desfaz-se de outros, adia a leitura, leu do fim pra frente e, mesmo na abjeção e na diferença, construiu positividade. Escrita inconsequente, não se negou à

experimentação de muitos livros e neles pôde transitar pela sala de aula, monstro cheio de tentáculos cujos trapos e andrajos desenham subjetividades; pelo oráculo, conselho acadêmico, corja de leões em exercitam a disciplinarização e o controle; pelos bares lascivos, pela estrada profana, pelos desejos absurdos. No acelerar das horas, sem cronômetro: *Twenty four*, ou *Touch*, sutherlandando, embrenhando a madrugada, ou normandiando no *Bates motel* para alienar e esgotar o tempo do relógio na consumação da insônia que não tolera pensar. Já não é permitido adormecer, por isso: *The Edukators* para desarrumar a bagunça e desentediado o espaço, despovoar o pensamento e descentrar as decisões ou, em vez de Alighieri, um Brown, menos inteligente, menos complicado, pois fibonacciar o pensamento, para quem lida com a *mathema*, é criar provocações, quebra-cabeças bélicos, brincadeira de criança. Dos caminhos errantes ficou a suposição de que os lugares simbólicos da abjeção constituem fronteiras onde, em um bailar de libélulas, a diferença produz adiamentos do homoerotismo e da docência, fabricando sujeitos híbridos, *devires Sirigueijas*, *Lulas moluscas* e *Leandras*, misturando monstros, homens, cadeiras, docentes e aprendizes, com dezenas de cabeças e línguas de *Medusa*, com o cérebro no peito e o olho nas mãos, evitando parafrasear Bataille. Das metáforas, ecos e aliteraões, catacreses e antropomorfismos, nem tudo pôde ser dito havendo sempre necessidades de outras parábolas,

esfinges e questões problemáticas, de reinvenções e movimentos, torções e incorporações. Raros arremates são tirados, a não ser da dificuldade nietzschiana no trabalho com a razão que, mesmo concluído provisoriamente, logo dá ânsia e sede de ser reinicializado, como se um novo brinquedo fosse desejado, e da provisoriedade das verdades que se ama sempre como próprias, mas genuinamente apropriadas, já que construídas em meio às querelas dos sentidos, bem como do abandono dos portos teóricos que chamados e queridos partem ao menor sinal de desgaste amoroso, deixando sem chão quem se apega demais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALÓS, Anselmo Peres. Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética *queer*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 18(3): 837-864, setembro-dezembro/2010.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno, Purgatório e Paraíso*. (Tradução e notas de Ítalo Eugênio Mauro). Editora 34, São Paulo, 1999.

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Nos limiões de pensar o mundo como representação. **Pro posições**. Campinas, v. 17, n.1 (49), jan./abr.2006. p. 177-194. (<http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/edicoes/texto48.html>)

_____, Três crianças a compor um plano para o currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 411-426, set./dez. 2013.

ANDRADE, Carlos Drummond de, *Para Sara, Raquel, Lia e para todas as crianças*. *Revista Espaço Acadêmico* - Ano 11 - nº 12 - maio de 2002 - Mensal.

ANTUNES, Ana Luiza Rodríguez. **Homossexualidade**: a mestiçagem que Jorge Amado não viu. Um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado. PUCRS/PPGL. (Tese de Doutorado) Porto Alegre, 2009.

ASSIS, Machado de. **Esaú e Jacó**. Ed. Nova Cultural, 2003.

_____, **Memórias póstumas de Brás Cubas**(1880). 28ª edição: São Paulo. Editora Scipione, 1994.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

BARTHES, Roland. **Fragments de um Discurso Amoroso**. Trad. Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**: ensaios sobre fenômenos extremos. Tradução de Estela dos Santos de Abreu. 4ª edição. São Paulo: Papirus Editora, 1998.

_____, **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BATAILLE, Georges. **História do olho**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **Na Força da Idade**, v.1. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.

_____, **O Segundo Sexo**, v.1, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIM, Walter. **O narrador**. Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas. São Paulo: brasiliense, 1985.

BROWM. Dan. **Inferno** (tradução Fabiano Morais e Fernanda Abreu). São Paulo: Arqueiro, 2013.

BUTLER, Judith, **Bodies that matter, on the discursive limits of "sex"**. Routledge New York & London. 1993

_____, **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, Guacira L. (org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. BH: Autêntica, 1999.

_____, **Criticamente subversiva**. In: JUMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgressoras**. Uma antologia de estudos queer. Barcelona: Icária Editorial, 2002, p. 55 a 81

_____, **Cuerpos que Importan**. Barcelona: Paidós. 2002a.

_____, **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

_____, **Deshacer el Género**. Barcelona: Paidós. 2006.

CABRAL, Arthur Grimm (et. al.) **sexo, abjeções e devires** (abalos discursivos entre corpos travestis). Disponível em: www.identidade.org.br/2010 capturado em: 20/10/2010.

CARNEIRO, E. A. & CARNEIRO, E. C. **Notas introdutórias sobre a análise do discurso**. 2007. Disponível em www.overmundo.com.br/ Capturado em 01 de junho de 2011.

CORAZZA, S. M. O docente da diferença. **Periferia**, vol. 1, nº 1, 2008a. (disponível em: www.ufrgs.br/faced).

_____, **Os Cantos de Fouror: Escrileitura em Filosofia-Educação**. Porto Alegre: Sulina & UFRGS, 2008b.

COSTA, M. V, **Sujeito, e subjetividade nas tramas da linguagem e da cultura**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2000, p. 29-46.

_____, **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, Gilcilene Dias da. Por uma Educação Leve - ao Modo de Zaratustra. **Morpheus** (UNIRIO. Online), UNIRIO - RJ, v. 6, p. 01-10, 2005.

CRUZ e SOUSA. **Broqueis, Faróis, Últimos sonetos**. Editora Martin Claret, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. 1^a ed. Brasileira. Trad. Ruth Dias e Edmundo Dias. Rio de Janeiro. Editora Rio, 1976.

_____, **Différence et répétition**. Paris: PUF, 1993.

_____, **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** Volume 4, Rio de Janeiro, Editora 34, pp. 18-19. 1997.

_____, PARNET Claire: **Diálogos**. Paris, Flammarion, 1996. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.

_____, GUATTARI, F. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Vol. 5. 1. Reimpressão. São Paulo: Ed. 34, 2002.

Deleuze, Gilles (1969). **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva. 2003

DOSTOIEVSKI, Fyodor (1866). **Crime and Punishment**. Phoenix-Library.org. 2001.

EIRO, Jorge Leal. **Arquitexturas dos afetos: esrileituras sobre desenhos de artistas-professores**. UFPA, Tese de Doutorado (no prelo), 2014.

Figueiredo, 2008. FIGUEIREDO. F. A. **Soldados não choram: a vida de um casal homossexual no exército do Brasil**. São Paulo (depoimentos a Roldão Arruda), Globo, 2008.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, novembro, 2001. Disponível em: www.scielo.br/pdf/cp/n114 (Capturado em 25/06/2010) .

_____, A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa V. (org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2^a ed. RJ: DP&A editora, 2002, p.39-60.

FOUCAULT, Michel, **A Ordem do Discurso**. 1971. Disponível em www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/ordem.html. Acesso em 10 de setembro de 2010.

_____, **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal. 1979.

_____, **La verdad y las formas jurídicas**. Barcelona. Gedisa, 1980.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____, **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, (1969) 1986.

_____, **Tecnologias del yo - Y otros textos afines**. Tradução de Mercedes Allendesalazar. 1a. ed. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990. 150p. (Coleção Pensamiento Contemporáneo, 7).

_____, **Dits et écrits**. Gallimard. Paris, Vol. IV. 1994.

_____, **A ordem do discurso**. Trad. Brás. De Laura Fraga Sampaio. 7^a ed. São Paulo; Loyola, 2001.

_____, A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____, O que é um autor? In: **Ditos e Escritos III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____, A vida dos homens infames. In: **Ditos e escritos: estratégia, poder-saber**. Vol. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____, M. Sade, o sargento do sexo. In: **Ditos e Escritos III Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____, **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FRANCINI, F. "Futebol é coisa pra macho". **Revista Brasileira de História**, São Paulo: v.25, n.50, p. 315-328, 2005

FRANCO, NEIL. **A diversidade entra na escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras da sexualidade e do gênero**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. 2009.

FREUD, S. (1974). A dissolução do complexo de Édipo. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das **Obras Psicológicas Completas** (Vol. XIX, pp. 215-226). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. (1933[1932]) Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXIV: Explicações, aplicações e orientações. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 167-191. (Edição Standard Brasileira, Vol. XXII).

GASTALDO, Édison "O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares. **Horizontes Antropológicos**. vol.11 no.24 Porto Alegre July/Dec. 2005.

GATTI, Bernadete A, **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002 (série Pesquisa em Educação V. 1).

_____, Pesquisa, educação e pós-modernidade: confrontos e dilemas. **Cadernos de Pesquisa**. v. 35. nº 126. São Paulo, set/dez. 2005.

GOELLNER, S., Gênero, Educação Física e Esportes. In.: Votre, S. (org.). **Imaginário e Representações Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001. p. 215-227.

_____, **Bela, feminina e maternal**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003.

_____, Mulher e Esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In. SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p. 359-373

_____, Gênero. In. González, F.J; Fensterseifer, P. E. (Orgs). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

_____, **Mulheres e futebol no Brasil**: entre sombras e visibilidades. RBCE. Campinas, v.19, n. 2, p. 143-151, 2005a.

GREGOLIN, Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Editora Claraluz, 2007.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo, São Paulo, editora Brasiliense, 1987.

HABERMAS, J. **Discurso filosófico da modernidade**. Lisboa\; Dom Quixote, 1990.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A. 1997.

_____, A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2. 1997a. p. 15-46.

HUGO. Victor. **Os Trabalhadores do Mar** - (1866) Ed. Nova Cultural, 2002.

HUGO, Victor, **L'homme qui rit**. Éditions Albin Michel, Rue Huyghens, 22 Paris. 1869.

JULIO, Josimeire Meneses. **Física e masculinidades: microanálise de atividades de investigação na escola.** PPGWD/UFMG (Tese de doutorado). Belo Horizonte, 2009.

KHALIL, Gibrán. *El loco*. Longseller (Clásicos de Siempre), Buenos Aires: 2007. (1918).

KIERKEGAARD, Sören. **O Desespero Humano**. (1849) Trad. Adolfo Casais Monteiro. Coleção Os Pensadores. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1988.

KNIJNIK, J. D; VASCONCELLOS. E. G. Sem impedimento: O coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In COZAC. J. R. (Org.). **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte**. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003. p. 2-18.

_____ e SOUZA, J. S. S. de. Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p. 191-212.

KRISTEVA, Julia. **Semiótica do romance**. 2 ed. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, 1978.

_____. **Pouvoirs de l'horreur**. Essai sur l'abjection. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

_____. **Revolution in the Poetic Language**. New York: Columbia University Press, 1984.

_____, **Poderes de la perversion**. Ensayo sobre Louis-Ferdinand Céline. 6^a Ed. Siglo veintiuno editores. Madrid, 2006.

LARROSA, J, Tecnologias do eu e educação. *in*: SILVA, T. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis, RJ: 5^a edição, Vozes, 2002a.

_____, Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *in: Revista Brasileira de Educação*. Jan/fev/mar/abr 2002b. n^o 19.

_____, **Linguagem e Educação depois de Babel**. Coleção Educação: experiência e sentido. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____, **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução: Alfredo Veiga-neto, 4^a edição. Belo Horizonte; Autêntica, 2006a.

_____, La experiencia y sus lenguajes. (conferencia) **La formación docente el siglo XIX y el siglo XXI**. Serie Encuentros y seminários, 2006b.

_____, e SKLIAR. **Habitantes de babel**. (Trad. Semíramis Gorini daVeiga). Belo Horizonte: autêntica, 2001.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira. História do espaço e governamentalidade em Michel Foucault. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.36, p.138-148, jan./jun. 2012.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-Moderno Explicado às Crianças**, Lisboa, Dom Quixote, 1987.

_____, **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

_____, **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 3^a ed., 2006.

MARSHALL, James. Governabilidade e educação liberal. *in: O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, RJ: 5ª edição, Vozes, 2002.

MELVILLE Herman, **Moby Dick** (1851). Ed. Nova Cultural, 2003.

MORAES A. T. **O discurso em Foucault: noções para uma prática jornalística**. *XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste - Goiânia - GO 27 a 29 de maio de 2010*. Disponível em: www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R21-0050-1.pdf. Capturado em 28 de setembro de 2010.

MORAES, M. R. de. Estética e horror: o mostro, o estranho e o abjeto. **Literatura e Autoritarismo** Dossiê “Escritas da Violência”. 2008. Disponível em: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie/art_11.php

MACIEL, Patrícia D. Um estudo da produção acadêmica brasileira sobre homossexualidade na docência nas pesquisas em educação. **IX ANPED** Sul. 2012

MUSSKOPF, André Sidnei **Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil/André Sidnei Musskopf; orientador Rudolf von Sinner**. - São Leopoldo: EST/PPG, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para a genealogia da moral**. Adaptação de Oswaldo Giacóia Júnior. São Paulo: Scipione, 2001.

_____. **A vontade de poder**. Tradução: Marcos Sinésio Fernandes e Francisco José de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NODARI, Karen Elizabete Rosa. Pelos traços do impensado na escola. *in: CORAZZA S. M. (ORG). Fantasias de escritura: filosofia, educação, literatura (p.143-171)*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PACHECO, Eduardo Guedes. Ensaio da (dês)educação musical, in. CORAZZA, Sandra Mara. **Fantasia de escrituras**: filosofia, educação, literatura. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 37-50.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elias. **As grandes teorias da linguística**: da gramática comparativa a pragmática. Trad. Maria do Rosário Gregolin, et al. São Paulo: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX, M. **O Discurso** - estrutura ou acontecimento. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1983.

PETERS, Michel. **Estruturalismo e pós-estruturalismo**. Disponível em [www.rubedo.psc.br artigos/Michel Peters](http://www.rubedo.psc.br/artigos/Michel_Peters). (capturado em 31-05-007).

PIMENTEL, Nilton Poletto: **Narrativas muito ordinárias**: fragmentos indiciários da trajetória escolar de homens gueis. Orientadora: Cecília Maria Aldigeri Goulart. Niterói-RJ/UFF, 21/09/2007. Tese (Doutorado em Educação).

PIVOVAR, A. O parlamento das gralhas. **Educar**, Curitiba, n. 20, p. 87-105. 2002. Editora UFPR.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. 3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.

POSSAMAI, Paulo e NUNES, Anderson, O tema da homofobia em dissertações e teses. **MÉTIS**: história & cultura - v. 10, n. 20, p. 273-284, jul./dez. 2011

PRIGOGINE, I. O fim da ciência? In: SCHNITMAN, D. F. (Org). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes médicas, 1996. p. 25-40.

PRINS, B, e MEIJER, I. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Estudos feministas**, 155. 1º bimestre, 2002.

RABELAIS, François. **Pantagruel**: rei dos Dípsodos (1532). 2ª edição. Lisboa, MCMXCVII, 1997.

RAMOS, Benedito. **Doce de mamão macho**. 1ª ed. Maceió: Catavento, 2006.

RIBEIRO, Júlio (1938), **A Carne**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da Loucura** (1509). (Tradução, prefácio e notas: Maria Isabel Gonçalves Tomás). São Paulo: Publicações Europa-América, 1973.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. A. Chelini et al. São Paulo: Cultrix, 1974.

SENA, Tito. **Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: As sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas**. UFSC/CFHC/PPGICH. (Tese de doutorado) Florianópolis: Julho, 2007.

SELIGMANN-SILVA Márcio. Arte, dor e Kátharsis ou Variações sobre a arte de pintar o grito. **ALEA**. Vol. 5 n. 1 jan/jun 2003 p. 29-46

_____, Sombras e luzes: reprodução técnica, os rastros efêmeros do desaparecimento e o “puro traço” na obra de Regina Silveira. **O eixo e a roda**: v. 20, n. 2, 2011.

_____, Mal-estar na cultura: corpo e animalidade em Kafka, Freud e Coetzee. **ALEA**, vol. 12 n. 2 julho-dezembro 2010 p. 205-222.

SHAKESPEARE, William **Titus Andronicus**. Edição: Ridendo Castigat Mores. 2000.

_____, **Macbeth**. Ed. Ediouro, Rio de Janeiro, 1954.

SILVA, Katia Krepsky Valladares. **Sexualidade feminina e docência**: desvelando tabus (Tese de Doutorado) PPGED/UFF2009.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____, **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____,(Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA. Gerlândia de Castro. **Travessias de formação e atuação docente:** movimentações identitárias presentes nas práticas discursivas de professores de licenciaturas da UFPA; Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, 2008.

_____.Os lugares do conhecimento sobre homossexualidade e educação: produção em teses nos programas de pós-graduação das universidades federais brasileiras no período de 2005-2011. p. 276-277. Anais do **4o. Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação; 1o. Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação.** Org. Fabiana Marcello (et al). Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

SILVA, Josenilda Maués, **Espelho líquido:** a vida cotidiana de uma escola ribeirinha no Estado do Pará. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1983.

_____, **Escolarização e produção de subjetividade:** capturas e sedições. (Tese de Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica. São Paulo,1998.

_____, Casaco de arlequim: composições provocativas para outras práticas. In: SANTOS, Eunice et al. (Orgs.). **Territórios didáticos.** Belém, E. F. S. 2000. p. 13-34.

_____,Vestígios de investigação sobre currículo e formação de professores. In: GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. **Currículo e políticas públicas.** Belo Horizonte, Autêntica: 2003.

_____, O currículo no trabalho com narrativas no Ensino Superior. **28ª ANPED.** GT nº. 12. 2005. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/gt12.htm>

_____, o currículo sob a cunha da diferença. 29^a ANPED. GT n^o 12. 2006. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT12-2367>

_____, Uma política de escrita para a investigação curricular: inflexões deleuzeanas. In: **Anais do X Colóquio sobre Questões Curriculares / VI Colóquio Luso Brasileiro de Currículo**. Belo Horizonte-MG, 2012.

SOBRINHO, Lemuel Dourado Guerra. O pós-modernismo e as ciências sociais: anotações sobre o atual estado da discussão. **Impulso**. Revista de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba Vol. 12. n.º 29, 2001.

STOKER, B. *Drácula*. Trad. de Theobaldo de Souza. Porto Alegre, L&PM. 1993.

TALBURT, Susan. Introdução: contradicções y posibilidades Del pensamiento queer. In: _____ e STEINBERG, Shirley. (Eds). **Pensando queer: sexualidad, cultura y educación**. Barcelona: Graó, 2005, p. 25-34.

THECKHOV, Anton. **As três irmãs** (1901). Ed. Nova Cultural, 2002.

VASCONCELOS, Mario Cesariny de (Org.) **A intervenção surrealista**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1966.

VIEIRA, Padre Antônio. **Sermões (Parte 1)**. Ministério da Cultura, Fundação BIBLIOTECA NACIONAL. Departamento Nacional do Livro. <http://www.bn.br/bibvirtual/acervo>.

VILLAÇA, Nízia. Sujeito/objeto. **LOGOS 25: corpo e contemporaneidade**. Ano 13, 2^o semestre 2006. pp. 73-84. Disponível em: www.logos.uerj.br/